



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Tecnologia e Ciências
Instituto de Geografia

Marcela Bonelli Zarur

Jorge Zarur e a Geografia Brasileira

Rio de Janeiro

2016

Marcela Bonelli Zarur

Jorge Zarur e a Geografia Brasileira

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mônica Sampaio Machado

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

Z38 Zarur, Marcela Bonelli.
Jorge Zarur e a Geografia Brasileira / Marcela Bonelli
Zarur. – 2016.
103 f.: il.

Orientador: Mônica Sampaio Machado.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.
Bibliografia.

1. Zarur, Jorge, 1916-1957 – Teses 2. Geógrafos –
Biografia – Teses. 3. Geógrafos – Brasil – Teses. 4.
Geografia – Brasil – Teses. 5. Geografia – História-
Teses. I. Machado, Mônica Sampaio. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia. III.
Título.

CDU 929:911(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Marcela Bonelli Zarur

Jorge Zarur e a Geografia Brasileira

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

Aprovada em: 29 de julho de 2016.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Mônica Sampaio Machado (Orientadora)

Instituto de Geografia - UERJ

Prof^a. Dr^a Cristina Pessanha Mary

Instituto de Geociências - UFF

Prof. Dr. Miguel Angelo Campos Ribeiro

Instituto de Geografia - UERJ

Rio de Janeiro

2016

Dedico essa pesquisa à memória de Jorge Zarur e Cecília.

AGRADECIMENTOS

A realização dessa pesquisa só foi possível devido ao apoio de várias pessoas e gostaria de deixar minha sincera gratidão a todas elas.

Em especial, agradeço à minha orientadora Monica Sampaio Machado que, quando procurada por mim, propôs essa linha de pesquisa que, além da relevância para a história da Geografia brasileira, possui um significado pessoal, uma vez que também faz parte da história minha família. Agradeço também pelo apoio e orientação ao longo desse processo.

Agradeço também às minhas primas Cecília e Marina (netas de Jorge Zarur) por terem me levando até a fonte de vários documentos e materiais inéditos utilizados nesta pesquisa.

Agradeço também à Elza Zarur, nora de Jorge Zarur, por ter me estimulado desde o início a levar adiante esta ideia. Sou grata também pela hospitalidade durante o trabalho de campo à Brasília e pelas incontáveis histórias compartilhadas durante aqueles dias.

Agradeço também aos meus tios Carlos Zarur e George Zarur, filhos de Jorge Zarur, pelas histórias compartilhadas e pela entrevista concedida.

Agradeço à Linda Zarur e Geraldo Zarur por todo apoio durante o trabalho de campo em Taubaté, pelas entrevistas concedidas e pelo material compartilhado.

Agradeço a minha mãe pela rápida e eficiente revisão desta dissertação. Sou grata aos meus pais pelos diferentes tipos de apoio durante esse processo.

Agradeço ainda ao meu companheiro Márcio Alex e à minha filha Mariá, por compreenderem minha ausência em diversos momentos e por todo carinho e amor que me fortaleceram nos momentos mais difíceis dessa pesquisa.

Muito obrigada.

A primeira condição para mudar a realidade consiste em conhecê-la.

Eduardo Galeano

RESUMO

ZARUR, Marcela Bonelli. **Jorge Zarur e a Geografia Brasileira**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Este trabalho apresenta resultados de investigações realizadas sobre Jorge Zarur (1916, RJ -1957,RJ), com objetivo de oferecer um estudo sistematizado e crítico sobre a influência da sua produção intelectual na Geografia brasileira. No trabalho ora proposto serão apresentadas e debatidas a vida e a obra desse importante geógrafo brasileiro de grande contribuição à consolidação e desenvolvimento da moderna ciência geográfica no Brasil, especialmente, entre 1943 e 1957. Formado em Ciências Sociais e Jurídicas e em Geografia, Zarur se dedicou tanto ao magistério, quanto à pesquisa geográfica e ao planejamento territorial. Esteve também diretamente envolvido na implantação e no fortalecimento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo assumido cargos importantes nessa instituição. Foi secretário-assistente do Conselho Nacional de Geografia, do IBGE, no período de 1949 e 1951, assessor do Instituto Pan-Americano de Geografia e História e secretário-geral da Comissão de Geografia do IPGH, de 1946 a 1957. Na Revista Brasileira de Geografia publicou artigos científicos, editoriais e noticiários que constituem fontes históricas valiosas que serão aqui detalhadas e analisadas. Para desenvolver os temas apresentados, este trabalho está organizado em três partes. Na primeira são expostas informações biográficas sobre o autor, sua vida e trajetória espacial. Na segunda, será apresentada e analisada sua produção intelectual, com destaque para os títulos: Análises Regionais, A Bacia do Médio São Francisco e Precisão e Aplicabilidade na Geografia. Na terceira parte, será analisada a sua contribuição para a Geografia brasileira.

Palavras-chave: Biografia. Jorge Zarur, História do pensamento geográfico. IBGE. Análises regionais.

ABSTRACT

ZARUR, Marcela Bonelli. **Jorge Zarur e a Geografia Brasileira**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This paper presents the results of Jorge Zarur's (1916 -1957 RJ, RJ) investigations, in order to offer a systematic and critical study of the influence of his intellectual production in the Brazilian Geography. In the proposed work will be presented and discussed life and work of this important Brazilian geographer who left a great contribution to the consolidation and development of modern geographical science in Brazil, especially between 1943 and 1957. Graduated in Social and Legal Sciences and Geography, Zarur devoted to teaching, to the geographical research and territorial planning. He was also directly involved in the implementation and strengthening of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), having assumed important positions in this institution. He was been a Assistant Secretary of the National Council of Geography (CNG) in 1949 and 1951 period, advisor to the Pan American Institute of Geography and History (IPGH) and Secretary General of the Commission on Geography do IPGH, between 1946 to 1957. In the Brazilian Journal of Geography (RBG) he published scientific articles, editorials and news that are valuable historical sources to be here detailed and analyzed. To develop this research, this work is organized in three parts. The first are exposed biographical information about the author, his life and spatial trajectory. In the second, it will be presented and analyzed their intellectual production, highlighting the titles: *Análises Regionais*, *A Bacia do Médio São Francisco e Precisão e Aplicabilidade na Geografia*. In the third part, his contribution to the Brazilian Geography will be analyzed.

Keywords: Biography. Jorge Zarur. History of Geographical Thought. IBGE. Regional Analysis

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	09
1	BREVE BIOGRAFIA DE JORGE ZARUR	13
1.1	As primeiras influências na formação acadêmica inicial de Jorge Zarur	17
1.2	Novos caminhos e a influência da Geografia americana	25
1.3	A Geografia do Pós-Guerra e o projeto do 1º Censo das Américas	32
1.4	Do amadurecimento profissional à morte prematura	36
2	UM PASSEIO PELA GEOGRAFIA DE JORGE ZARUR	40
2.1	A Geografia no curso secundário	41
2.2	O Canal de São Simão	42
2.3	Geografia: ciência moderna ao serviço do homem	43
2.4	Análises Regionais	44
2.5	A bacia do médio São Francisco: uma análise regional	49
2.6	Precisão e Aplicabilidade na Geografia	63
3	IMPORTÂNCIA DE JORGE ZARUR PARA A GEOGRAFIA BRASILEIRA	71
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	83
	ANEXO A - Planilha Vida e Obra	86
	ANEXO B – Diploma de Mestrado em Winsconsin	87
	ANEXO C – Cartas de Recomendação dos professores Léo Waibel, Finch e Glenn	88
	ANEXO D – Histórico Acadêmico em Winsconsin	91
	ANEXO E – Entrevista com George Zarur, filho de Jorge Zarur	92
	ANEXO F – Entrevista com Linda e Geraldo, irmã e sobrinho de Zarur	96
	ANEXO G – Matérias de jornal sobre os preparativos para o Censo Continental das Américas, de 1950	97
	ANEXO H – Apresentação do livro Geopolítica da Fome, de Josué de Castro	98
	ANEXO I – Carta de Delgado de Carvalho	100
	ANEXO J – Vídeo de 10 minutos sobre Jorge Zarur	103

INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta dissertação é apresentar a vida e a obra de Jorge Zarur (1916 -1957), destacando sua contribuição à Geografia brasileira, em especial no período entre 1946 e 1957.

A hipótese levantada é a de que a experiência de Jorge Zarur nos Estados Unidos abriu caminhos para a discussão sobre a modernização da Geografia no Brasil e para o diálogo com a Geografia estadunidense, o que o torna um dos precursores desse movimento. Sua forte preocupação com o desenvolvimento de uma metodologia para a realização da Análise Regional conferiu pioneirismo às suas ideias de renovação da Geografia, que sofreram forte resistência de um grupo do IBGE vinculado à UDN, partido conservador de oposição ao PSD, ao qual Zarur era vinculado. A Geografia defendida por Zarur nas décadas de 1940 e 1950 deveria ter uma profunda preocupação com a questão metodológica. Deveria ter “precisão e aplicabilidade”, para que pudesse ser utilizada a serviço do homem, através de planejamentos e ações governamentais diferenciadas para cada região. Esta Geografia, a nosso ver, foi precursora da Geografia Tópica e da nova Geografia Regional de matriz norte-americana, que se desenvolveram no Brasil, na década de 1960 e das ações neopositivistas introduzidas pelo IBGE.

Formado em Ciências Sociais e Jurídicas e em Geografia (em 1940), Jorge Zarur (1916 – 1957) se dedicou tanto ao magistério, quanto à pesquisa geográfica e à administração pública. Participou e ajudou a fundar diversas sociedades e associações vinculadas à Geografia. Esteve diretamente envolvido na implantação e no fortalecimento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo assumido cargos importantes nessa instituição, como o de secretário-assistente do Conselho Nacional de Geografia, no período de 1945 e 1951. Sua atuação no campo institucional não se limitou ao IBGE e ao estudo do território brasileiro, tendo participado de diversas instituições internacionais como o Instituto Pan-americano de Geografia e História (IPGH), a Sociedade Interamericana de Antropologia e a Organização dos Estados Americanos, por exemplo.

Jorge Zarur foi o primeiro geógrafo brasileiro a estudar nos Estados Unidos e a realizar o intercâmbio entre a Geografia brasileira e a estadunidense. Em 1942, Zarur foi estudar Geografia em Wisconsin, em um período em que os Estados

Unidos planejam e realizam uma série de estratégias de aproximação com os países da América Latina¹.

A contribuição de Jorge Zarur será crucial para a Geografia material brasileira, principalmente pela sua atuação na elaboração das políticas territoriais nacionais dos anos 1943 a 1957 e para a geopolítica nacional da primeira metade do século XX. Sua vida profissional esteve profundamente vinculada ao planejamento territorial com utilização de modernas técnicas da Geografia regional desenvolvidas nos Estados Unidos e aprofundadas pelos avanços tecnológicos, a partir da utilização de fotografias aéreas para a elaboração de bases cartográficas.

Jorge Zarur acabou se tornando um forte elo entre a Geografia brasileira e Geografia americana, tendo, inclusive, contribuído com o projeto do Pan-americanismo através da coordenação do 1º Censo da Américas, realizado em 1950 e da criação do Centro Pan-americano de Avaliação de Recursos Naturais, projeto que foi interrompido por sua morte repentina.

Entre 1950 e 1957, Jorge Zarur esteve envolvido com o magistério, estabeleceu articulações internacionais, trabalhou na consolidação do IBGE e apresentou importantes contribuições à metodologia da Geografia. Na Revista Brasileira de Geografia e no Boletim Geográfico, importantes periódicos do IBGE, Zarur publicou artigos, editoriais e noticiários que constituem fontes históricas valiosas que serão aqui detalhadas e analisadas.

Ao longo de sua carreira, Zarur desenvolveu estudos e pesquisas em diversas áreas da Geografia humana e física. Era contra a separação entre a Geografia humana e física. Defendeu o dualismo de método e conteúdo, pois acreditava na importância tanto dos estudos da Geografia Sistemática, que conferiam maior precisão aos fenômenos, quanto da Geografia Regional, que tinha o objetivo da síntese e planejamento.

Desenvolveu estudos nas áreas de educação, economia, agricultura, geomorfologia, climatologia, cartografia e geopolítica. Possuía uma profunda

¹ Na biblioteca digital Hathi Trust, foram encontradas diversas publicações da National Planning Association que versam sobre essa preocupação dos Estados Unidos em se aproximar social e economicamente da América Latina. Destaco duas em especial: *America's New Opportunities in World Trade* <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.32106000842259;view=1up;seq=5> e *War and our Latin American Trade Policy* <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.35128000129856;view=1up;seq=3>

preocupação com o levantamento e utilização consciente e planejada dos recursos naturais, e já apresentava da sua análise, a preocupação com a sua preservação.

Do ponto de vista metodológico essa pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamentos bibliográficos e documentais sobre a vida e obra de Jorge Zarur, realizados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Biblioteca Nacional e no acervo da família Zarur.

Um extenso levantamento e análise da vida e da contribuição de Jorge Zarur à Geografia brasileira foram realizados na Revista Brasileira de Geografia (RBG) e no Boletim Geográfico. Na RBG o período compreendeu de 1939 a 1958 e no Boletim, entre 1943 e 1957. Sobre o levantamento documental da família, foram realizados dois trabalhos de campo, em Brasília e em Taubaté. Foram recolhidos depoimentos dos familiares de Jorge Zarur e um rico material documental.

O primeiro trabalho de campo foi realizado entre os dias 15 e 17 de agosto de 2014, em Brasília, local onde morou a viúva de Zarur e seus dois filhos, George e Carlos. Foi realizada também uma visita à antiga moradia de Cecília (a viúva de Jorge), que ainda pertence à família, uma chácara localizada no bairro de Sobradinho onde estava grande parte do acervo documental de Jorge Zarur. O segundo trabalho de campo foi realizado no dia 3 de abril de 2015, em Taubaté, local onde vive uma das irmãs de Zarur, Linda, e dois sobrinhos. Quando a mãe de Jorge Zarur morreu, Linda foi morar com ele e, apesar da idade avançada, 94 anos, ainda tem lembranças da vida familiar do irmão, que foram muito importantes para esta pesquisa. Os documentos levantados e recolhidos nesses trabalhos de campo serão apresentados ao longo desta dissertação.

Uma tabela detalhada foi organizada sobre o levantamento realizado em que foram sistematizadas as diversas informações e documentos recolhidos que podem ser consultados no Anexo I - Vida e Obra de Jorge Zarur. Vale ainda informar que um documentário de 10 minutos foi também produzido, apresentando depoimentos, documentos e a análise da obra e da contribuição de Zarur à Geografia brasileira. Este documentário pode ser consultado na cópia em DVD que consta no Anexo X, ou no site <http://www.grupogeobrasil.com.br/geografo.php?id=42&lab=3>.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. Esta dissertação está organizada em três capítulos. O capítulo 1 apresenta considerações sobre a biografia de Jorge Zarur, buscando demonstrar que a trajetória espacial do geógrafo influenciou sua produção intelectual e na Geografia nacional. O capítulo 2 expõe a

produção intelectual de Zarur, de onde selecionamos algumas obras mais relevantes, com destaque para três obras que tiveram mais influência sobre a Geografia brasileira: *Análises Regionais*, *A Bacia do Médio São Francisco: uma análise regional* e *Precisão e Aplicabilidade na Geografia*. No capítulo 3 será analisada a contribuição de Zarur para a Geografia brasileira.

1 BREVE BIOGRAFIA DE JORGE ZARUR

Neste primeiro capítulo apresentaremos uma breve biografia de Jorge Zarur. Na primeira parte é traçado um histórico familiar onde está relatada a trajetória do seus pais que imigraram para o Brasil vindos do Líbano; e se estabelecem no centro da capital do Brasil. Faremos uma breve contextualização com o momento político da época e então passamos para a “adolescência e juventude”, onde apresentaremos a formação acadêmica de Zarur. Passando pelo Colégio Pedro II até seguir para os Estados Unidos (onde realiza seu mestrado) e vai abrir portas para o intercâmbio entre a Geografia brasileira e a estadunidense. Em seguida apresentaremos a “fase adulta”, identificada por nós como a vida profissional, que ocorre durante o pós-guerra e início da Guerra Fria. Apresentaremos o projeto do *Censo Continental da Américas de 1950* e como esse período influencia na vida profissional de Zarur. Por fim, apresentaremos o amadurecimento profissional de Zarur, sua dedicação ao magistério e sua influência sobre o Brasil e outras nações americanas, a partir do *Centro de Treinamento Panamericano para Avaliação dos Recursos Naturais*, do qual foi mentor e professor. Por fim, destacaremos sua aproximação com o governo JK, que, assim como as demais atividades, foi interrompida por sua morte inesperada.

Jorge Zarur (1916 – 1957) nasceu, no Rio de Janeiro, em 13 de abril de 1916, período em que o mundo estava atento aos acontecimentos da 1ª Guerra Mundial. Quase todas as regiões do mundo foram afetadas por essa grande guerra.

O Brasil, presidido por Venceslau Brás, teve sua exportação de café para a Europa comprometida, bem como a importação de bens industrializados. Já no Líbano e na Síria, então pertencentes ao império Turco-Otomano, os impactos foram mais diretos e os tempos estavam difíceis. As rotas comerciais haviam sido fechadas e a revolução constitucional no Império Otomano (1908) obriga os jovens a servirem ao exército Otomano. A partir de então, segundo informações da Embaixada do Líbano no Brasil, o movimento migratório em direção ao Brasil se intensifica. É então que o jovem libanês Chade Jorge Zarur (pai de Jorge Zarur) decide migrar para o Brasil. Cerca de dois anos depois, casa-se por procuração com a jovem síria Helena Elias Wehbe (mãe de Jorge Zarur), que vem para o Brasil formar família com ele.

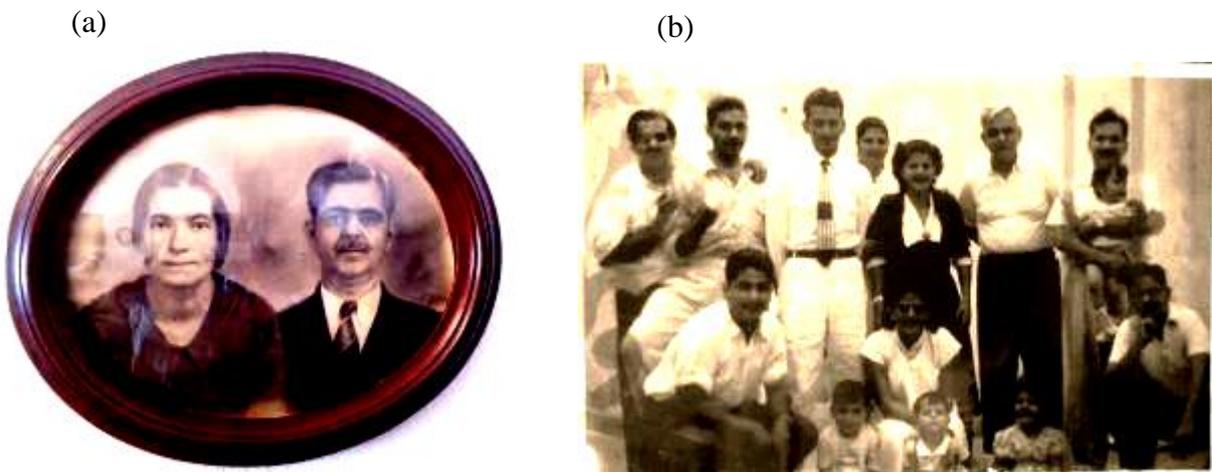
Jorge Zarur é o primeiro filho desse casal de imigrantes que fixam residência na colônia sírio-libanesa que se formara nas ruas Saara e Senhor dos Passos, no

centro da cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Como outros imigrantes árabes, o pai de Jorge trabalhou inicialmente como mascate, vendendo artigos variados pelo interior do Rio de Janeiro e São Paulo. Com o tempo, Charrude (como era chamado o pai de Jorge) conseguiu juntar algum dinheiro e comprou uma Quitanda na Rua Senhor dos Passos.

Nessa época Jorge Zarur já tinha mais oito irmãos e a família era composta por Chade Jorge, Helena e seus nove filhos, nesta ordem: Jorge, Fernando, Elias, Dagmar, Georgina, Linda, Amado e Floriano.

Toda a família trabalhava na Quitanda, que segundo relatado nas entrevistas², vendia de tudo. Como primogênito dessa família de cultura árabe, o pai de Jorge achava que ele deveria trabalhar para ajudar a sustentar a família. Entretanto, Jorge, que sempre gostou de estudar, via nos estudos a possibilidade de melhorar de vida e ajudar a família. Essa divergência de visões gerou alguns conflitos familiares.³

Figura 1 – Fotografias de família.



Legenda: (a) - Helena Elias Wehbe e Chade Jorge Zarur (mãe e pai de Jorge Zarur); (b) – Jorge Zarur (primeiro em pé da esquerda para direita), seus oito irmãos e seu pai. Nessa época sua mãe já havia falecido.

Fonte: Acervo da família.

Apesar das inúmeras dificuldades (tanto relacionadas à pressão de seu pai para que ele trabalhasse, quanto ao preconceito sofrido pela sua condição de filho

² Entrevistas com Linda Zarur e Geraldo, além de conversas informais com outros membros da família.

³ Ainda mais se sabendo que o pai de Jorge não sabia ler nem escrever em português.

de imigrante e à falta de dinheiro), Jorge Zarur teve o apoio de seus irmãos Fernando e Elias⁴, que trabalhavam para que ele pudesse dedicar aos estudos.

Por morar no centro da cidade, Jorge Zarur teve acesso aos melhores colégios públicos e professores da época. Coursou o jardim de infância na Escola Campos Sales⁵, localizada na Praça da República. Aos treze anos de idade, em 1929, ano da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque e período em que o Brasil vivia grande instabilidade política e econômica, Jorge foi estudar o curso secundário no Colégio Pedro II. Nesse período, seu pai já havia melhorado sua condição financeira. Embora com todas as dificuldades de um imigrante que não sabia ler nem escrever em português, o velho Charrud (pai de Jorge) havia conseguido certa estabilidade (além da quitanda, comprou uma loja de tecidos) e havia se tornado um dos líderes da colônia libanesa no Rio de Janeiro. Entretanto, essa nova condição socioeconômica não durou muito devido ao seu envolvimento com os acontecimentos que antecederam a Revolução de 30.

Em entrevistas e conversas informais com familiares, diversos relatos sobre o episódio contam que o imigrante investiu financeiramente na campanha do candidato paulista à presidência, Júlio Prestes, que apesar da vitória nas urnas, não chegou a tomar posse, pois as forças rebeldes e armadas (Exército e Marinha) depuseram Washington Luís em um golpe de estado.

Após o golpe, assumiu o poder uma junta militar que passou o poder para Getúlio Vargas. Este episódio, que ficou conhecido como Revolução de 1930⁶, irá alterar profundamente o contexto político e econômico do país. O grupo político que Charrud, pai de Jorge Zarur, apoiava, acaba derrotado. Tudo o que ele havia investido se perdeu.⁷

⁴ Fernando e Elias posteriormente acabam indo trabalhar no IBGE, por intermédio de Zarur.

⁵ Segundo entrevista com Amado Zarur, irmão de Jorge Zarur.

⁶ Até a Revolução de 30, o Brasil ainda era um país basicamente rural e vivia uma estrutura de poder profundamente comprometida com os interesses das oligarquias agrárias dos estados de São Paulo e Minas Gerais, período conhecido como República das Oligarquias ou, do Café com Leite, como referência à produção de café em São Paulo e à criação de gado em Minas Gerais. Apesar da existência de uma pequena classe industrial fabril que pressionava o Governo Federal para conter os subsídios dados ao café e atender aos seus interesses, ainda eram as oligarquias agrárias que dominavam o país. Eleito 1926, o Presidente Washington Luís, que dentro da política do café-com-leite representava os interesses das oligarquias cafeicultoras paulistas, rompeu com o combinado de indicar para seu sucessor um presidente mineiro, deixando Minas Gerais e as demais oligarquias regionais ainda mais insatisfeitas do que já estavam. Formou-se, então, a Aliança Liberal em oposição aos paulistas, que apoiavam Júlio Prestes para a sucessão presidencial.

⁷ A nova República, ao passo que criou novas possibilidades para o desenvolvimento industrial do país e para o trabalho dos geógrafos, atrapalhou os planos de Charrud, que perdeu muito dinheiro com a sua derrota.

Em novembro de 1930, quando Jorge cursava o segundo ano do secundário no Colégio Pedro II, teve início a Era Vargas (1930-1945 e 1951-1954) período que irá marcar a industrialização do Brasil, a Geografia brasileira e carreira de Jorge.⁸

Tanto no contexto nacional quanto no contexto mundial a década de 30 marca transformações profundas na história. No contexto nacional, a vitória da Aliança Liberal se apresenta como possibilidade de industrialização e modernização do país; marca a criação do IBGE e outras instituições de caráter técnico que buscam informações sobre o país, renovação das universidades e fortalecimento de uma identidade nacional. No contexto internacional, a década de 1930 se inicia com a chamada *Grande Depressão* (do bloco capitalista) e termina com o início da 2ª Guerra Mundial. Durante esse período (também conhecido como período entre-guerras) os Estados Unidos estavam vivendo uma crise de superprodução sem precedentes, que afetou também a Europa Ocidental. A União Soviética, já sob o comando de Joseph Stálin, ao contrário do bloco capitalista, crescia e parecia estar livre da crise econômica que assolava o bloco capitalista. Na Alemanha, arrasada pelo resultado do fim da 1ª Guerra Mundial imposto pelo Tratado de Versalhes e agravado pela crise, ganhava força o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, o Partido Nazista, que chega ao poder em 1933.

Como bem resumiu o professor Pedro Geiger durante o exame de qualificação deste trabalho, o mundo passava pela transição que modificou totalmente a sua fisionomia econômica, social e política e que se manifestou com a Segunda Grande Guerra. O Brasil passava pela transição da Velha República para o *desenvolvimentismo* fundado na urbanização, industrialização e investimentos de infraestrutura que acabaria com a sua formação *agro-mercantil*, e de “arquipélago econômico”. Essa contextualização nos parece fundamental para a compreensão da atmosfera que envolve os anos iniciais da formação universitária Jorge Zarur de sua efêmera atuação profissional.

⁸ Para informações sobre a natureza da revolução de 30 e sua consequência para o projeto de modernização do Brasil e a importância da Geografia e do IBGE para a consolidação desse projeto, ver “*A Criação do IBGE no Contexto da Centralização Política do Estado Novo*”, 1993, de Eli Alves Penha.

1.1 As primeiras influências na formação acadêmica inicial de Jorge Zarur

No Colégio Pedro II, instituição de ensino mais importante do Brasil à época, Jorge Zarur estudou o curso de humanidades (1929 – 1934), onde teve contato com importantes personalidades da geografia como Carlos Delgado de Carvalho e Fernando Raja Gabaglia que se tornarão além de mestres, grandes amigos.

Após se formar Bacharel em Ciências e Letras, no Colégio Pedro II (1929 – 1934)⁹, Zarur continua seus estudos e ingressa em 1936¹⁰, na segunda turma de Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia (antiga Universidade do Distrito Federal), segundo dados do PROEDES/UFRJ¹¹; e na Faculdade Nacional de Direito (da Universidade do Brasil), ambas concluídas em 1940 saindo com os títulos de Licenciatura em Geografia e História e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais¹².

Zarur cursava as duas faculdades concomitantemente; trabalhava como assistente de Delgado de Carvalho e Fernando Raja Gabaglia, no Colégio Pedro II; era representante do Ministério da Educação junto ao Diretório Central do CNG (como suplente de Delgado de Carvalho); professor no Instituto Lafayette e Liceu Francês (1936 a 1941)¹³.

Nessa época o IBGE já era uma realidade, além de exercer um importante papel no projeto modernizador de Vargas, acabava por completar a formação do Geógrafo que saía da faculdade.

⁹ RBG, 1958, v20, n3. Vultos escrito por Antônio Teixeira Guerra

¹⁰ ZARUR, Dahas, 1986.

¹¹ MACHADO, 2009. P.71, nota de rodapé 39. "(PROEDES/UFRJ - UDF - Documento n. 103, pasta 008, Relatório do Diretor da Escola de Economia e Direito ao Reitor, 1937). Do corpo discente da UDF cabe ser destacados os seguintes nomes que posteriormente foram de grande contribuição para a Geografia Brasileira: Hugo Segadas Viana (primeira turma, 1935); Cristóvão Leite de Castro, Orlando Valverde e Jorge Zarur (segunda turma, 1936); Fábio Macedo Soares Guimarães e Fernando Segismundo Steves (terceira turma, 1937).

¹² Naquela época as instituições e nomenclaturas dos cursos sofriam constantes alterações, pois ainda estavam em construção. Sobre *A Construção da Geografia Universitária do Rio de Janeiro*, consultar MACHADO, 2009.

¹³ Informações obtidas em depoimentos de familiares e confirmadas na seção *notícia sobre o autor*, do livro *A Bacia do Médio São Francisco: uma análise regional*.

Figura 2 – Diploma de Bacharel Ciências Jurídicas e Sociais



Fonte: Acervo da Família.

Figura 3 – Diploma de Licenciado em Geografia e História



Fonte: Acervo da Família.

Figura 4 – Fotografia da formatura de Jorge Zarur.



Fonte: Acervo da família.

Durante a graduação, Zarur esteve em contato com diversos geógrafos e professores associados à epistemologia francesa, inicialmente influenciada pela missão universitária francesa no Brasil. A efervescência política e cultural dos anos 30 proporcionou muitas trocas e intercâmbios. Durante a pesquisa, encontramos uma fotografia de Jorge Zarur em um trabalho de campo com Levi-Strauss, Emmanuel de Martonne e René Courtin. A fotografia da figura 5 foi retirada do livro de Lévi-Strauss, *Saudades do Brasil*, que apresenta a reconstituição das viagens do antropólogo no território brasileiro, entre 1935 e 1939.

Nessa fotografia, de 1937, estão Jorge Zarur, Emmanuel de Martonne e René Courtin. Segundo Levi-Strauss, De Martonne, improvisava uma aula sobre a paisagem que parecia uma admirável interpretação de texto. Um dos mais importantes geógrafos franceses do período, diretamente filiado à escola lablachiana, De Martonne estava no Brasil realizando levantamentos geomorfológicos, lecionando na USP e apoiando a criação do Conselho Nacional de Geografia. O economista René Courtin, assim como Levi Strauss fazia parte da missão universitária francesa e lecionava também na USP. Zarur estava no segundo ano do Curso de Geografia na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, e possivelmente havia ido para São Paulo assistir aulas com o mestre francês. (MACHADO e ZARUR, 2015, p.336)

Figura 5 – Fotografia de Zarur, De Martonne, Courtin



Fonte: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Jorge Zarur e toda a sua geração foram influenciados pela geografia francesa, que tinha em Pierre Deffontaines¹⁴ um de seus grandes representantes da época, tendo atuado em prol da organização da Geografia e da criação do Conselho Nacional de Geografia e da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB do Rio de Janeiro e de São Paulo).¹⁵

Além de Pierre Deffontaines, no Curso de Geografia, Zarur foi aluno dos professores, Phillippe Arbos, Delgado de Carvalho, Fernando Antônio Raja Gabaglia e teve como colegas: Hugo Segadas Viana, Christóvam Leite de Castro, Orlando Valverde e Fábio Macedo Soares Guimarães, entre outros.

¹⁴ “O contexto epistemológico da época era referenciado pela escola francesa de geografia através da influência de Emmanuel de Martonne, Pierre Deffontaines e de Pierre Monbeig, que além de organizadores de cursos nas Universidades de São Paulo e Rio de Janeiro, foram os orientadores metodológicos da primeira geração de geógrafos do Brasil. Este processo se consolida posteriormente, entre 1940 e 1956, com a vinda de Francis Ruellan, professor francês que orientou e treinou dezenas de geógrafos, tanto do CNG, quanto da Universidade”. (ALMEIDA, 2000, p. 46)

¹⁵ A implantação do Curso de Geografia e da História na UDF contou inicialmente com os esforços de Pierre Deffontaines e Lucien Febvre, pioneiros entusiastas dos primeiros anos, que procuravam desvendar aos estudantes o que eram Geografia e História nas suas múltiplas relações, projetadas e percebidas na “Paisagem Geográfica”. Colaboraram também com o estabelecimento da geografia universitária carioca Carlos Delgado de Carvalho e Fernando Antônio Raja Gabaglia. O primeiro lecionando Geografia Humana e o segundo Fisiogeografia. Pierre Deffontaines (1894-1978), um dos membros das missões francesas no Brasil, foi primeiramente contratado pela Universidade de São Paulo e, posteriormente, entre os anos de 1936 a 1938, passa a lecionar geografia na UDF (MORAES, 1999).

Os relatos dos professores¹⁶ de Zarur, companheiros de trabalho e familiares, são de um homem entusiasmado pela Geografia. Além de estudante e professor, Jorge frequentava quase todas as assembleias do Conselho Nacional de Geografia desde sua criação, em 1937¹⁷, tendo inclusive, contribuído ativamente para sua construção.¹⁸

Pouco antes de receber uma bolsa de estudos para a Universidade de Wisconsin, nos EUA, em 1940, Zarur tornou sócio titular¹⁹ da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro²⁰ e participou da organização do IX Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em setembro de 1940, em Florianópolis. Hélio de Araújo Evangelista²¹, em seu artigo intitulado Congressos Brasileiros de Geografia, no qual apresenta uma visão geral dos congressos promovidos pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, ressalta a relevância destes eventos, que agregavam importantes personalidades intelectuais e políticas da época.

Recém-formado, Jorge Zarur, então com 24 anos, publicou neste congresso um trabalho intitulado ***Estudo sobre as caatingas***²² e participou como membro da comissão técnica *Metodologia Geográfica, Regras e Nomenclatura* que analisou diversos trabalhos e, ao final do congresso, propôs uma série de ações para aprimorar a Geografia no país. Ao final do congresso, esta comissão propôs que:

¹⁶ Tanto em recortes de jornais e cartas de professores, como a do Anexos III, quanto através dos relatos de familiares ouvidos de forma informal.

¹⁷ Antônio Teixeira Guerra publicou em 1958, nos vultos da RBG, um relato com o impressionante e denso currículo de Jorge Zarur. "Participou das Assembléias Gerais do CNG nos anos de 1937, 1938, 1939, 1941, 1945, 1947, 1948, 1949" RBG 1958, v 20, n 3, p.318.

¹⁸ Em 1937 o CNG/IBGE estava em formação a partir da iniciativa do embaixador Carlos Macedo Soares Guimarães, na época Ministro das Relações Exteriores de Vargas, posteriormente Presidente do IBGE, e do apoio de Christóvam Leite de Castro, que se tornaria o primeiro Secretário-geral do CNG/IBGE. Leite de Castro convida Orlando Valverde para Secretário Assistente do CNG tendo sido o primeiro geógrafo contratado em 1938. Inicialmente o Conselho era constituído por engenheiros e por alguns geógrafos treinados por Deffontaines e Delgado de Carvalho nas primeiras turmas da Universidade do Distrito Federal, dentre eles estavam: Fábio de Macedo Soares Guimarães (sobrinho de Carlos Macedo Soares Guimarães), contratado em 1938, e Jorge Zarur, contratado em 1939, aos 23 anos. Mais dois geógrafos em seguida ingressaram também, José Veríssimo da Costa Pereira e Lúcio de Castro Soares, em 1940. Assim, Zarur foi um dos pioneiros da criação do CNG/IBGE. Em 1940, tornou-se sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro participando da organização do IX Congresso Brasileiro de Geografia, realizado nesse mesmo ano, em Florianópolis. (MACHADO e ZARUR, 2015, p.337)

¹⁹ Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro - 1940 - Tomo XLVII - p. 207.

²⁰ Criada em 1883, a SGRJ (atualmente com o nome de Sociedade Brasileira de Geografia) era uma entidade que reunia diversos intelectuais, políticos, cientistas e que exerceu grande contribuição para o reconhecimento do território brasileiro, a formação de professores e a promoção do desenvolvimento do saber geográfico no Brasil.

²¹ EVANGELISTA, 2003.

²² RBG 1941 v3 n3. Pág 653

(...) se organize roteiros e planos de excursões de caráter científico-geográfico nos Estados, especialmente para estudos geográficos de interesse geral do país; encarecendo ao Conselho Nacional de Geografia o estudo para a delimitação das regiões naturais do território brasileiro e a publicação de mapas didáticos para as escolas; e, solicitando ao ministro da Educação a volta do ensino da Geografia e Corografia do Brasil nos cursos secundários, em cadeira isolada, e, também, a separação nas Faculdades de Filosofia do curso de Geografia do de História, dada a conveniência de preparar professores secundários especializados em cada uma dessas disciplinas, separadamente. (RBG 1940, v.2, n.4, p.630.)

Alguns meses depois, como membro²³ do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, Jorge publica, na Revista Brasileira de Geografia, o artigo intitulado ***A Geografia no Curso Secundário***, onde apresenta uma revisão sobre o ensino da Geografia desde a antiguidade e apresenta uma série de propostas para a renovação do ensino. Nota-se que Jorge estava conectado com o movimento da Escola Nova e realiza um trabalho detalhado sobre a necessidade de renovação do ensino. Em um trecho do artigo *A Geografia no Curso Secundário*, Jorge fala sobre a influência que teve de seu mestre Delgado de Carvalho e da sua ação de “revolucionador dos velhos conceitos e dos velhos métodos”, tendo este, trazido ao ensino da “geografia de nossa terra os pontos de vista mais modernos e mais científicos” (ZARUR, 1941, p. 232).

Era explícito que Delgado de Carvalho e Jorge Zarur tinham uma relação próxima de amizade e admiração mútua²⁴. Além de seus irmãos, Fernando e Elias, que ajudavam Zarur financeiramente para que ele pudesse estudar, Delgado de Carvalho e Fernando Raja Gabaglia, também o ajudavam, abrindo oportunidades dentro do campo da Geografia.

A mais marcante dessas oportunidades veio através de um convite, feito por Delgado de Carvalho, para Zarur dar continuidade a seus estudos nos Estados Unidos. Em uma época que poucos faziam mestrado, Zarur teve a oportunidade estudar em Wisconsin, e ter contato com grandes mestres da Geografia que se desenvolvia nos Estados Unidos como Richard Hartshorne (1899 – 1992), Carl Sauer (1889 – 1975), Clarence Jones (1893 – 1991), Vernor C. Finch (1883 – 1959), Isaiah Bowman (1878 - 1950), Harlan H. Barrows (1877 – 1960), Derwent Whittlesey (1890 – 1956), e outros como os alemães Albrecht Friedrich Karl Penck (1858 – 1945) e Leo Heinrich Waibel (1888 - 1951), de quem foi aluno, em Wisconsin.

²³ Vultos da RBG 1958, v20, n3, p.318

²⁴ Foi realizada uma entrevista informal com o neto de Delgado de Carvalho, Paulo Delgado de Carvalho, na qual ele fala sobre essa relação.

A partir de sua experiência nos Estados Unidos, inicia-se uma nova fase de sua carreira profissional, que extrapola o campo individual e vai exercer significativa influência na Geografia brasileira.²⁵

Na comovente carta póstuma que Carlos Delgado de Carvalho escreveu sobre Jorge Zarur, o professor descreve a personalidade de seu discípulo; sua dedicação aos estudos, suas habilidades sociais, políticas e como ele foi escolhido para estudar nos Estados Unidos.

Era um menino vivo e inquieto, este meu Jorge Zarur, quando o encontrei numa sala do Colégio Pedro II. Bom aluno e estudioso, era a franqueza em pessoa; simpatizava com os professores quando os sentia dedicados e amistosos. Para seus colegas, além de bom companheiro, era defensor alerta de seus direitos e auxiliar indispensável em todas as ocasiões. Por isso seu espírito de iniciativa era amplamente explorado por seus amigos, que confiavam na sua generosidade e no seu profundo senso de responsabilidade. Os seus colegas do Pedro II nunca esquecerão os serviços que lhes prestou, o exemplo que lhes deu, com suas qualidades de liderança.

No Fernando Raja Gabaglia e em mim cedo percebeu Jorge a simpatia que lhes votávamos. Tornou-se mais do que nosso discípulo, fez-se nosso amigo e de nós nunca se esqueceu nos trabalhos de geografia que veio a escrever(...)

Quando, voltando de minha visita às Universidades dos Estados Unidos, em 1940, recebi da Universidade de Wisconsin uma bolsa de estudos para o curso de geografia para um aluno meu, sem a menor hesitação, escolhi o nome do meu filho espiritual, Jorge Zarur, apesar de não ser o seu professor da matéria.

Foi bem aceita a minha recomendação e imediatamente procurou ele recordar as noções de inglês que havia colhido no nosso Colégio. Em pouco tempo, já com bom vocabulário, embarcava ele para os Estados Unidos onde, em Madison, teve os melhores professores da Geografia americana. De lá, recebia eu as suas cartas cheias de entusiasmos e de promessas. Lá também soube ele colher a simpatia dos que dele se ocupavam.

Jorge Zarur conheceu então a vida estrangeira, fez-se aos hábitos e costumes, despertou, com a sua inteligência brilhante e seu aproveitamento, o interesse de mestres eminentes que obtiveram a prolongação de sua estadia.

Por isso, quando de volta ao Brasil, foi acertadamente enviado de novo aos Estados Unidos, em missão técnica, por Cristóvão Leite de Castro. E lá, para maior proveito do seu Conselho Nacional de Geografia, tirou partido Jorge das boas amizades feitas quando estudante. Muito obteve ele da simpatia dos mestres americanos, ficando, de então em diante, a sua vida ligada às relações profissionais que o nosso país mantém com os Estados Unidos. Jorge foi o elo mais poderoso dessa relação que nos é tão útil. Com a sua esclarecida generosidade, fez questão, no Conselho de Geografia, que companheiros seus também tivessem a oportunidade de ir estudar onde ele haiva se formado. Enviou jovens geógrafos aos Estados Unidos e obteve que mestres americanos viessem nos visitar. E assim, durante alguns anos, animador, ativo e bom conselheiro, foi o braço direito de Cristóvão Leite de Castro, no Conselho de Geografia que, no dia 24 desse mês, perfaz seus 20 anos de existência. (CARVALHO, 1957, p.1 e 2)²⁶

²⁵ Os desdobramentos dessa interação entre a Geografia brasileira e a estadunidense, articulada por Zarur, vai também exercer influência na Geopolítica Nacional, e será abordada no capítulo 3.

²⁶ A carta na íntegra encontra-se no Anexo IX.

Pouco antes de partir para seu mestrado em Winsconsin, Jorge Zarur, publicou um comentário na Revista Brasileira de Geografia intitulado **O Canal de São Simão**. Ainda na mesma edição da revista, consta que Zarur participou da fundação da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (S.B.A.E.), em junho de 1941, com o cargo de membro da Comissão Técnica da Diretoria²⁷.

Em setembro de 1941, Jorge Zarur deixa o Brasil (pela primeira vez) para fazer seu mestrado na Universidade de Wisconsin. Foi no navio rumo ao Estados Unidos que Zarur conheceu Cecília uma mulher de vanguarda, advogada inteligentíssima e uma profissional extremamente competente que também estava indo trabalhar naquele país. Jorge e Cecília acabaram se casando, tiveram dois filhos e trabalharam juntos em vários momentos. Além de esposa, Cecília foi uma grande companheira de Zarur tanto na vida pessoal quanto na atuação política e profissional. A imagem da figura 6, é de uma das páginas do passaporte conjunto de Jorge Zarur e Cecília Cerqueira Leite Zarur.

De família paulista, Cecília nasceu em Curitiba e veio para o Rio, formando-se em Direito na Faculdade Nacional. Seu irmão, Nélio Cerqueira Gonçalves, era Coronel da Polícia Militar de Minas Gerais, tendo sido seu comandante nos anos iniciais da década de 1950. Filiado ao PSD (Partido Social Democrático), mesmo partido de Juscelino, Nélio tornou-se assessor especial de JK durante seu Governo, apoiando-o e contando com seu apoio durante todo seu mandato. Talvez por influência de Nélio, Jorge Zarur acabou se aproximando muito do PSD, principalmente, durante a década de 1950, apoiando as articulações e a política de Juscelino. Isso pode explicar tanto a aproximação com Josué de Castro (que era do PTB, partido aliado à Juscelino), que participou de várias reuniões com Zarur quando o acirramento dos conflitos internos no IBGE em função da oposição política entre os geógrafos da UDN (opositores de JK) e os do PSD, durante a década de 1950.

²⁷ RBG 1941 v3 n3. Pág 711

Figura 6 – Página do passaporte conjunto de Jorge Zarur e Cecília Cerqueira Leite.



Fonte: Acervo da família.

1.2 Novos caminhos e a influência da Geografia americana

Durante o período que esteve nos Estados Unidos (setembro de 1941 a janeiro de 1943), Zarur realizou seu mestrado em Geografia²⁸ e um curso de verão na Universidade de Chicago. Foi então que Jorge Zarur conviveu com grandes nomes da Geografia americana e conheceu as modernas técnicas da Geografia Moderna. Em Wisconsin, Zarur teve aula com os professores Léo Waibel, Glenn T. Trewartha e V. C. Finch, que em suas cartas de recomendação, nas figuras 7, 8 e 9 destacam o brilhantismo de Zarur e o desejo em tê-lo de volta para a realização de outros projetos (o que não tardou a acontecer)²⁹. Com o professor Léo Waibel, Zarur cursou várias disciplinas durante o mestrado. A figura 7 apresenta um trecho da carta de recomendação que Waibel escreve sobre Zarur³⁰, que teve a orientação do professor³¹ para escrever um artigo intitulado “Types of agriculture in Brazil”.

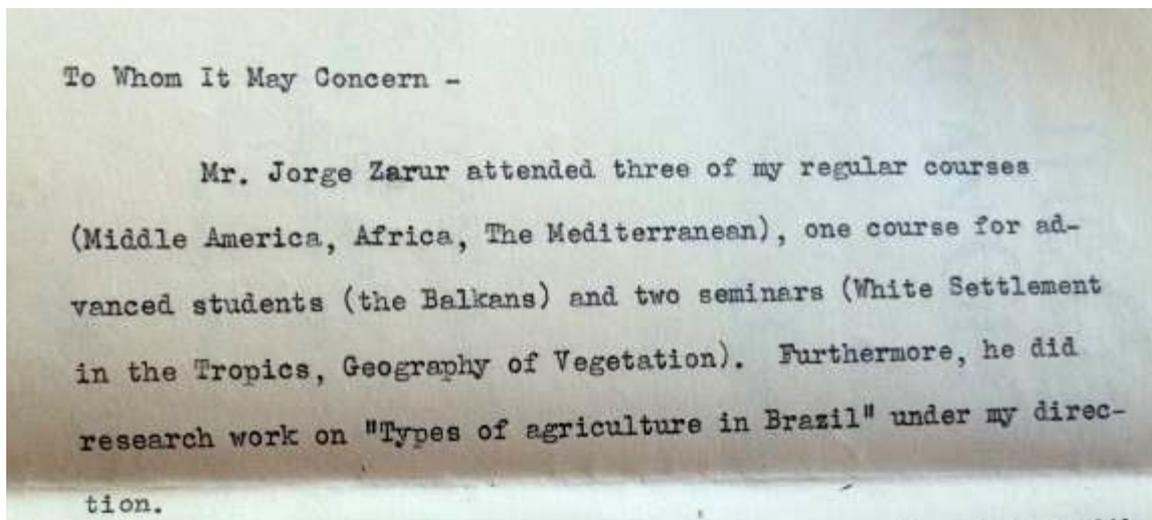
²⁸ A nomenclatura em inglês é Master of Arts, que seria Mestrado em Humanas com ênfase em Geografia.

²⁹ Logo que voltou ao Brasil, Zarur foi enviado por Cristóvão Leite de Castro para Wanshington, onde ganhou uma bolsa de estudos pela National Planning Association para desenvolver sua pesquisa sobre a Bacia do Médio São Francisco, sob orientação de Clarence Jones.

³⁰ Nesta carta Léo Waibel relata que Jorge Zarur foi o melhor aluno que teve em toda a sua carreira.

³¹ Os ANEXOS III e IV contém o a carta de Léo Waibel na íntegra e o histórico escolar de Zarur durante o mestrado, respectivamente.

Figura 7 – Trecho da carta de Léo Waibel sobre Jorge Zarur.

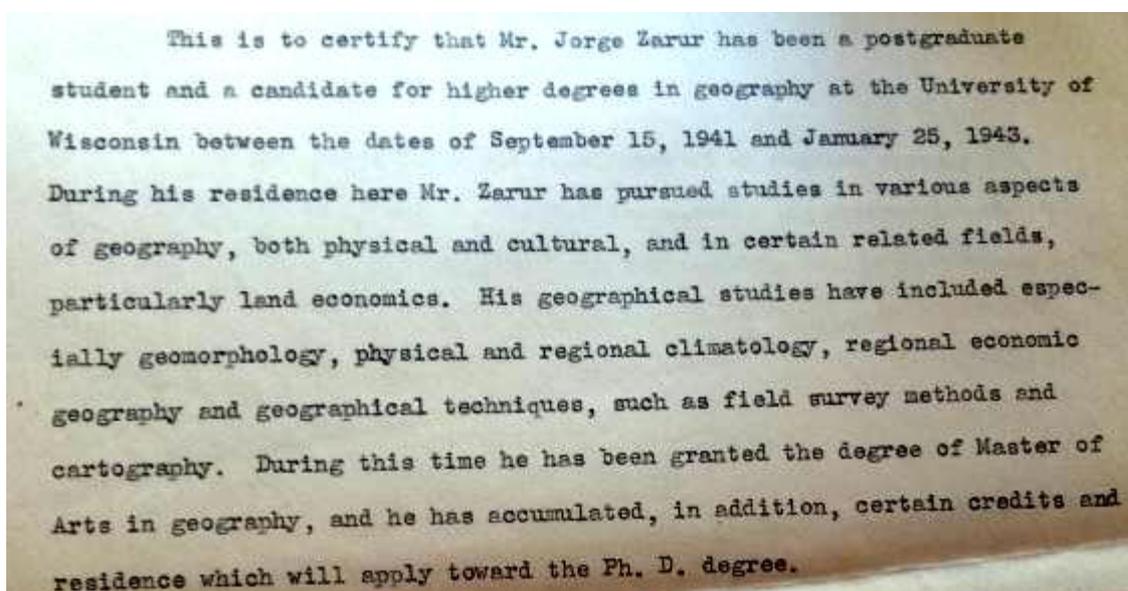


To Whom It May Concern -

Mr. Jorge Zarur attended three of my regular courses (Middle America, Africa, The Mediterranean), one course for advanced students (the Balkans) and two seminars (White Settlement in the Tropics, Geography of Vegetation). Furthermore, he did research work on "Types of agriculture in Brazil" under my direction.

Legenda: Carta escrita em 22 de janeiro de 1943 pelo professor Léo Waibel a respeito de Jorge Zarur. A carta na íntegra encontra-se no Anexolll.
Fonte: Acervo da família.

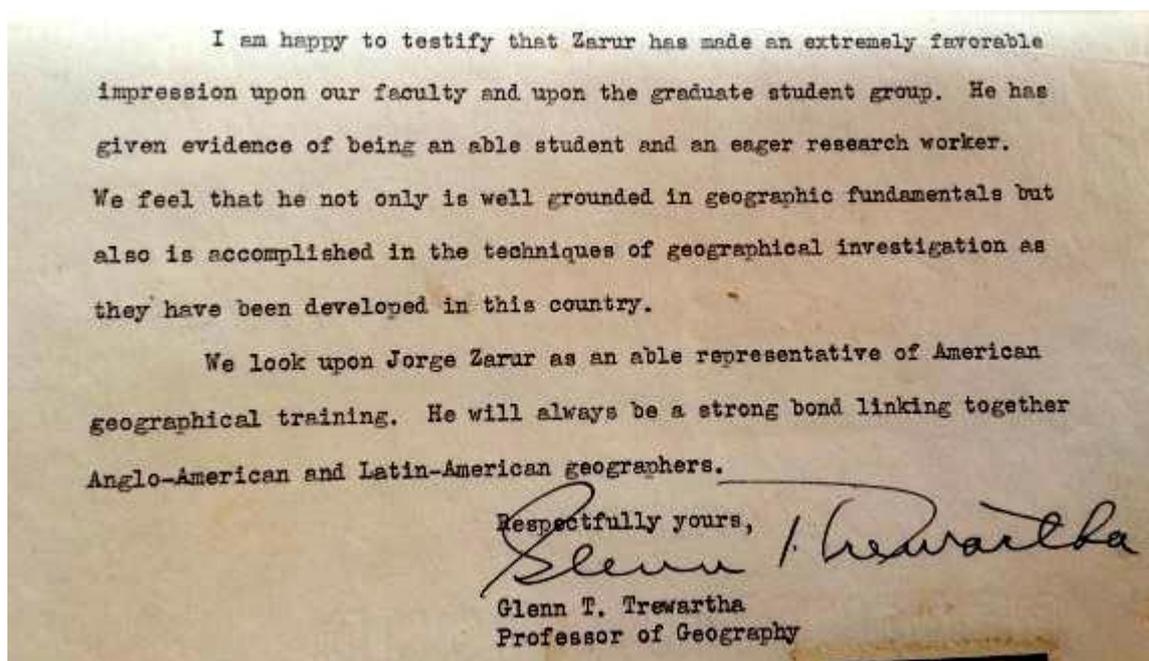
Figura 8 – Trecho da carta de Finch sobre Jorge Zarur.



This is to certify that Mr. Jorge Zarur has been a postgraduate student and a candidate for higher degrees in geography at the University of Wisconsin between the dates of September 15, 1941 and January 25, 1943. During his residence here Mr. Zarur has pursued studies in various aspects of geography, both physical and cultural, and in certain related fields, particularly land economics. His geographical studies have included especially geomorphology, physical and regional climatology, regional economic geography and geographical techniques, such as field survey methods and cartography. During this time he has been granted the degree of Master of Arts in geography, and he has accumulated, in addition, certain credits and residence which will apply toward the Ph. D. degree.

Legenda: Nesta carta, escrita em 23 de janeiro de 1943, Finch relata que Zarur estudava diversos aspectos da geografia, tanto físicas quanto culturais, e suas áreas afins, particularmente economia. A carta na íntegra encontra-se no Anexo III
Fonte: Acervo da família.

Figura 9 – Trecho da carta de Glenn T. Trewartha sobre Jorge Zarur.



Legenda: Nesta carta, escrita em 22 de janeiro de 1943, Glenn T. Trewartha destaca a competência de Zarur e afirma que ele será uma forte ligação entre os geógrafos da América Anglo-Saxônica e da América Latina, algo que realmente veio a acontecer. A carta na íntegra se encontra no anexo III.

Fonte: Acervo da família.

Na Universidade de Chicago, durante o curso de verão acerca dos modernos métodos da Geografia de Campo, Zarur aprofundou seus conhecimentos sobre as técnicas de preparação e mapeamento para trabalhos de campo. Uma metodologia clara e eficiente seria fundamental para a precisão dos fenômenos e mapeamentos. Além do conhecimento técnico que adquiriu, Zarur exerceu um importante papel de articulador entre o Brasil e os Estados Unidos.

Durante este período, Zarur teve o seu primeiro contato com método regionalista americano, que buscava o conhecimento completo das regiões tanto em seus aspectos físico, naturais, econômicos e políticos para o melhor planejamento público e utilização dos recursos naturais para o desenvolvimento. Sobre a metodologia proposta, falaremos de forma detalhada no capítulo 2, que se dedica a análise da obra de Zarur.

Analisando os números da Revista Brasileira de Geografia, no período em que esteve fora (1941 a 1943), podemos constatar que Zarur publicava, na Revista Brasileira de Geografia, comentários sobre a produção científica com a qual entrava em contato durante o seu mestrado, o que possibilitava uma eficiente forma de difusão

do conhecimento adquire. Em 1942, por exemplo, foram publicados por ele comentários sobre o livro ***Latin America, de Preston James***³² (com que Zarur teve contato frequente, nos Estados Unidos) e ***Geopolitics - The Struggle for space and power, de Robert Strass***³³.

Devido à sua dedicação, competência e características pessoais, Zarur se torna um dos personagens centrais dessa primeira aproximação entre da Geografia americana e a brasileira. Além do intercâmbio entre o Brasil e os Estados Unidos, Zarur será uma peça fundamental de articulação, integração e desenvolvimento da Geografia em diversas nações latino-americanas.³⁴

Entre 1943 e 1945, Jorge Zarur começa a fazer muitas viagens e intercâmbios no eixo Brasil – Estados Unidos. Recém-chegado ao Brasil após a conclusão do mestrado, em janeiro de 1943, Zarur foi enviado por Cristóvão Leite de Castro, então Secretário-Geral do CNG, novamente aos Estados Unidos. Conforme mencionado, desta vez para o National Planning Association, em Washington, DC³⁵, onde ganhou uma bolsa de estudos em *Geografia do Brasil* junto ao Latin American Regional Resource Project, coordenado por Clarence F. Jones³⁶ e iniciou seus estudos sobre a Bacia do Médio São-Francisco.

Durante esses 18 meses na National Planing Associantion, Zarur retorna ao Brasil algumas vezes e, em 1º de junho de 1943, segue com a Comissão Organizadora Central do X Congresso de Brasileiro de Geografia, em visita ao Estado de Minas Gerais ³⁷ para a organização do X CBG. Após a conclusão dos trabalhos vinculados à organização do Congresso, desta mesma viagem, Zarur segue com Orlando Valverde para uma excursão pelo Rio São Francisco.³⁸

³² RBG 1942 v4 n3. P. 587

³³ RBG 1942 v4 n4

³⁴ Vide Censo das Américas de 1950.

³⁵ Vultos RBG 1958, v20, n3, p.318

³⁶ Informações retiradas do livro “A Bacia do Médio São Francisco”.

³⁷ Estiveram em Belo Horizonte, durante os dias 1 a 4 de Junho corrente, Fernando Raja Gabaglia, Cristóvão Leite de Castro e Murilo De Miranda Basto, membros da Comissão organizadora Central do Congresso e José Bueno de Azevedo, representante da Delegação de São Paulo.

³⁸ Sobre essa excursão ao Rio São Francisco, foi publicado na seção *Noticiário* da RBG uma referência ao *Reconhecimento Geográfico do Vale Do São Francisco*. “O primeiro desse profissional (Jorge Zarur) que fez recentemente um curso de especialização nos Estados Unidos da América do Norte, foi comissionado pela *Nacional Planning Associativo*, de Washington, e o segundo (Orlando Valverde), sendo como é, secretário assistente do Conselho Nacional de Geografia, recebeu deste órgão a incumbência de além de realizar estudos e pesquisas particularmente interessantes ao CNG, acompanhar os trabalhos e as observações do Pro J. ZARUR naquilo que interessasse ao Brasil” (RBG 1943 v5 n3, p.511).

Após dois meses de viagem de reconhecimento pelo Rio São Francisco (viagem associada às pesquisas que levariam à sua obra “A Bacia do Médio São Francisco: uma análise regional), Zarur foi delegado para a Primeira Reunião de Consulta Panamericana de Cartografia e Geografia, promovida pelo *Instituto Panamericano de Geografia e História*, sediado no México e patrocinada pela *American Geographical Society, de New York*. A reunião ocorreu dia 30 de Setembro³⁹, em Washington e teve como objetivo “estabelecer consulta entre os especialistas das Américas sobre os problemas técnicos peculiares a cada país, para a realização de uma obra de conjunto”. (RBG 1943, v.5, n3. P. 516). Como representantes do Brasil, o Conselho Nacional de Geografia enviou três representantes: Alírio de Matos⁴⁰, o geólogo Sílvio Frórs Abreu⁴¹ e Jorge Zarur, membro do Diretório Central do C N G.

No mês seguinte, em outubro de 1943, Zarur participou da criação de um órgão internacional denominada *Sociedade Interamericana de Antropologia e Geografia*, instalada também em Washington DC. Participam da criação dessa entidade diversos profissionais, estudantes e organizações do continente como: *Academia Nacional de História de Colômbia, Associação Antropológica Americana, Sociedade Etnológica Americana, Sociedade Geográfica Americana, Associação Antropológica de Washington, Associação de Geógrafos Americanos, Sociedade Geográfica de Chicago, Junta Nacional de Arqueologia de Cuba, Sociedade Linguística da América, Sociedade Argentina de Antropologia, Sociedade Argentina de Ciências Naturais, Sociedade Argentina de Estudos Geográficos "Gaea", Sociedade Chilena de História e Geografia, Sociedade Geográfica de Cuba, Sociedade de Antropologia Aplicada*.⁴²

Na sequência dessas atividades, em 1944, Jorge Zarur ainda participa, em junho, da IV Reunião Anual do American Congress on Surveying and Mapping, no qual apresenta um trabalho intitulado *Surveying and Mapping Activities in the Americas* e, em setembro, do X Congresso Brasileiro de Geografia, no Rio de

³⁹ RBG 1943 v5 n3, p. 516

⁴⁰ Catedrático de geodesia e astronomia de campo da Escola Nacional de Engenharia e orientador técnico da Campanha de determinação de coordenadas geográficas.

⁴¹ Técnico do Instituto de Tecnologia e membro da Comissão Diretora da Biblioteca Geográfica Brasileira.

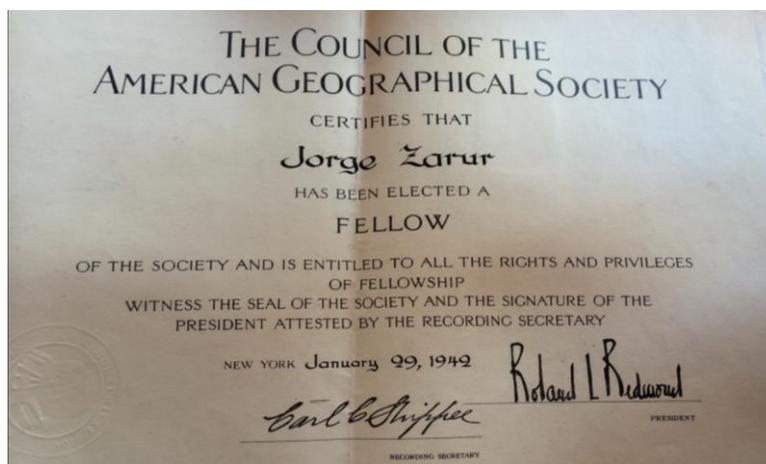
⁴² RBG 1943 v5 n3, p. 518

Janeiro⁴³. Jorge Zarur enviou, com Aroldo de Azevedo, um trabalho intitulado “**A região de Juazeiro e Petrolina**”⁴⁴ (que será publicado em 1946) e, iniciando as atividades do X CBG, Jorge Zarur realizou a palestra de abertura intitulada “**Geografia: ciência ao serviço do homem**”, publicada em 1944 pela Revista Brasileira de Geografia.⁴⁵

Durante esta conferência de abertura, Zarur fala sobre o que aprendeu nos Estados Unidos e sobre necessidade de criação de metodologias de investigação que permitam um diagnóstico preciso das regiões e sirva como ferramenta para tornar a geografia uma ciência aplicada.

O ano de 1944 foi um ano de grandes articulações para Zarur e para a Geografia Brasileira. O X CBG foi um importante momento de trocas entre a comunidade geográfica nacional e internacional. Além de membro do CNG e da comissão organizadora, Zarur foi ao Congresso também como representante da *American Geographical Society* da qual havia se tornado membro em 1942.

Figura 10 – Certificado de membro da American Geographical Society



Fonte: Acervo da família.

⁴³ Sobre a transferência do X CBG de Belém para a Capital Federal foi noticiado na RBG 1944 v.6 n.1 p. 145. “Como já noticiamos, no n.0 3, ano V desta REVISTA, o X Congresso Brasileiro de Geografia devia realizar-se na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, entre os dias 7 a 16 de setembro do ano findo. Porém, as dificuldades de transporte e outros entraves determinados pelos acontecimentos mundiais e pela conseqüente entrada do Brasil na guerra, levaram a Comissão Organizadora Central e o Governo daquele Estado, a, primeiramente, adiar a data da efetivação do certame, e, posteriormente, a convocar o mesmo para a Capital Federal durante os dias 7 a 16 de setembro próximo. Tal medida evitará que se interrompa o ritmo dessa proveitosa série de reuniões, além de concorrer para que os inúmeros trabalhos apresentados não percam a atualidade, de vez que muitos desses foram elaborados, tendo em vista a reunião que estava marcada para o ano findo; em Belém.”

⁴⁴ RBG 1944 v6 n1, p.146

⁴⁵ RBG 1944, v.6, n.3, p.313.

No ano do X Congresso Brasileiro de Geografia, Zarur estava no meio da sua bolsa de estudos na *National Planning Association* e acompanhava, de Washington, os desfechos da 2ª Guerra Mundial. Tanto na *National Planning Association* quanto na *American Geographical Society*, Zarur tinha contato direto com os principais geógrafos americanos, e alguns deles estavam diretamente envolvidos com o desenvolvimento das estratégias da Guerra.

Zarur termina o ano de 1944, sendo nomeado membro da Comissão Redatora da Revista Brasileira de Geografia e da "Biblioteca Geográfica Brasileira" (outubro) e (dia 15 de dezembro), por José Carlos de Macedo Soares (então presidente do IBGE) Sub-Diretor do Serviço de Geografia e Cartografia do CNG.⁴⁶

Entre 1945 e 1951, Zarur acumulou importantes funções no campo político-institucional da Geografia brasileira e latinoamericana, tendo sido Sub-Diretor do serviço de geografia e cartografia do IBGE, Secretário assistente do CNG, Secretário-Geral da Comissão de Geografia do IPGH, entre outras participações em organizações, encontros e congressos.

No esforço de tentar identificar, organizar e demonstrar as variadas atividades desenvolvidas por Zarur tanto no campo institucional, técnico quando no magistério, foi elaborada uma tabela que pode ser consultada no Anexo I dessa dissertação.

A partir de 1945, quando Zarur encerra sua bolsa de estudos (que durara de 18 meses, na *National Planning Association*), inicia ele, a elaboração de sua mais famosa obra: ***Bacia do Médio São Francisco: uma análise regional***, publicada em livro, em 1946. No mesmo ano, Zarur publica na RBG um artigo intitulado ***Análises Regionais***, que ficará marcada como a primeira obra brasileiras a realizar uma revisão teórico metodológica sobre o conceito de *região geográfica*, como apresenta Angélica Alves Magnago (1995, p.72)⁴⁷.

Ainda no mesmo ano, em 1946, nasce o seu primeiro filho, George Zarur. Hoje, um reconhecido antropólogo, George concedeu uma entrevista a essa pesquisa (Anexo V) que trouxe valiosas informações sobre esse importante personagem da história da Geografia do nosso continente.

⁴⁶ RBG, 1945 v7 n1 p.168.

⁴⁷ A Divisão Regional Brasileira – uma revisão bibliográfica (RBG, 1995, v57, n4).

1.3 A Geografia do Pós-Guerra e o projeto do 1º Censo das Américas

O Brasil e o mundo viviam então um período conturbado. O final de 1945 marca o fim da 2ª Guerra Mundial e da Era Vargas, no Brasil. A ascensão da Guerra Fria e essa nova configuração geopolítica vai fortalecer ainda mais a entrada do Brasil no projeto do Pan-americanismo, patrocinado pelos Estados Unidos com a finalidade de aumentar seu domínio sobre o continente e impedir o avanço do comunismo.

Com o fim da Guerra, aumenta a ingerência dos Estados Unidos nos negócios dos países americanos, estendendo-se a Guerra Fria à América Latina. Em 1947 o Brasil rompe relações com a então União Soviética e apoia claramente os Estados Unidos. Condição que foi sendo mantida durante a década de 1950, tanto no segundo Governo Vargas, como no Governo Juscelino Kubitschek, que apesar de buscar independência política com relação aos norte-americanos, dependia de seus capitais para financiar seu projeto para o Brasil. A ofensiva estadunidense no Brasil, nas décadas de 1940 e 1950, alcança também a esfera científica e educacional. Nos anos iniciais da Segunda Guerra a influência norte-americana se evidencia claramente nas relações científicas e institucionais entre Brasil e Estados Unidos, fruto dos programas empreendidos pelas agências e instituições norte-americanas. A situação de guerra em território europeu acabou também favorecendo essa ofensiva não apenas inviabilizando a ida dos brasileiros, especialmente para Alemanha e França, mas limitando a influência europeia em território brasileiro, principalmente dos franceses, que vinham atuando nas universidades e centros de pesquisa. (MACHADO e ZARUR, 2015, p.328)

Conforme já havia sido identificado pelas principais instituições vinculadas à Washington, a aproximação com países da América Latina era fundamental para a aquisição de novos mercados, áreas de influência e recursos naturais. Para tanto, organizou-se um projeto ousado de realização de um censo continental.

Após muitos estudos e prática dentro da abrangência do campo da Geografia, Jorge Zarur, conquistou um conhecimento técnico e uma boa habilidade para conduzir um projeto tão grandioso como a realização do 1º Censo das Américas, em 1950. Seu conhecimento em “a medição do território, a representação do território e a interpretação do território”⁴⁸, fruto da sua relação com a Geografia americana e das suas experiências profissionais, proporcionaram a Jorge Zarur a qualificação requerida para a condução deste projeto. Ademais, o carisma pessoal de Zarur e o fato de ser brasileiro, também abriam caminhos junto às outras nações

⁴⁸ Conforme dito por Cristóvão Leite de Castro, na apresentação de Jorge como um Geógrafo Moderno.

latinas, que por vezes apresentam resistência ao projeto imperialista norte-americano.

Sobre os preparativos para a realização desse censo, encontramos diversos recortes de jornal que datam de 1946 e 1947⁴⁹, período em Jorge visitou todas as nações latino-americanas, com exceção do Paraguai para organizar as ações e divulgar a realização do Censo entre as nações.

Figura 11 – Matéria de Jornal sobre o Censo das Américas de 1950

Fundamental Para el Continente
Será el Censo Americano de 1950

El Tiempo
20-3-47
Bogotá

El profesor Jorge Zarur, delegado del Instituto Interamericano de Estadística, explica las finalidades de la investigación.—La personalidad del eminente geógrafo fluminense.—Su interés por Colombia y su organización.

El profesor Jorge Zarur es brasileño, geógrafo y cartógrafo. Viene como delegado especial del Instituto Interamericano de Estadística para organizar en todo el continente americano el Censo de población que será levantado en 1950 de acuerdo con los convenios internacionales vigentes sobre la materia y su trabajo consiste especialmente en coordinar la acción de las oficinas de estadística de toda América, para conseguir, de esta manera, un trabajo uniforme en la labor censal, que anticipadamente ha sido calificada como la obra de mayor importancia continental.

Hace una semana que el profesor Jorge Zarur se halla en la capital y durante el tiempo de su estada en Bogotá, el ilustre visitante ha estudiado detenidamente el funcionamiento de nuestros sistemas estadísticos, que en Colombia funcionan dentro de la organización de la contraloría general de la república. Y el profesor Zarur se muestra complacido por la magnífica labor adelantada en este campo de la investigación.

Un redactor de este diario visitó al geógrafo fluminense en su apartamento de las residencias "Santa Marta" de esta ciudad, con el objeto de conversar con él acerca de su misión. El profesor Zarur, acompañado de su gentilísima esposa, que es a la vez su secretaria y su principal ayudante y con sejera, hizo para EL TIEMPO las siguientes declaraciones:

La importancia del censo americano
—El plan del censo continental es grande no solamente por la labor que en él representa, sino por el vasto alcance que tendrá en el desarrollo futuro de los pueblos del hemisferio. El Instituto Interamericano de Estadística está interesado en que el censo sea no solamente de población, sino también agro-pecuario, industrial y comercial, auncuando naturalmente la primera etapa solamente comprenderá el inventario de la población y la manera como ella está dividida por activida-



PROFESOR JORGE ZARUR

Legenda: Matéria do Jornal El Tiempo, de Bogotá, Colômbia. Publicada em 20/03/1947.

Fonte: Acervo da família.

⁴⁹ Uma pequena amostra desse material pode ser encontrada no Anexo VII

Este, que ficou conhecido como o 1º Censo Continental, tratou-se de um projeto cooperativo encomendado pelo Instituto Interamericano de Estatística (Inter-American Statistical Institute – IASI)⁵⁰ e patrocinado cooperativamente com outras três agências: o Instituto Brasileiro de Geografia e História, Instituto de Assuntos Interamericanos e o Instituto Pan-Americano de Geografia e História.

É interessante observar que esse projeto tem início junto ao final da 2ª Guerra Mundial e início da Guerra Fria, em 1946. Sem desmerecer as vantagens conferidas às nações que receberam apoio técnico e capacitação para a realização de seus recenseamentos, é impossível não enxergar as vantagens conferidas aos Estados Unidos e ao Brasil em obter proximidade diplomática e informações valiosas sobre os países latino-americanos.

As atividades inicialmente envolveriam apenas o censo populacional e a elaboração de mapas, mas posteriormente, a Organização de Alimentos e Agricultura das Nações Unidas (FAO), encomendou ao Instituto Interamericano de Estatística (IASI), o censo agropecuário. Dessa forma, simultaneamente ao censo demográfico e ao mapa das Américas, foi elaborado o censo agropecuário das Américas.

A partir de 1º de setembro de 1946 são iniciados os seguintes trabalhos de preparação para o censo:

- a) Levantamento das fontes geográficas e cartográficas existentes nos Estados Unidos sobre todos os países da América Latina.
- b) Visita às 20 nações latino-americanas para investigar as condições geográficas e cartográficas em cada uma das repúblicas irmãs (com exceção do Paraguai).
- c) Conferenciar com os geógrafos e organismos técnicos em cada país, a fim de despertar o interesse e o entusiasmo, junto aos governos e opinião pública, pelo recenseamento das Américas.
- d) Convidar as nações a definir uma comissão de cada país para participar do Congresso Mundial de Estatística que seria realizado

⁵⁰ O IASI foi fundado em 1940 por alguns membros do International Statistical Institute – ISI e iniciou uma série de Congressos Interamericanos de Estatística, especialmente entre 1947 e 1950 (assumidos posteriormente pela Organização dos Estados Americanos (OEA) na qualidade de Conferências Interamericanas de Estatística) como reuniões preparatórias para a realização do Censo das Américas, cuja primeira realização correspondeu a 1950 sob a coordenação de Jorge Zarur. <http://www.contraloria.gob.pa/inec/IASI/presentacion.html>

em Washington. Esse congresso teve como objetivo estabelecer as bases mínimas e técnicas necessárias para a coleta de informações. Além disso, apontar os problemas importantes tais como a uniformidade de definições, treinamento de pessoal, assistência técnica, publicação e outros.

Em uma de suas entrevistas, Jorge Zarur falou que a ideia do Censo das Américas surgiu em 1943, no Congresso Demográfico do México. Em entrevista ao jornal Ercilla, do Chile, Zarur falou sobre a importância desse censo continental para que a América conheça sua população, seus recursos e suas potencialidades. E mais, para que os países vizinhos conheçam uns aos outros e possam trabalhar em cooperação.

Figura 12 – Foto da matéria publicada no Jornal Ercilla, do Chile.



Fonte: Acervo da família.

Em 1948, ano de nascimento de seu segundo filho, Carlos Zarur⁵¹, Jorge Zarur publicou, na Revista Brasileira de Geografia, um relatório preliminar sobre a situação estatística e cartográfica dos seguintes países: México, Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, República Dominicana, Haiti, Cuba, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil. Todos foram pessoalmente visitados por ele, com exceção do Paraguai.

Esses relatórios e as informações colhidas sobre o censo nas 57 matérias de jornal encontradas durante esta pesquisa merecem ser mais analisadas, na tentativa de reconstruir essa história e compreender os seus desdobramentos. As informações já compiladas indicam que este projeto visava a padronização dos dados para fins comparativos. Em um trecho do relatório supracitado, Jorge Zarur deixa clara essa necessidade.

Uma das mais importantes tarefas preliminares do censo das Américas de 1950 é a definição clara dos termos geográficos. No censo de todo um continente, em que figuram diversos países com acentuadas diferenças regionais e em que se requer cotejos de dados, torna-se fundamental o problema da definição de certas designações geográficas. (Que é habitação? Que é urbano e que é rural? Que é aldeia, "caserio" e "poblado"? Que é serra?) (ZARUR, 1948, p.561)

Para Zarur, a realização desse projeto colocava em articulação todo o seu conhecimento técnico e suas habilidades diplomáticas. Juntando as informações, foi possível perceber que havia três núcleos espalhados pelo continente, Brasil, México e Estados Unidos, e que tanto o Brasil quanto os Estados Unidos tinham um profundo interesse sobre essas informações.

1.4 Do amadurecimento profissional à morte prematura

Após a realização do projeto de preparação para o Censo das Américas, Zarur intensificou suas atividades como professor. Ainda em 1947, Zarur participa do *Cursos de Aperfeiçoamento para Professores de Geografia do Ciclo Secundário*, organizado pela *Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*. Na ocasião, Zarur ministrou aulas sobre os seguintes temas: Métodos da Geografia Econômica;

⁵¹ Que teve seu nome Carlos como uma clara homenagem à Carlos Delgado de Carvalho.

Seminário de Geografia humana e os problemas do seu ensino; Geografia Regional; Geografia regional dos Estados Unidos da América; Técnica geopolítica; Rio São Francisco.

De 1949 a 1951 foi professor do curso de Geografia Humana, na PUC e de Geografia para o curso de jornalismo, na mesma instituição. Lecionou também na Faculdade Católica de Filosofia de Petrópolis e na Escola de Comando do Estado-Maior da Aeronáutica. Além de ministrar diversas conferências pelo continente e participar de diversas bancas examinadoras, Zarur começou a dar aulas nos cursos de Geografia Regional e Cartografia na Universidade do Brasil, em 1951, lecionando até 1955. Na Universidade, Zarur trabalhou com Josué de Castro, então catedrático de Geografia Humana, e grande amigo, com quem estabeleceu relações acadêmicas e políticas. Além de amigos pessoais, Zarur e Josué tinham afinidades políticas e intelectuais, além de estreitas relações com a ONU através da OEA. Nos documentos de Zarur, encontramos um artigo de jornal, de sua autoria, enquanto Diretor da Divisão de Geografia no CNG, que apresenta o livro de Josué, Geopolítica da Fome, que trata o problema da fome em escala mundial. (Anexo VIII)

Em 1955, Zarur prestou concurso para a cátedra de Geografia Geral e do Brasil do Colégio Pedro II com a tese **Precisão e Aplicabilidade na Geografia**, último trabalho por ele editado, e do qual falaremos no próximo capítulo.

Zarur participou das atividades relacionadas à escolha da localização da nova capital federal⁵², do movimento legalista que garantiu a posse de JK e da elaboração do Plano de Metas, como pode ser observado no artigo Saudades do Brasil, de George Zarur (2005, p.)⁵³

Criança ainda, conheci Juscelino, quando governador, por intermédio do meu tio, Coronel Nélio Cerqueira Gonçalves, Comandante-Geral da Polícia Militar de Minas Gerais. Não é exagero dizer que a posse de JK deve-se, em boa parte ao dispositivo militar organizado em Minas, no tempo em que as polícias militares eram exércitos estaduais, que pesavam decisivamente no jogo político do país. Em nossa casa, no Rio de Janeiro, na Gávea, houve várias reuniões conspiratórias para que a vontade das urnas acontecesse (...)

Em nossa casa da Gávea foram, também, realizados encontros, dos quais participaram meu pai e meu tio, os geógrafos Jorge Zarur e Speridião Faissol, de onde surgiram contribuições para o Plano de Metas que o novo governo implantou. A Geografia era considerada, então, uma disciplina aplicada ao planejamento, tão importante quanto a economia. Em uma das

⁵² "A Cartografia Avança pelo Planalto Central a partir do Século XIX – Nova Capital da República – Brasília", de Eliane Alves da Silva (ano não encontrado) – Acessado em - <http://www.amiranet.com.br/artigo/a-cartografia-avanca-pelo-planalto-central-a-partir-do-seculo-xix-nova-capital-da-republica-brasil-70>

⁵³ <http://www.georgezarur.com.br/opiniaio/118/saudades-do-brasil-perdido-1-jk>

vezes, vi aparecer Josué de Castro durante uma reunião, mas não sei se participava da formulação do plano ou se apenas nos visitava como amigo da família, o que fazia com frequência.

Durante esta pesquisa, ficou evidente o profundo envolvimento de Zarur com a geografia e com os problemas que afetam as populações. Em 1953, Jorge Zarur havia iniciado um novo projeto e criado o Centro de Treinamento Pan-Americano para Avaliação dos Recursos Naturais, em parceria com a OEA e com sede no Rio de Janeiro, na Universidade Rural.

Figura 13 – Foto da matéria do jornal El Mercurio, do Chile.



Legenda: A matéria de 2/2/1953, apresenta o Centro de Treinamento Pan-Americano para Avaliação dos Recursos Naturais, e explica que o treinamento é realizado para turmas de profissionais selecionados em todas as nações americanas.

Fonte: Acervo da família

No discurso de paraninfo que JK proferiu na formatura da turma de 1958 (Jorge Zarur já estava morto há mais de um ano) do Centro de Treinamento Pan-Americano para Avaliação dos Recursos Naturais é expressa como era a

organização e a importância desse centro, um dos sete centros que a OEA tinha participação na América Latina.

O Programa de Cooperação Técnica da Organização dos Estados Americanos, no qual o vosso Centro se inclui como um dos projetos de maior alcance, é uma demonstração viva de que a nossa Organização regional compreendeu perfeitamente que a ação política de fortalecimento e congraçamento dos povos americanos — seu fim último — só poderá ser eficaz e duradoura na medida em que se assentar numa infraestrutura social e econômica plena e harmonicamente desenvolvida.

Não hesitarei em repetir a verdade evidente que nenhum programa de desenvolvimento econômico será viável sem que lhe preceda uma exata e cuidadosa verificação desses recursos naturais. Verdade muito de repetir-se porque, apesar de seu caráter axiomático, nem sempre tem sido levada na devida conta, especialmente por nós latino-americanos, frequentemente propensos a confiar, antes em nossa capacidade de improvisar, que em planos, meticulosamente traçados.

Por isso mesmo é que bem inspirada andou a Organização dos Estados Americanos quando introduziu, em seu Programa de Cooperação Técnica, o projeto que criou este Centro, destinado a fornecer a bolsistas de todo o Continente a oportunidade de familiarizar-se com os métodos mais modernos de pesquisa e avaliação de recursos naturais, proporcionando, a cada país, pessoal mais capaz para a correta utilização desses recursos, tendo em vista o seu desenvolvimento global. (Discurso de JK, 1958)⁵⁴

Pouco antes de morrer, havia também sido convidado por JK para assumir o cargo de assessor técnico da Casa Civil. Apesar de já apresentar alguns problemas de saúde, sua morte repentina, aos 41 anos de idade, chocou não a só sua família e amigos, mas grande parte da comunidade geográfica internacional.

Na mesma pasta onde encontramos diversos documentos que compõem o anexo desta pesquisa, foram encontradas dezenas de telegramas e cartas de pêsames vindos de diferentes países do mundo, tanto individuais quanto institucionais. Optamos, por tanto, em utilizar para essa pesquisa apenas aquelas que poderiam nos conferir importantes informações históricas sobre a atuação de Zarur em vida e seu legado.

Foto 14 - Homenagem póstuma à Zarur



Legenda: Nota publicada no jornal Correio da Manhã.

Fonte: Acervo da família

⁵⁴ <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/jk/discursos/1958/85.pdf>

2 UM PASSEIO PELA GEOGRAFIA DE JORGE ZARUR

O presente capítulo oferece o levantamento da produção científica de Jorge Zarur. Inicialmente será apresentado um quadro com suas obras, em ordem cronológica de publicação, editadas no IBGE e nos congressos científicos. Em seguida será realizada uma breve apresentação do conteúdo de algumas das obras apresentadas. Destaque especial foi dado para *Análises Regionais*, *A Bacia do Médio São Francisco: uma análise regional* e *Precisão e Aplicabilidade na Geografia*. Vale destacar que a apresentação das obras não contém uma análise de conteúdo, uma vez que um de nossos objetivos foi dar voz à Zarur. A seleção aqui proposta teve como critério a relevância de sua produção para a introdução da metodologia de planejamento territorial defendida por Zarur junto ao IBGE. Conforme sinalizado no capítulo anterior, essa metodologia esteve associada à escola americana, mais moderna e utilitarista do que a vinha sendo feita no Brasil. Essa “nova forma” de se fazer geografia, defendida no Brasil por Zarur, sofrerá forte resistência por parte dos geógrafos do IBGE que estavam mais vinculados à escola francesa e ao grupo político da UDN.

O quadro a seguir apresenta as produções de Jorge Zarur que foram identificadas até o presente momento. Devido às limitações impostas à realização dessa dissertação, é prudente informar que parte da produção de Zarur pode não ter sido identificada, o que faz dessa pesquisa uma primeira contribuição que pode e deve ser aprofundada por outros pesquisadores.

Tabela 1 – Principais obras científicas elaboradas por Jorge Zarur

	Títulos dos textos e livros escritos por Zarur	Referências
1940	Estudo sobre as caatingas	IX Congresso Brasileiro de Geografia, Florianópolis (Anais)
1941	A Geografia no Curso Secundário	RBG, 1941, v.3, n.2,p.227-269
1941	Comentários: O Canal São Simão	RBG, 1941, v3, n3, p.621-625.
1942	Latin America, Preston James, por Jorge Zarur	RBG, 1942 v4 n3. Pág 587-600
1942	Geopolitics - The Struggle for space and power Robert Strass, por Jorge Zarur	RBG 1942 v4 n4, p.848-852
1943	Um comentário sobre a classificação de Köppen, por Jorge Zarur	RBG 1943 v5 n2, p.250-254
1943	A Aviação e a Geografia	Boletim Geográfico, ano 1, n.7
1943	Resultados Preliminares da Excursão ao Vale do São Francisco"	Boletim Geográfico, ano 1, n.9
1944	Geografia: ciência moderna ao serviço do homem	RBG 1944 v6 n3, p.313-326
1944	Land Economics, Richad T. Ely e Georg S. Wehrwein (NY), por Jorge Zarur	RBG 1944 v6, n4, p.546-550
1946	A Região de Juazeiro e Petrolina	Trabalho aprovado pelo X CBG, em 1944, em parceria com Aroldo de Azevedo. Coleção do CNG, São Paulo.
1946	Análises Regionais	RBG 1946 v8, n2, p.177-188
1946	A Bacia do Médio São Francisco: uma análise regional.	Serviço Gráfico do IBGE, 1946.
1948	Geografia e Cartografia para fins censitários na América Latina	RBG, 1948 v10, n4, p.561-598
1955	Precisão e Aplicabilidade na Geografia	Tese apresentada em concurso para cátedra de Geografia Geral e do Brasil, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 1955, 153p.

Fonte: Elaborado pela autora.

2.1 A Geografia no Curso Secundário (1941)

No ano de 1941, a Revista Brasileira de Geografia (RBG), do CNG/IBGE, publicou o texto elaborado por Zarur, **A Geografia no Curso Secundário**. Trata-se de um estudo descritivo e amplo, com 42 páginas, abordando a modernização da ciência geográfica no Brasil e a história da Geografia e do ensino de Geografia na Europa, Estados Unidos e Brasil. Proposições para a renovação do ensino da Geografia no País são apresentadas por Zarur. O autor inicia seu texto defendendo

a renovação da Geografia, uma Geografia científica e moderna, orientada pelos estudos práticos e pela explicação, em substituição aos estudos descritivos do período. Fez uma recuperação da história da Geografia desde os gregos até La Blache e seus discípulos, buscando as relações com o ensino desta ciência. Destaca a contribuição de Delgado de Carvalho e Fernando Antônio Raja Gabaglia na modernização do ensino geográfico no Brasil. Em seguida explora a situação do ensino da Geografia no curso secundário, buscando discutir os propósitos e as práticas do conhecimento geográfico nesse segmento. Fez um levantamento do ensino de Geografia nos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França e Brasil, desde o ensino básico ao superior, apontando as influências que cada país recebeu e estabelecendo algumas comparações. Novamente a figura e o trabalho de Delgado de Carvalho e Raja Gabaglia são aqui sublinhados, como grandes responsáveis pela implantação da moderna e científica Geografia no Brasil, principalmente, Delgado de Carvalho. Por fim apresenta propostas que incluem aspectos técnicos, didáticos, de infraestrutura, de atividades práticas em sala de aula, etc. para o desenvolvimento da Geografia no curso secundário no Brasil.

2.2 O Canal São Simão (1941)

Ainda em 1941, Zarur escreveu para a Revista Brasileira de Geografia um pequeno texto de quatro páginas denominado **O Canal de São Simão**. Na realidade são notas resultadas de uma excursão patrocinada pela Revista para a região do Triângulo Mineiro e o, então, Canal São Simão, no sul do Rio Parnaíba, divisa dos estados de Minas Gerais e Goiás. Zarur faz uma descrição do relevo da região do Rio Parnaíba e mostra a especificidade do São Simão, destacando suas características geomorfológicas e hidrográficas e apresentando uma hipótese para explicação de sua origem e formação. Duas observações podem ser feitas a partir desse pequeno texto de Zarur. A primeira voltada para a dinâmica científica da Geografia, com destaque para a preocupação do autor em buscar uma explicação “científica” sobre a formação hidrográfica e geomorfológica da área. A segunda voltada para a política, especialmente, a política territorial do Governo federal à época, que tinha interesses na construção da nova capital brasileira no interior do

Brasil. Para tanto, era necessário realizar estudos locacionais e avaliação do potencial energético de manutenção da nova cidade. A área visitada por Zarur foi uma das escolhidas para a localização da nova capital e oferecia um grande potencial energético, dado pelo conjunto de quedas-d'água da região. Na segunda metade da década de 1940, o IBGE foi convocado oficialmente pelo Governo para definir possíveis localizações para a nova capital no Planalto Central. Duas equipes foram organizadas, uma coordenada por Leo Waibel e outra por Francis Ruellan.

2.3 Geografia: ciência ao serviço do homem (1944)

“**Geografia: ciência ao serviço do homem**”, publicada em 1944 pela Revista Brasileira de Geografia, foi o título dado à Conferência de Abertura do X Congresso Brasileiro de Geografia. Zarur fala sobre o que aprendeu nos Estados Unidos e sobre a necessidade de criação de metodologias de investigação que permitam um diagnóstico preciso das regiões e sirva como ferramenta para tornar a Geografia uma ciência aplicada. Apresenta ainda alguns mapas elaborados por ele sobre o São Francisco e como a Geografia pode e deve ser aplicada a serviço do homem.

Nos últimos quatro anos da minha vida profissional, tive oportunidade de observar como a ciência geográfica progrediu. Trabalhando, não só aqui, no Brasil, como também no estrangeiro, tive a feliz oportunidade de, nos Estados Unidos, acompanhar de perto o movimento renovador, essa luta tremenda dos geógrafos modernos que pretendem tirar a Geografia das lides puramente acadêmicas ou dos laboratórios, pondo-a a serviço do homem e tornando-a uma ferramenta útil e básica para os administradores e planejadores. Voltei um entusiasta dessa batalha e, agora, quero ser um dos seus soldados aqui na minha terra, que é, na realidade, o paraíso e grande laboratório dos geógrafos ativos. (ZARUR, 1944, p.313).

Em outro trecho de seu discurso é possível perceber como a Geografia desenvolvia essa sua característica utilitarista nos Estados Unidos por conta a 2ª Guerra Mundial, e como a necessidade de informações precisas sobre os territórios vai impulsionar a geografia, em meados do século XX, para a posição de destaque, que não possui mais.

A Geografia utilitária fez milagres nesta guerra. Só quem acompanhou, de perto, os trabalhos do batalhão de geógrafos mobilizados pelo Governo norte-americano poderá saber da eficiência e da grandeza da contribuição que trouxe o Geógrafo à causa da guerra moderna: desde o mapa até à

análise, quilômetro por quilômetro, das regiões invadidas. Entretanto, essa Geografia que está prestando já tantos serviços, hesitante na sua delimitação e nos seus objetivos, só agora começa a ter os seus filósofos e precisa ainda que a sua filosofia seja feita.(...)

Por isso é que sou favorável a uma campanha de "puritanismo" científico na Geografia, isto é, procurar fazer Geografia verdadeira e ajudar a construir a sua filosofia trazendo e acumulando dados seriamente obtidos e manipulados, distribuindo, localizando fatos, transferindo-os, se possível, para o mapa; distinguir as regiões homogêneas e examinar os fatos das relações entre o Homem e a Terra, para trazê-los, depois de interpretados ao conhecimento do administrador, dos cientistas, dos professores e de todos os interessados. Em outras palavras, tornando a Geografia útil; pondo-a a serviço do Homem, procurando para ela uma aplicação. (ZARUR, 1944, p.314)

Esse trecho representa o pensamento de Jorge Zarur naquele momento. Envolvido com os estudos sobre o Rio São Francisco, influenciado pela experiência dos Estados Unidos no Vale do Tennessee⁵⁵, Zarur acreditava na aplicação da geografia como uma saída para a utilização dos recursos naturais como forma de melhorar a vida das populações.

2.4 Análises Regionais (1946)

Associado ao estudo da Bacia do Médio São Francisco, **Análises Regionais** foi publicado pela RBG, em 1946. Trata-se de um artigo onde são apresentadas e discutidas algumas definições de região e também uma proposta de metodologia para realização de análise regional, associada ao planejamento regional e utilizada na análise da Bacia do Médio São Francisco. Apoiado em autores como Hartshore, Sauer, Bowmann, Odum e Whittlesey, Zarur faz uma breve revisão do conceito de regionalização e apresenta uma espécie de manual sobre a elaboração dessas análises e as limitações do método proposto.

Zarur inicia o texto com uma citação de Odum que aponta a crescente importância das análises regionais na administração pública⁵⁶ e segue apresentando duas correntes, aparentemente opostas do regionalismo, sobre a definição do

⁵⁵ Gerido através da Tennessee Valey Authority (TVA), órgão federal destinado a assegurar o desenvolvimento econômico da região e a criação de empregos.

⁵⁶ Tema que se relaciona com a conferência "Geografia, ciência moderna a serviço do homem", citada no capítulo anterior.

conceito de região, uma definição tornaria a região uma abstração e a outra, uma entidade real e concreta.

Segundo Zarur, a primeira interpretação parte do conceito de que região “é uma área com atributos inerentes definidos”, que teria surgido a partir da tentativa de descobrir meios para o agrupamento de “fatores reais da terra em complexos homogêneos, sem outro fim que o de estudos acadêmicos, descrição e análise, ignorando sua aplicação prática e utilitária” (ZARUR, 1946, p.177). A segunda interpretação entende a regionalização como um “meio” que facilita o maior controle, administração e regulamentação da vida social existente. Entretanto, Zarur sinaliza para a necessidade de união dessas duas interpretações como caminho para a criação de “regionalismo científico”, como forma de consolidar as análises regionais para o planejamento territorial, que Zarur vai chamar Geografia a serviço do homem.

Estas duas ideias básicas de “regionalismo” quando aplicadas separadamente se excluem, como dissemos. Porém o conflito é mais aparente do que real, acrescentando ainda que os problemas regionais de países como o Brasil, de área imensa, devem e precisam ser estudados e bem sistematizados em suas partes subnacionais. (ZARUR, 1946, p.178).

O texto segue para uma nova sessão sob o título “Definições de região”, na qual Zarur classifica em três grupos as diversas definições existentes. O primeiro grupo refere-se as abstrações generalizadas e vagas dos dicionários, que associam região à áreas indefinidas. O segundo grupo considera a definição de região como um agrupamento ou combinação de elementos físicos estáticos com fatores de diferenciação fundamentados nas características físicas e humanas. Como exemplo dessa definição o autor cita as definições de Josiah Royce, Mill e Roberte Hall. O terceiro grupo “interpreta a região como sendo uma área intrinsecamente constituída de elementos reais, dinâmicos e interdependentes. (ZARUR, 1946, p.179).

“Assim, o regionalismo será considerado como a integração dos fatores ambientais-físicos-econômicos, sociais e governamentais, formando uma entidade homogênea, como consciência distinta, com certa autonomia, com manifestações culturais peculiares, e integrada no domínio nacional”. (ZARUR, 1946, p.179).

Odum em seu livro *American Regionalism* é citado na construção dessa definição de região. Ao final dessa sessão, Zarur afirma que os conhecimentos modernos precisam lidar com regiões definidas e que a caracterização das mesmas

seria o principal objetivo do geógrafo. Ao final, Zarur cita Bowman em um trecho que apresenta, resumidamente, como seria a metodologia para essa caracterização.

Na sessão intitulada “As análises regionais” Zarur ensaia uma breve análise filosófica sobre o tema, que não é levada adiante, uma vez que seu objetivo parece estar associado a elaborar de um tipo de “manual técnico” apresentando a metodologia para a elaboração dessas análises regionais. Segundo Zarur, a “análise regional é o campo onde as ciências sociais e físicas se encontram e cooperam, pondo-se ao serviço do homem” e que a base dessas análises está na Geografia Econômica.

A partir da sessão intitulada “O método”, Zarur apresenta sua proposta de metodologia para a realização de análises regionais e suas funções primordiais.

A primeira função, de caráter local, consistiria em realizar um diagnóstico da região e proposições para o desenvolvimento dos recursos locais e mitigação dos efeitos das forças naturais negativas.

A primeira função do método é esclarecer as situações seguinte: 1) Quais os meios de vida da população? 2) Quais os recursos naturais, além da terra, usados na atividades econômicas? 3) Está-se fazendo uso completo dos recursos naturais? Se não, por quê? Quais as causas do desequilíbrio da estrutura econômica? Quais as medidas que poderão remediar e prevenir este e outros desequilíbrios? Como atuam as instituições sociais? (ZARUR, 1946, p.181).

A segunda função do método estava em dar aos administradores federais a real dimensão dos problemas regionais, visando a “*integração da análise na síntese nacional*” e, se os projetos propostos estão de acordo com a política nacional.

Para tanto, a apresentação da análise deveria seguir um formato claro e objetivo dividido em duas partes. A primeira seria mais condensada e além de um texto geral deveria conter mapas significativos e gráficos estatísticos que ajudassem a esclarecer as conclusões. A segunda parte seria mais detalhada, chamada de *análise completa* e serviria de consulta e referências sobre problemas específicos.

Apresentadas as funções do método e formato da apresentação das análises, Zarur apresenta a organização do plano de análise e os critérios para delimitação das regiões que: 1) devem estar associados a certa homogeneidade sob o ponto de vista da economia e dos problemas relacionados com o trabalho produtivo e as condições sociais da região; 2) devem analisar os grandes centros

metropolitanos em separado devido à concentração e aos problemas de natureza diferente.

Uma vez delimitada a região (a exemplo das 198 zonas geográficas aprovadas pelo CNG e CNE, na época), Zarur explica, de forma minuciosa, como deve ser realizada a aplicação do método, iniciado com trabalho preliminar (estatísticas, análises de relatórios e excursões anteriores, obras concluídas e em andamento) que vai fornecer as bases para a composição do material de gabinete, que será sujeito à crítica no campo.

Munido dessas informações de Gabinete, inicia-se, com o trabalho de campo, que, além de verificar as informações do relatório preliminar, visa colher material já publicado que não aos grandes centros; buscar uma apreensão da psicologia regional pelo contato com a população local; conferir as várias descrições sobre a economia regional, assegurando-se de que a prioridade justa foi dada a todos os fatores e nada foi omitido; apresentar as análises feitas em palestras aos habitantes a fim de verificar a solidez e idoneidade das informações; preparo do relatório final e quadro sumário. A última etapa de aplicação do método seria a Revisão da Análise, feita a partir da submissão da análise a pessoas bem informadas do local e discussão em seminários com técnicos e especialistas.

Sobre as limitações do método proposto, Zarur destaca quatro pontos principais. O primeiro associado ao caráter geral e de verificação das informações de estudos anteriores (*testing ground*), devendo, o analista, sugerir estudos posteriores mais completos e precisos sobre problemas específicos. A segunda limitação está relacionada aos problemas técnicos.

(...) porque o analista apresenta a região em conjunto e não com as soluções técnicas necessárias para a construção de certas pontes, planos de drenagem e etc. O método pretende fornecer a orientação geral, mas os planos detalhados para as várias partes do programa proposto devem ser feitos por técnicos qualificados (ZARUR, 1946)

A terceira limitação refere-se ao objetivo da análise que é o de fornecer auxílio ao administrador e não uma resposta completa às necessidades totais da região, que deve ser desdobrada em outros estudos. Na quarta e última, o autor destaca que alguns problemas regionais são gerados por conjunturas internacionais ou só podem ser considerados no conjunto do país, extrapolando os limites das análises regionais.

Na sessão sobre as “*análises regionais*” no *Brasil*, Zarur apresenta sua importância para o reajustamento econômico e social e destaca o importante papel desempenhado pelo IBGE ao incentivar a publicação desta obra; aprovar a divisão regional de 1946 e enviar técnicos para se especializarem nos Estados Unidos.

“Nenhum país precisa mais de “análises regionais” como o nosso Brasil, país novo com enormes áreas desconhecidas e outras já ocupadas há bastante tempo, precisando porém de um reajustamento econômico e social. Não haverá progresso sólido e natural se não planificarmos nossos trabalhos conhecendo as realidades regionais de nossa terra. Nenhuma instituição está melhor aparelhada que o IBGE para esta obra. Aqui podemos aliar os dois elementos básicos para todas as análises: “o número e o mapa”. O número medindo e o mapa distribuindo e verificando a extensão dos fenômenos.” ZARUR, 1946, p.184.

Segundo Zarur, esse conjunto de medidas adotadas pelo IBGE estão favorecendo as bases preparatórias para um programa que já estava em andamento no Brasil e que Zarur apresenta nos parágrafos seguintes em três fases: a preparação da Divisão de Geografia do CNG para ter uma equipe responsável pela análise regional de cada macrorregião; o estudo das sub-regiões; e análise das zonas geográficas e dos distritos para melhor caracterização das 199 zonas brasileiras.

Zarur conclui destacando que o regionalismo não pretende realizar uma *segmentação política* nem deve ser interpretado como *localismo estéril*, mas sim como a “*interação de fatores ambientais, econômicos e sociais e governamentais formando uma entidade, com uma consciência distinta, com certa autonomia e com manifestações peculiares.*” (ZARUR, 1946.)

O regionalismo e especial as análises regionais querem transformar o Estado num elemento criador de valores em vez de parasita e policial; fazer com que as nações passem a tomar conhecimento das suas possibilidades econômicas e a necessidade de usar bem e conservar as riquezas naturais das quais dependem os interesses das gerações que se sucedem. ZARUR, 1946.

2.5 A Bacia do Médio São Francisco: uma análise regional (1946)

A presente obra é o resultado dos estudos realizados por Jorge Zarur através de um convênio entre o governo brasileiro, através do IBGE, e o governo dos Estados Unidos, através da Nation Plannig Association. Este foi o terceiro relatório de sete preparados para o escritório de Nelson Rockefeller pelo Latin-American Regional Resources Project, da National Planning Association. Seu objetivo era levantar e analisar os recursos e os meios de vida da Bacia do Médio São Francisco e indicar direções para o desenvolvimento da agricultura, potencial da floresta e recursos humanos para a região. Era um estudo regional aos moldes da então escola regionalista que se estruturava que teve como modelo o planejamento territorial da bacia do Tennessee, executado pelo Tennessee Valley Authority (TVA) na década de 30.

No prefácio, o autor realiza uma breve apresentação sobre a importância do sistema fluvial do São Francisco na consolidação da unidade brasileira, aponta a carência de dados e estudos sobre a região e destaca que os “habitantes da região não gozam de um padrão de vida proporcional às possibilidades destes recursos”. Destaca ainda que o antigo perigo separatista de algumas regiões desencorajaram os dirigentes brasileiros a adorem estudos regionais, concentrando o poder administrativo nas mãos do Governo federal e, conseqüentemente, retardando o desenvolvimento de regiões com problemas locais complexos como o Vale do São Francisco. Apresenta este estudo como uma contribuição à criação de uma Administração do Vale do São Francisco, compreendendo os interesses de cinco estados e do governo federal sob bases cooperativas, tal como acreditava estar sendo estabelecida entre o Brasil e os Estados Unidos, através de um *movimento de boa vizinhança* que deixava de ser apenas diplomático e começava a alcançar nossas instituições econômicas, sociais e mesmo, o próprio povo.

O livro está dividido em quatro capítulos, com uma narrativa agradável e com diversas ilustrações: fotografias, mapas e tabelas. O primeiro capítulo apresenta a localização e caracterização da Bacia do São Francisco. O segundo se dedica à população, seu meio de vida e ocupação. O terceiro analisa os fatores que afetam a economia regional. O último apresenta algumas proposições de intervenção na

região, como parte da metodologia apresentada em seu artigo *Análises Regionais*, sendo denominado *Diretrizes para um reajustamento desejável*.

1º Capítulo do livro - Localização e Caracterização da Bacia do São-Francisco

A bacia o Rio São Francisco é inicialmente apresentada de forma geral e posteriormente com alguns detalhes sobre as suas subdivisões. Zarur caracteriza a colonização e o uso da terra. Apresenta a base do cultivo da terra em modo extensivo, com pastoreio em campo aberto, a presença do nomadismo agrícola, o uso intensivo da madeira e uma manufatura em estágio inicial. Ressalta o lento crescimento da produção regional, a falta de transporte, assistência técnica, a baixa densidade associada à emigração. Quanto aos recursos naturais destaca a falta de informação sobre os recursos minerais e o potencial hidrelétrico, com 8% da força hidráulica do país, até então, pouco aproveitado.

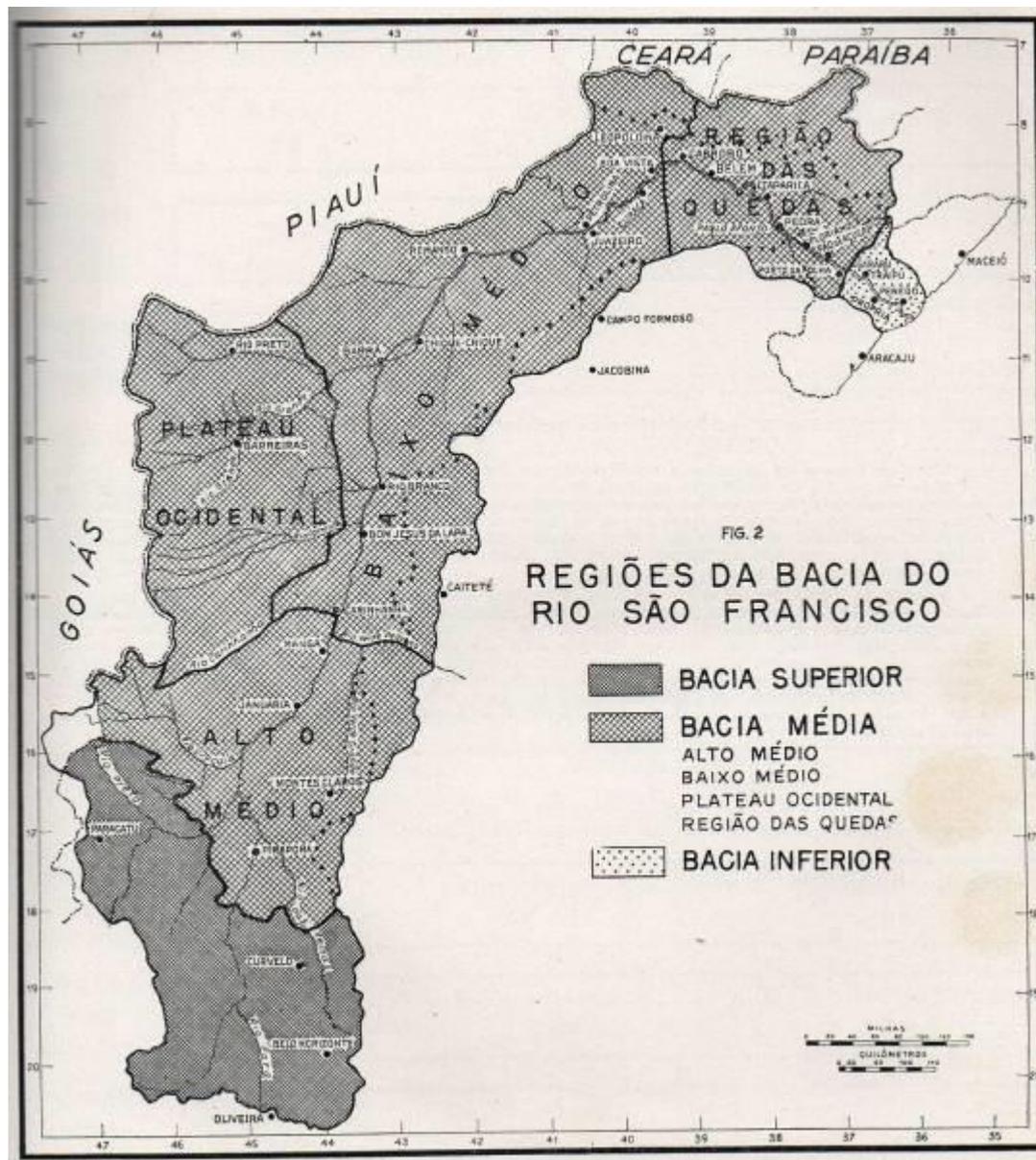
Sobre a localização e divisão regional, Zarur ressalta que a Bacia do São Francisco não é uma região homogênea e que apresenta diversos contrastes “*na geologia, no relevo, no clima, na vegetação, na distribuição da força hidráulica, nos minerais e também nas atividades econômicas e nas condições de vida da população*” (ZARUR, 1946, p.2) São apresentadas duas possibilidades de divisão da região e Zarur adota a tradicional (com pequenas alterações nos limites entre elas) que divide a bacia em três: Superior, Média e Inferior⁵⁷ e justifica sua seleção de análise, apenas do médio São-Francisco, pela vastidão e complexidade da bacia, bem como pela limitação de tempo.

A figura 15 apresenta o mapa de identificação das Regiões da Bacia do São Francisco, realizado por Zarur e sua equipe. A citação abaixo trata-se de um trecho da legenda explicativa sobre o mapa.

⁵⁷ “A Bacia do São Francisco, segundo condições físicas e atividades econômicas, pode ser dividida em três partes principais: Bacia Superior, Bacia Média e Bacia Inferior. Como as linhas que separam essas regiões foram traçadas de acordo com a diferenças físicas e econômicas, os detalhes das mesmas acompanham os limites dos municípios, principalmente para fins de manipulação de dados estatísticos. Naturalmente os limites são apenas uma aproximação, pois as diferenças naturais e atividades econômicas não mudam subitamente – são zonas de transição. A Bacia Superior, comparativamente extensa, e a diminuta Bacia Inferior, são regiões de população bastante densa e nelas as atividades econômicas estão bem adaptadas às condições ambientais. Isso não significa, entretanto, que uma utilização mais eficiente dos recursos conhecidos e desconhecidos destas duas áreas não melhorasse grandemente a sua economia e as suas condições de vida.” ZARUR, 1946, p. 20

Em virtude da área da Bacia e do curto espaço de tempo concedido para o trabalho, esta análise se refere de modo especial à Bacia Média do São Francisco, uma região em que os recursos, tanto naturais como humanos, são mal conhecidos e uma região considerada um dos maiores problemas do Brasil. Para finalidades de exploração a Bacia Média do São Francisco é dividida em quatro sub-regiões: Média Superior, Média Inferior, Planalto Ocidental e Região das Quedas. Considerando as condições naturais e as atividades econômicas, estas podem ser depois subdivididas em unidades geográficas menores. Notar a linha pontilhada na porção leste da Bacia e na parte norte da região em Pernambuco. Esses pontos separam regiões da Bacia que diferem um tanto das outras partes da Bacia Média e cujos contatos econômicos, em virtude da localização e das facilidades de comunicação, se relacionam mais com regiões exteriores do que com o próprio vale do São Francisco.

Figura 15 – Mapa de identificação



Fonte: Zarur, 1946.

Neste primeiro capítulo, Zarur demonstra um profundo conhecimento da região e capacidade de síntese ao caracterizar, em poucas palavras, cada uma das sub-regiões da Bacia Média: Média Superior (Alto Médio), Média Inferior (Baixo Médio), Planalto Ocidental (Plateau Ocidental) e Região das Quedas. O estilo de sua redação é agradável e ilustrativo, o que faz com que leitor consiga perceber as diferenças físicas, econômicas e culturais entre cada sub-região. Além disso, ao longo do livro, as informações são ilustradas com mapas, gráficos e fotografias, o que torna a leitura mais agradável e compreensível.

2º Capítulo do livro – A população, seu meio de vida e ocupação.

Zarur inicia esse capítulo apresentando uma contextualização histórica da ocupação da região a partir de 1553, quando as expedições penetravam para o interior em busca, principalmente, de escravos para a região litorânea. Passa pela doação de terras pela Coroa e o crescimento da criação de gado, a descoberta do ouro em Minas Gerais, o uso intensivo da madeira, óleos e ceras vegetais, a pesca rudimentar e a intensificação da caça para utilização das peles dos animais. Chega, enfim, ao esgotamento das minas de ouro e diamante, com o esvaziamento da região e a emigração de parte das atividades econômicas para áreas mais prósperas do território.

Sobre a população, Zarur apresenta o homem sertanejo, esse caboclo fruto de vários cruzamentos entre indígenas (nativos expulsos ou assimilados pelo colonizador), negros (braço escravo que logo que pode emigrou do Vale para as Minas Gerais e outras áreas urbanas) e brancos (classe dirigente e mais abastada, que possui a maior parte das terras e controlam o comércio e a administração locais). Após apresentar cada uma das três raças matrizes em suas características físicas, culturais e econômicas, apresenta o homem sertanejo.

Das três raças acima resultou a presente população mestiça. Por consequência, o sertanejo é o tipo resultante de alguns séculos de amalgamação racial e aculturação. É chamado o “filho nativo” do São Francisco e é exaltado por todos os escritores. É fisicamente forte, capaz de suportar longas horas de labor extenuante, quando não atacado pelas moléstias dominantes na região. Tem inteligência viva e arguta, é de espírito inventivo, não sendo entretanto econômico. Possui uma filosofia fatalista que o preserva de revoltas contra as condições adversas. No seu trabalho “não demonstra a perseverança e a continuidade do imigrante estrangeiro”, não em virtude da ascendência indígena, mas porque lhe falta educação apropriada. Constitui a massa da população não somente nos pequenos

centros urbanos, mas ainda nos agrupamentos rurais. "ZARUR, 1946, p.8 e 9.

Após apresentar a formação da população Zarur apresenta sua distribuição. A população total da Bacia Média, em 1940, era de 1.638.877 habitantes, dos quais 84,6% vivem em área rural. A distribuição da população pela Bacia é desigual e Zarur apresenta inicialmente um comentário geral sobre a sua distribuição e depois uma análise mais detalhada para uma das sub-regiões da Bacia do Médio São Francisco, como observado nas figuras 16 e 17.

Figura 16 – População de área, em 1940.



Fonte: ZARUR, 1946.

Na Bacia Média Superior (Alto Médio), o sul é espaçadamente povoado e o norte com maior densidade (Januária e Montes Claros). Algumas áreas chamam atenção pelo vazio populacional, como no caso de Pirapora (que o autor associa à baixa oferta de terra para lavoura devido à alta concentração de terras). Na Bacia Média Inferior (Baixo Médio) está a zona menos povoada, apesar de ser no centro desta sub-região que se encontram as cidades gêmeas de Juazeiro e Petrolina. “O comércio e as vias de comunicação foram causa do maior progresso dessas cidades em relação às inúmeras vilas da região” (Zarur, 1942, p.13) A sub-região do Planalto Ocidental (Plateau Ocidental) é apresentada com muitos núcleos populacionais com destaque para Barreiras, entretanto, sua porção ocidental é quase desabitada. A sub-região das Quedas é mais densamente povoada, pois há pequenos núcleos distribuídos, ocupando as depressões e as encostas das serras nas vertentes mais úmidas.

Seguindo a metodologia proposta em *Análises Regionais*, publicado da RBG no mesmo ano e analisado anteriormente, Zarur apresenta a análise do tipo de povoamento dos centros urbanos em separado do restante da região. Neste caso foram analisados em separado Pirapora, Januária, Bom Jesus da Lapa, Barra, Barreiras, Juazeiro e Petrolina.

A seguir, Zarur apresenta um panorama sobre as migrações no Vale, intitulado **Movimento da População** (p.19), onde destaca os tipos de migração (temporária, transumância e de retorno) caracterizando os principais motivos (projetos nacionais, busca por melhores salários e trabalhos temporários associados à agricultura), destinos (bacia Amazônica, Brasil leste e sul, principalmente São Paulo), rotas (oceânica, fluvial e terrestre) e consequências desse movimento para a região (baixo crescimento, concentração da população feminina e alto índice de prostituição).

Sobre **Ocupações e Padrão de Vida** (p.21), Zarur destaca que apesar da deficiência estatística, cerca de 85% da população é rural e que os trabalhadores dessa natureza são principalmente vaqueiros, agregados, camaradas e ribeirinhos. Já os outros 15% são considerados rural-urbano e urbano. Sobre **Os Tipos Rurais** (p.22), Zarur apresenta cada um deles, sua situação socioeconômica e dá destaque ao vaqueiro, representante do fazendeiro, que tem o controle de grandes extensões de terras e do povo que nelas vive. Controle esse que era realizado, no passado, pelos jagunços que defendiam os fazendeiros dos cangaceiros. Por fim, Zarur

ressalta que o governo desarmou os fazendeiros e dispersou e capturou os bandoleiros, que segundo ele, também exerceram influência no êxodo da população do Baixo Médio São Francisco.

Sobre os **Tipos Urbanos e Padrões de Vida** são primeiramente apresentados os fazendeiros, que possuem casas nas cidades e também atuam no comércio, na política e da administração locais. Os padres católicos, médicos, advogados, artesãos e outros técnicos como pedreiro, carpinteiro, ferreiro, maquinista e administrados também compõem esse grupo e há uma tabela que apresenta a média salarial de cada classe de trabalhador. O padrão das casas também é apresentado em detalhes bem como a falta de mobilidade social.

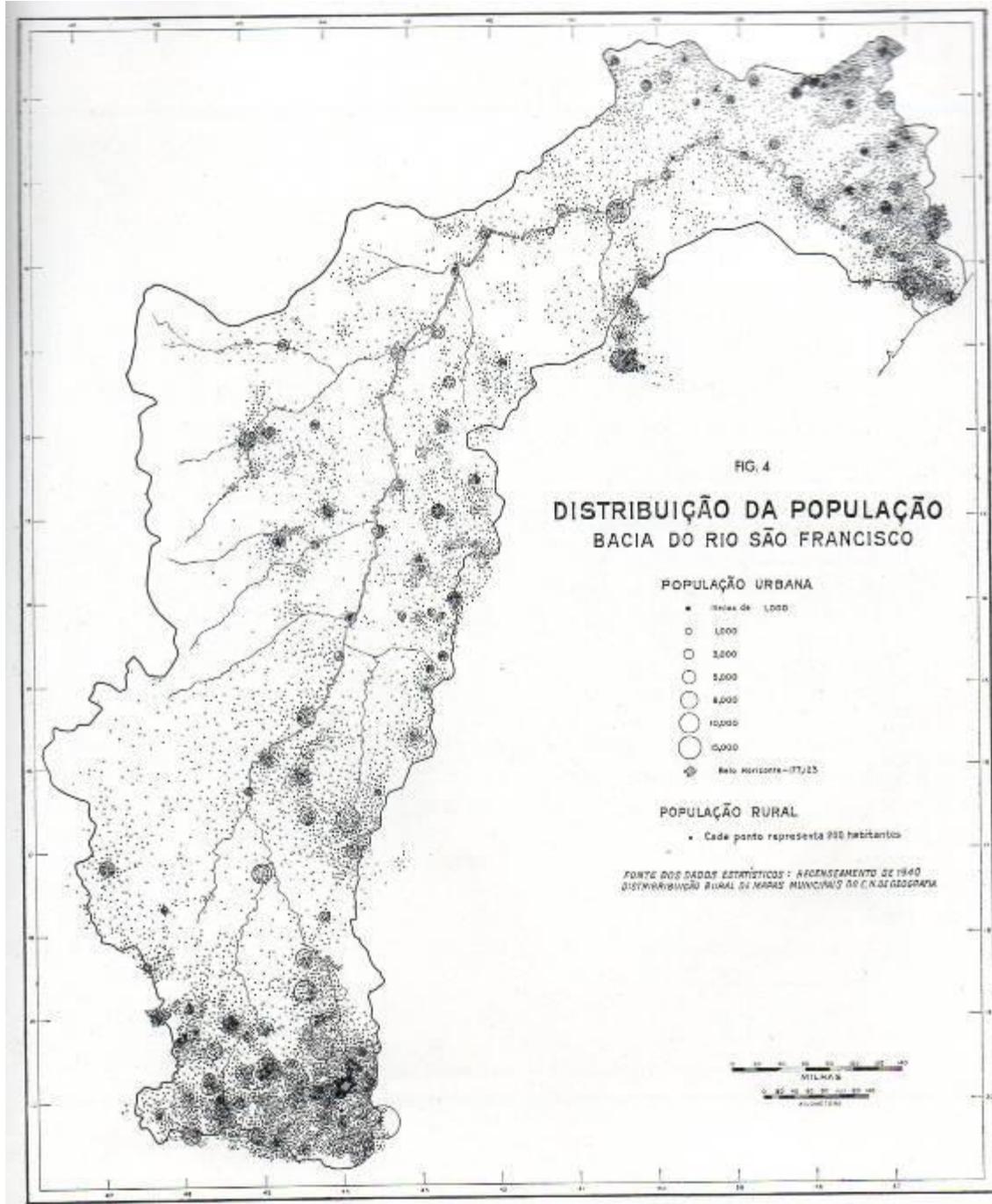
O padrão de vida na maior parte das cidades é muito baixo. Nenhuma delas tem serviço de águas ou de esgoto; as privadas são rudimentares. Muita gente costuma carregar água do rio em barris, latas de gasolina e potes de barro no lombo dos jumentos ou nas próprias cabeças. Entretanto, várias cidades são servidas por luz elétrica. Poucas possuem um cinema. Além das festas religiosas, a diversão principal é um passeio no jardim da praça ou uma “prosinha” na farmácia ou na barbearia. As cidades maiores tem clubes onde dão festas e onde se reúnem os jovens. Em quase todas encontram-se alguns aparelhos receptores de rádio; em algumas o único rádio está colocado na praça principal e funciona com eletricidade produzida por um moinho de vento. O Telégrafo Nacional e o rádio são os únicos meios de comunicação com outros centros. (Zarur, 1942, p.26-27)

Sobre os **Tipos Rurais-Urbanos e Padrões de Vida**, Zarur apresenta os generalistas (que vivem no interior mas não se ligam aos fazendeiros, são extrativistas e nômades), o garimpeiro (também nômade que abandonam suas aldeias provisórias quanto o garimpo e exaure), o remeiro (um tipo de barqueiro dono do seu equipamento e profundo conhecedor do rio), o tripulante dos barcos (que, na maioria das vezes é proveniente da classe dos remeiros) e o ribeirinho (homem das margens que pratica a agricultura de vazante, vende o excedente para as cidades e também é remeiro).

Ao final deste segundo capítulo, no subitem **Salários e padrão de vida**, Zarur, a despeito da falta de dados estatísticos, apresenta alguns valores salariais e variação do preço de alguns produtos no Vale ao longo do ano. Dentre suas conclusões, fica claro que as mulheres recebem menos da metade do que os homens para o mesmo trabalho. Além disso, nas áreas urbanas, apesar dos salários serem maiores, o gasto mensal também é, pois todo alimento precisa ser comprado, o que não reflete, necessariamente, uma vantagem em relação aos grupos rurais e rurais-urbanos. Outro ponto importante é a verificação de uma flutuação anormal no

preço das mercadorias, o que o autor atribui a uma constante especulação comercial.

Figura 17 – Distribuição da População



Fonte: ZARUR, 1946.

3º Capítulo do livro – Fatores que afetam a economia regional

O presente capítulo é dividido por grandes temas e subtemas que buscam, em conjunto, traçar um diagnóstico profundo sobre diversos aspectos que afetam a economia regional. Este capítulo inicia com uma apresentação da geomorfologia da bacia em questão e segue por 130 páginas apresentando de forma dialógica cada uma das interferências desses aspectos.

O formato de apresentação dessa análise foi dividido em grandes temas como: **Recursos Naturais Básicos** (*subdivido em geologia, clima, precipitação, temperatura, regiões climáticas, água disponível, energia hidro-elétrica, vegetação e recursos minerais*) e **Atividades e Instituições** (*subdivido em agricultura, sistemas de propriedades, a área cultivada, práticas agrícolas, produção agrícola comercial, produtos agrícolas alimentícios, a criação, a região e a indústria pastoril, tipos de animais e técnicas de criação, a economia extrativa, lenha e madeiras de lei, fibras, outros produtos explorados, pesca, indústria, possibilidades industriais, comércio, transportes, educação, aspectos gerais da vida de comunidade, a saúde e o saneamento, facilidades de crédito, obras públicas, irrigação e o projeto Itaparica*). É importante destacar, que a maioria dos subtemas apresentados, sofreu nova subdivisão, tamanha a complexidade da realidade da região. Como exemplo destacamos o subtema **sistemas de propriedades**, que é dividido em: *grandes e pequenas propriedades no Brasil, o sistema de propriedades na Bacia Média do São-Francisco, as grandes propriedades, as pequenas propriedades, arrendamentos, extensão da propriedade e valor da terra*. Outro exemplo é o tema **transportes**, subdividido em: *propriedade e controle das linhas de navegação fluvial, transporte fluvial, as embarcações, portos e facilidades para reparos, fretes, transporte por terra, estradas e caminhões, estradas de ferro*. Além dessa forma sistematizada de apresentação, esse capítulo ainda inclui mais cinquenta páginas com mapas, gráficos, tabelas e fotografias sobre a região e os temas abordados apresentados.

Sobre as características físicas, Zarur apresenta mais detalhamento os aspectos relativos à geologia, geomorfologia, às dinâmicas climáticas, vegetação, recursos hídricos e minerais. No item **a água disponível**, Zarur apresenta que apesar da água ser o fator mais crítico da região, a população não faz o uso completo das águas disponíveis. Sendo assim, autor indica ações para aumentar o

acesso à água como: levantamento das reservas, regulação do uso das fontes permanentes e abertura de poços. Ainda sobre a questão hídrica, Zarur apresenta o potencial da região para energia hidráulica, as diretrizes do Código de Águas, criado em 1942, e a importância da distribuição da rede elétrica para as indústrias da região e para o desenvolvimento da população.

O Governo Federal estenderia a rede elétrica pela região e aumentaria a capacidade das usinas atuais. A utilização diminuiria consideravelmente o uso de madeira e resolveria, em parte ao menos, o problema do desflorestamento e “desertificação” que se pratica há séculos numa região muito pouco servida de florestas. Zarur, 1946. P.42.

Sobre o **sistema de propriedade**, Zarur destaca que a sua estrutura é resultado do processo histórico de doações do período colonial destacando a grande concertação de terras com propriedades do “tamanho de impérios”. Apresenta a situação das pequenas propriedades, os tipos de arrendamentos da região, os principais produtos agropecuários e extrativistas, destacando seus tipos de usos, valores de comercialização e situação atual de aproveitamento e cultivo.

Com apoio de mapas e dados tabelados, Zarur apresenta cada um dos seguintes produtos da região: a cana de açúcar (gerando açúcar e aguardente), algodão, mamona, mandioca, milho, arroz, feijão, gado, porcos, cabras, aves, lenha, madeira de lei, fibras (caroá, malva, tucum, piaçaba, buriti), a cera da carnaúba, a borracha (da maniçoba e mangabeira), vários tipos de côcos, palmeiras, espécies nativas da região e a pesca. A apresentação desses produtos identifica tanto as suas condições e características de cultivo quanto seu potencial econômico, indicando os mercados já existentes e seu tipo de demanda.

Da mesma forma, Zarur apresenta a **indústria** do vale. Inicialmente faz uma apresentação geral e destaca que, com poucas exceções, a indústria não progrediu muito desde os tempos primitivos, sendo os artigos manufaturados “produzidos em oficinas acanhadas em que trabalham de 1 a 5 operários”. Zarur 1946, p.93. Zarur conclui a análise sobre o diagnóstico industrial da bacia média, com um tópico intitulado **possibilidades industriais**. Neste tópico, Zarur apresenta uma síntese sobre o tema e, seguindo seu método de análise regional proposto, aponta medidas para superação das limitações impostas ao desenvolvimento industrial da região.

Muitos autores escrevendo sobre o desenvolvimento industrial da Bacia do São Francisco, demonstram que a região tem excelentes possibilidades. Parece que muitos desses escritores esqueceram de tomar em consideração, também, certas condições fundamentais, como a capacidade dos mercados locais, a média de consumo dos habitantes da região, a qualidade ou padrão dos produtos exportados em contraste com o melhor

padrão e qualidade dos produtos do Brasil oriental e meridional, o problema da matéria prima e do trabalho, falta de combustível ou energia, transporte inadequado e difícil e, conseqüentemente, fretes elevados. Na opinião do autor, a bacia Média do São-Francisco, presentemente, não possui nem matéria prima nem mercados suficientes para estabelecer indústrias pesadas. Por outro lado, a área é rica de força hidráulica em potencial e de variadíssimas matérias primas que estão agora sendo aproveitadas de maneira ineficiente para exportação e para outras regiões do Brasil e para países estrangeiros. A região tem também, excesso relativo de braços, apesar desses trabalhadores não estarem tecnicamente preparados; sob uma direção capaz, os operários da região poderiam aprender rapidamente, tornando-se tanto, ou quase tanto eficientes como os trabalhadores das regiões mais industrializadas do Brasil.

Como foi observado em páginas anteriores, há elementos para o desenvolvimento imediato de vários tipos de indústria. Entre estes pode incluir-se o de carne em conserva, preparo de peixe, fabricação de bebidas, curtume de couros, fabricação de arreio, malas e talvez calçados, tecidos, sobretudo artigos mais baratos de algodão, sacos, cordas e frutos em conserva. Para todos esses produtos existe um mercado considerável na própria Bacia Média do São-Francisco e regiões adjacentes. Contudo, antes que a indústria se desenvolva, mesmo em pequena escala, são necessários inúmeros melhoramentos. Seria indispensável aproveitar a força hidráulica não só da cachoeira de Paulo Afonso, mas ainda a existente em diversos pontos da bacia. Para se conseguir uma produção industrial eficiente na região, necessário seria melhorar as condições sanitárias e fornecer meios mais eficientes de transporte, não só dentro da região mas também nas zonas adjacentes. (ZARUR, 1946,p.102-103)

O **comércio** é apresentado como a atividade mais rentável da região. Quanto às exportações, o autor ressalta algumas dificuldades, principalmente relativas ao clima e à deficiência de transporte. Sobre a interação entre as duas questões (clima e transporte), Zarur conta que, durante o inverno de 1943, quando viajava pela região, grandes quantidades de mercadorias para exportação estavam empilhadas nos portos à espera de transporte. E segue explicando que a cada inverno, a situação se agrava, “pois a estação da seca, coincide com a da colheita e com a da exportação; nessa época os vapores não podem ser carregados totalmente e vários acidentes atrasam a viagem”. Zarur, 1946,p.108. Quanto às importações, Zarur destaca que são irregulares e que a população precisa esperar cerca de seis meses para receber suas encomendas (se tudo der certo). A maior parte dos produtos alimentícios em conserva e manufaturados da região são importados. Muitas das vezes, a matéria prima é exportada da região, transformada nas regiões mais industrializadas e importadas de volta para o Vale.

Sobre o tema **transportes**, Zarur inicia apresentando um panorama histórico sobre os debates e planos para esse setor. Além de alguns deles não terem sido concretizados, o autor destaca que os projetos “envolviam apenas o rio, deixando de lado quase que inteiramente o povo e a terra”, (ZARUR, 1946, p.112). Essa

preocupação quase exclusiva com o transporte fluvial, teria grande influência no isolamento da região.

Figura 18 – Transportes na Bacia do São Francisco

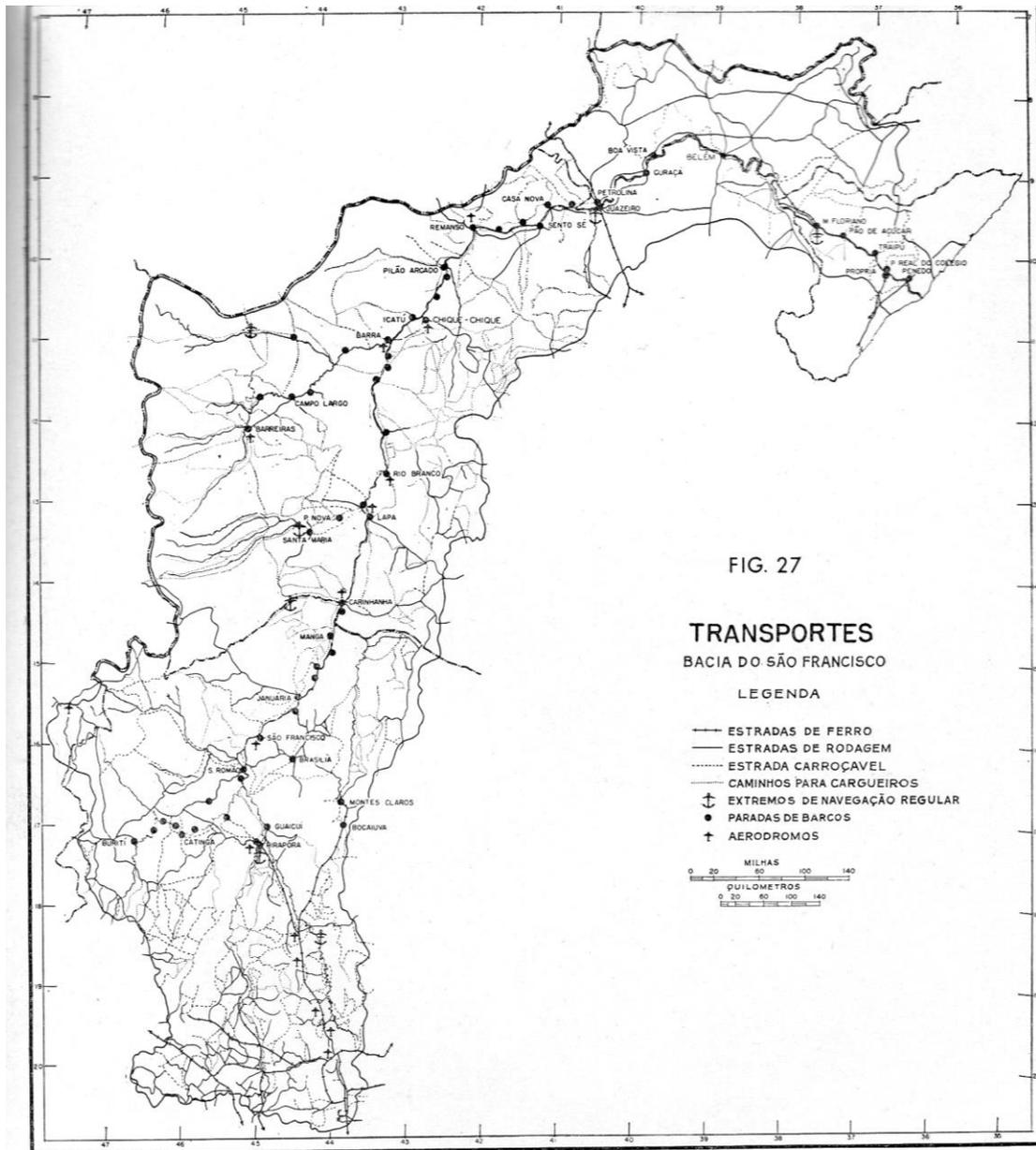


Fig. 27 — Transportes

Os meios de transporte, mostrados nos mapas, baseiam-se principalmente em mapas preparados para o projeto por compiladores e cartógrafos da Divisão Cartográfica do C.N.G. do Brasil.

O São-Francisco, como sistema de transporte, é de interesse direto não só para a população da Bacia como também para as zonas mais densamente povoadas do leste e para as regiões pouco povoadas de Piauí e Goiás, para oeste.

A primeira impressão à vista dos vários meios de comunicação da Bacia do São-Francisco é que esta está bem provida de meios de transporte: isto está longe de ser a verdade. Um fato impressionante, apresentado pelo exame mais cuidadoso do mapa, mostra-nos que os meios menos eficientes de transporte, como os caminhos e trilhas dão a impressão de uma grande densidade. Este exame minucioso mostra que grandes distritos em vários pontos da Bacia só possuem trilhas e caminhos. As trilhas convergem para os centros municipais e distritais, formando em geral uma rede mais densa, muitas vezes separada de outros meios de transporte; as estradas carroçáveis convergem para os centros urbanos dos municípios. A maior parte das rodovias representadas não são todas estradas transitáveis em todas as estações. Depois que tais estradas são abertas, são pouco conservadas. Em muitas delas os cursos d'água são atravessados a vau.

As melhores rodovias e ferrovias servem como conexão da Bacia Média do São-Francisco com outras regiões. Também estas estradas servem como linhas tributárias às porções navegáveis do rio São-Francisco, que é o meio de transporte principal da zona.

Sobre as **instituições existentes** e sua qualificação, Zarur observa aspectos relativos à educação; saúde e saneamento; facilidades de crédito e tributação. Além disso, destaca algumas obras públicas e instituições isoladas, que realizam projetos ineficientes e de forma descoordenada. Nesse sentido, Zarur vai defender a necessidade de uma administração coordenada do Vale do São Francisco.

As pequenas tentativas isoladas, mencionadas acima, não resolveram definitivamente os quatro problemas principais: transporte, povoamento, aumento de produção e saneamento. A falta de um plano-mestre e de coordenação entre essas repartições está atrasando a possibilidade de participação direta do governo federal. Também, a pequena assistência que estas repartições estão dando ao Vale são a causa da falta de iniciativa por parte dos estados e municípios diretamente interessados no desenvolvimento do São-Francisco. (...) Parece que não há dúvida que a solução para os problemas do vale do São-Francisco tem que vir do governo federal, trabalhando em cooperação com os estados e municípios interessados, por médio duma organização especial que faça os estudos, formule os planos e os execute. Em outras palavras, o vale do São-Francisco está esperando pelo seu "T.V.A⁵⁸." (ZARUR, 1946,p.153.)

4º Capítulo do livro – Diretrizes para um reajustamento desejável

Neste capítulo, Zarur retoma alguns pontos já identificados nas análises do capítulo anterior e formula, como expresso no título do capítulo, diretrizes para um reajustamento da região. É interessante observar que tratava-se de um plano integrado, com tempo determinado para ocorrer mostrar resultados, sob pena de piorarem as condições, e tardar o desenvolvimento da região. Para a coordenação desse plano, Zarur defende a constituição de uma administração exclusiva do vale do São-Francisco, nos moldes da que ele havia conhecido, no Vale do Tennessee⁵⁹. Na citação abaixo, Zarur explica como deveria ser formada a Administração do Vale do São-Francisco.

A formulação do projeto de trabalho e a execução dos planos de desenvolvimento devem estar sob a supervisão direta de um diretor executivo conhecedor dos problemas da Bacia. Uma comissão de diretores deve ser integrada por um representante de cada um dos estados de Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, e por um do governo federal. O presidente e o representante federal, familiarizados com a Bacia do São-Francisco, devem ser nomeados pelo presidente da República. Todos os ramos da administração que se empenham agora no desenvolvimento de obras no vale do São-Francisco, devem transferir seus serviços e atividades à Administração. Os detalhes da organização devem

⁵⁸ TVA – Tennessee Valey Administration.

⁵⁹ A TVA foi um projeto realizado no vale do rio Tennessee com o apoio da National Planning Association.

ser planejados de maneira a abranger todas as faces da atividade econômica e do bem-estar social. (ZARUR, 1946)

Outros detalhes sobre a organização da administração são tratados ao longo do texto, como localização e financiamento. No último item, intitulado **Um plano coordenado**, Zarur ressalta que o objetivo desse projeto deve ser o “desenvolvimento gradativo e eficiente dos recursos da Bacia Média do São-Francisco, de tal forma que beneficie o maior número de pessoas possível” e que para tanto, era importante evitar a especulação indébita por parte dos proprietários da terra. Para tanto, sugere, ainda, a desapropriação mediante uma compensação justa.

Por fim, Zarur sugere a formulação um plano mestre de trabalhos públicos, abrangendo a terra, a água e o povo da Bacia, sem protelação. Seja qual fosse esse plano ele deveria atuar imediatamente nos seguintes aspectos: 1) aproveitamento hidrelétrico de Paulo Afonso, Itaparica e de outras quedas; 2) desenvolvimento dos projetos de irrigação nas terras mais adequadas para a fixação da população local e colonização com retirantes do Nordeste; 3) trabalhos de melhorias no São-Francisco e seus afluentes principais, que permitam navegação o ano todo; 4) iniciar um programa de controle da erosão, proteção da fauna, da flora para eliminar os danos das cheias.; 5) elaboração de um programa para construção de estradas e 6) obtenção e auxílio do CNG na realização de um levantamento cartográfico preciso da Bacia.

Na Constituinte de 1946, ano de lançamento do livro, No Art 29 do *Ato Das Disposições Constitucionais Transitórias* fica definida a criação dessa administração.

O Governo federal fica obrigado, dentro do prazo de vinte anos, a contar da data da promulgação desta Constituição, a traçar e executar um plano de aproveitamento total das possibilidades econômicas do rio São Francisco e seus afluentes, no qual aplicará, anualmente, quantia não inferior a um por cento de suas rendas tributárias. (Constituição de 1946. Art.19 das Disposições Transitórias.)

Em 1948, foi criada a Comissão do Vale do São Francisco (CVSF), pela Lei nº 541 de 15 de dezembro de 1948. Conforme descrito no plano proposto, a Administração atuou durante os 20 anos estabelecidos pela Constituição e nunca deixou de existir, tendo sido transformada em Superintendência do Vale do São Francisco (Suvale) e atualmente a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf).

2.6 Precisão e Aplicabilidade na Geografia.

Precisão e Aplicabilidade na Geografia, publicada em 1955, foi a tese defendida por Jorge Zarur no Colégio Pedro II, como parte do processo seletivo para assumir a cátedra de Geografia Geral e do Brasil. A tese é organizada em seis capítulos: 1) A Tese; 2) A Geografia Moderna e o Dualismo Metodológico e de Conteúdo; 3) As Técnicas Geográficas e o Problema da Precisão, 4) A Região Geográfica, 5) A Geografia Moderna e o Ensino; 6) Conclusões Gerais.

No primeiro capítulo, o autor apresenta a tese de que o grande problema da ciência geográfica naquele momento era o da sua aplicabilidade. Para tanto, o autor pretende esclarecer o conceito de região e demonstrar que tanto na pesquisa quanto no ensino, a metodologia regional, através de dados precisos, resultantes do emprego de métodos e técnicas que possibilitem, além das descrições e da localização, a mensuração e previsão, podem aumentar o grau de precisão e aplicabilidade, ainda insuficientes na Geografia. O objetivo do autor é então comprovar que a Geografia não é apenas acadêmica, e sim uma ciência cultural a serviço do homem e suas conquistas no meio terrestre.

No segundo capítulo, *A Geografia Moderna e os Dualismos Metodológicos e de Conteúdo*, Zarur apresenta uma revisão histórica sobre a criação dos princípios filosóficos fundamentais à consolidação da geografia enquanto ciência moderna, que se oriente para suprir a carência de informações básicas, para melhor compreensão e solução dos problemas da economia e da política do mundo moderno. Este capítulo é organizado em cinco seções. Na primeira, intitulada *Os Predecessores da Geografia Moderna*, Zarur apresenta a obra de Varenius e destaca que o plano da sua *Geografia Generalis*, quanto ao conteúdo é essencialmente descritiva e quanto à explicação e à mensuração, não são considerados em sua relevância. Na sequência, Zarur apresenta o surgimento da necessidade de síntese, ou seja, de correlação entre os fatores físicos, biológicos e culturais, que ele vai chamar de dualismo de conteúdo.

Já do século XVIII, Zarur destaca a contribuição de Kant para a construção das bases filosóficas da Geografia, sendo, a ciência, sistematizada e tratada como um todo, como observado em suas aulas de Geografia física, que compreendiam os aspectos físicos e humanos. Entretanto, “faltou ao método racional desenvolvido por

Kant, no gabinete, a experiência do trabalho de campo e uma definição mais concreta dos objetivos da Geografia”. (ZARUR, 1955, p.15). Mesmo sem a experiência empírica a contribuição de Kant foi fundamental, possibilitando à geração seguinte a ampliação dos objetivos de Kant, emprestando-lhes mais conteúdo e utilidade. Essa geração criadora do neo-kantianismo foi formada principalmente por Hettner, Hartshorn e Sorre. Outra grande influência do século XVIII, apresentada por Zarur, foi a trazida pelos naturalistas J.F. e J. C. Forster, “os quais insistiam na observação direta e deram grande importância ao papel do homem na paisagem.” (ZARUR, 1955, p.16). Para o autor, Kant e os Forsters são os verdadeiros predecessores do movimento geográfico moderno, desenvolvido brilhantemente por Humboldt, Ritter, Peschel, Ratzel, Marthe, Richthofen, Reclus, La Blache, Mackinder, Gallois, Semple, Davis, Penk e outros.

Na seção *O Período Clássico da Geografia Moderna*, Zarur apresenta a contribuição de Humboldt e Ritter, quanto ao método e ao conteúdo. O autor destaca a importância desses geógrafos para a evolução do método científico. Diferente de outros autores que defendem a ideia de que haja um antagonismo científico entre a Geografia Física de Humboldt e a Geografia Antropocêntrica e Regional de Ritter, Zarur aponta para o caráter complementar dessas dois autores. Segundo Zarur, esse caráter complementar se expressa na nitidez dos conceitos de causalidade e de unidade dos fenômenos da crosta terrestre.

Em suas obras destacam-se nitidamente os dualismos metodológicos e de conteúdo resultantes do não-anthropocentrismo e do tratamento sistemático dos fenômenos geográficos, feitos por Humboldt, em contraste com o antropocentrismo e o tratamento regional dos fenômenos geográficos, feito por Ritter. (ZARUR 1955,p.20)

Na seção *Fase de Consolidação e a Integração da Geografia Moderna*, Zarur destaca a contribuição de diversos autores europeus e dos Estados Unidos. Ratzel, que sofreu mais influência de Ritter que de Humboldt, contribuiu com a integração do princípio da unidade dos fenômenos terrestres (estabelecendo definitivamente o dualismo de conteúdo); dá a Geografia humana o mesmo destaque da Geografia física; com a realização de estudos sistemáticos, com conceitos claros que levassem à maior precisão, com a inserção, na metodologia regional, da preocupação com os aspectos políticos da geografia humana.

Peschel contribuiu com ideia de precisão e de mensuração que formam as bases para o desenvolvimento da geomorfologia que será levado adiante por Davis

e Penck. Peschel, entretanto, não observou a importância dos estudos do homem “por considerar os estudos sociais imprecisos e inadequados para a formulação de leis exatas”(ZARUR, 1955,p.21).

Richthofen procurou conciliar e estabelecer a unidade metodológica, entre a Geografia sistemática e a regional. Essa ideia ganha força dentro da Geografia moderna, paralelamente ao aperfeiçoamento das técnicas na Geografia sistemática e regional. Para Zarur, Richthofen é o geógrafo que mais influencia o desenvolvimento da nova ciência moderna que, devido à complexidade dos fenômenos torna os estudos sistemáticos necessários (fenômenos físicos, biológicos e humanos), mas como tarefa preliminar ao objetivo principal da Geografia que é o entendimento das relações causais das áreas. Essa nova linha metodológica foi seguida pelo maior geógrafo da Alemanha moderna, Alfred Hettner (falecido em 1942), que, segundo Tatham (citado por Zarur) “ligou e soldou os estudos sistemáticos de Humboldt, Peschel e Ratzel e os estudos regionais de Ritter, Marthe e Richthoffen, num todo coerente e real”. (ZARUR, 1955,p.22) Deve-se a Hettner a iniciativa de eliminar os dualismos que evoluíram até a sua época, integrando metodologicamente os estudos geográficos.

Na seção *O Dualismo Metodológico e de Conteúdo na Ciência Geográfica*, Zarur apresenta que o dualismo metodológico seria aquele relativo ao tratamento da Geografia sob o ponto de vista sistemático ou regional. Já o dualismo de conteúdo seria a divisão da Geografia em duas: a Geografia Humana e a Geografia Física. Entretanto, Zarur apresenta que o dualismo de conteúdo, que prevê a separação da geografia em duas, física e humana, não seria possível nem possuía bases bem fundamentadas. O conceito de antropocentrismo dá o mesmo peso às duas, prevalecendo, assim, a unidade da ciência geográfica.

Nasce desse movimento da Geografia Humana, uma corrente voltada para o que ficou conhecido como ecologia humana (escola “environmentalist”). Essa visão parte do homem para o meio e foge do dualismo clássico, mas ao considerar a geografia a partir de dois ângulos: do ambiente natural e do ambiente social, em cai em outro dualismo.

Na última seção deste capítulo, *O Progresso da Ciência e do Dualismo Metodológico e de Conteúdo*, Zarur apresenta a contribuição de Hartshorne, Ratzel, Vidal de La Blache, De Martonne, Brunhes, Demangenon e Sorre. Zarur apresenta alguns pontos sobre a Geografia Moderna, dentre eles a importância do dualismo

metodológico, uma vez que a Geografia Sistemática aperfeiçoa os meios de análise e o estudo dos processos, e a Geografia Regional facilita a síntese, a inter-relação e aplicação, sob o princípio da unidade da terra.

No terceiro capítulo, intitulado *Técnicas Geográficas e os Problemas da Precisão*, Zarur apresenta a importância da precisão para a Geografia Moderna. Aponta ainda para a incorporação de novas tecnologias como a fotogeografia e novas técnicas cartográficas, que poderiam contribuir em muito com a maior precisão. As técnicas mais usadas pelos geógrafos, até então, foram agrupadas da seguinte forma:

- a) Descrição
- b) Observação direta no campo
- c) Manipulação geográfica de dados estatísticos
- d) Métodos cartográficos
- e) Métodos fotogramétricos

Ao longo do texto, Zarur apresenta cada uma das técnicas elencadas e destaca que vai dar maior enfoque para a observação direta no campo e fotogeografia, uma vez que sua preocupação no momento é com a precisão. Sobre *Observação direta no campo*, Zarur apresenta uma técnica de registro elaborada por Finch (que foi seu professor em Wisconsin), que foi utilizada no Vale do Tennessee. A técnica criada por Finch e aperfeiçoada por Hudson, foi também utilizada por Clarence Jones, em Porto Rico e tem sido muito utilizada para obtenção de informações básicas. Esse método confere maior precisão das observações de campo que, associadas à fotogeografia, serão ainda mais ampliadas.

O termo **Fotogeografia** foi aceito em 1952, na mesa redonda sobre fotointerpretação patrocinada pela “Research and Development Board”, em Washington, D.C. Proposta por J. H. Roscoe, a fotogeografia foi definida como a “fotointerpretação aplicada aos problemas geográficos”. Entretanto, a partir da sua experiência na utilização desse novo método, Zarur propõe uma definição mais aprofundada do termo fotogeografia e alguns cuidados e padronizações para a utilização da nova técnica.

A fotogeografia é, a nosso entender, o emprego do conjunto de conhecimentos geográficos e a técnica de interpretação de fotografias para a obtenção de dados precisos de geografia física, humana e regional, em determinadas áreas e épocas. A fotogeografia é uma especialização da fotointerpretação e distingue-se da fotogrametria por ser a técnica de

identificação e caracterização da imagem ou das imagens registradas em uma fotografia. A fotogrametria é a técnica de mensuração vertical e horizontal exata em fotografias, base da moderna cartografia. (ZARUR, 1955, p.39.)

Sobre a fotogeografia, Zarur segue apresentando a contribuição de diversos geógrafos como Russel, Foster, Murray, Roberte N. Colwell (de Winsconsin) e Kirk Stone, sobre o tema. Divide sua apresentação em três partes: *Conceitos Fundamentais Sobre o uso da Fotointerpretação*; *As Técnicas Fundamentais da Fotogeografia* e *A Escala da Geografia e na Fotogeografia*. Sobre a questão da escala, Zarur realiza uma detalhada apresentação sobre a sua importância e sobre a escolha da melhor escala para o tipo de análise que se pretende realizar. Ao final de 18 páginas sobre a fotogeografia, Zarur apresenta dez pontos sobre as possibilidades trazidas pelo novo método que surgia. Dessa forma ele apresenta que a fotogeografia permite:

- 1- Exploração e conhecimento de áreas inacessíveis e desconhecidas;
- 2- Reconhecimento de áreas grandes e pequenas;
- 3- Planejamento da pesquisa de que resultará a informação em quantidade e qualidade maior e mais precisa;
- 4- Economia de tempo e dinheiro,
- 5- Registro permanente e detalhado da paisagem em tempo determinado;
- 6- Estudo e comparação da evolução dos fenômenos geográficos com mais propriedade e precisão;
- 7- As fotografias verticais servem também de carta-base;
- 8- Fácil verificação no campo com instrumentos simples;
- 9- O mosaico fotográfico permite o estudo de grandes áreas em conjunto;
- 10- A fotogeografia dá ao geógrafo o sentido da unidade geográfica da área fotografada. (ZARUR 1955, p.56-57.)

No quarto capítulo, intitulado *A Região Geográfica*, Zarur apresenta uma discussão teórica sobre o conceito de região. Destaca o aparecimento desta palavra na França, no século XII; passando, no século XVI, ao significado de divisão administrativa, para só então, no século XIX, entrar na linguagem geográfica formando o conceito de *região natural*. A região natural de Ritter, em sua definição, inclui o homem ao apresentar que a região natural é uma “*porção da terra constituída de fenômenos físicos e naturais de interesse para o homem.*” (Zarur, 1955, p.61.) A partir de então, se desenvolvem, na Alemanha, os conceitos de *paisagem natural* e *paisagem cultural*, que vão influenciar os trabalhos de Mackinder, na Inglaterra, Sauer, nos Estados Unidos e outros tantos geógrafos. Entretanto, Zarur aponta para o fato dos conceitos desenvolvidos até então, que consideravam a região como um todo unitário, não davam conta da realidade dinâmica dos fenômenos nem da pesquisa geográfica.

No esforço de apropriação do debate sobre o tema, Zarur realiza uma detalhada discussão teórica sobre a Geografia Regional, o conceito de região e sua aplicabilidade para a Geografia, preocupação viva e constante em sua obra. Para tanto, Zarur toma como base inicial a clássica obra de Richard Hartshorne (*The Nature of Geography*) e vai dialogando com as ideias de Hettner, Bowman (*Geography in relation to Social Sciences*) e Gallois (*Régions Naturelles et Noms de Pays*). Após apresentar e identificar limitações nas propostas dos autores supracitados, Zarur apresenta as ideias de Y. M. Goblet, Preston James e Granö, este último adapta os métodos de Finch e Hudson, já existentes e utilizados no Vale do Tennessee.

Preston James, em seu discurso de presidente da Associação Americana de Geógrafos, em 1952, intitulada *Toward a further understanding of the regional concept*, contribui, a partir da obra de Hartshorne, para a definição do conceito de região e maior precisão nos trabalhos. A partir de James, Whittlesey e um grupo de 25 geógrafos, desenvolveram uma definição de objetivos e técnicas de trabalho mais completas, uma vez que lidam com aspectos variados da Geografia Regional. Neste momento, Zarur afirma que apesar de nenhum autor ter desenvolvido um sistema completo que servisse de base para a Geografia Regional, começa a surgir uma *“traço comum em todos os trabalhos: a homogeneidade e o caráter dinâmico das regiões. Salienta-se ainda que existem áreas nucleares e zonas periféricas nas regiões.”* (ZARUR, 1955, p.71). Dessa forma se destaca que o dualismo metodológico e de conteúdo aparece nos estudos regionais com bastante nitidez; sendo o dualismo de conteúdo, pelo estudo das regiões naturais e regiões culturais, separadamente e o dualismo metodológico entre a análise e a síntese. Por exemplo: 1) tomar um fenômeno ou tópico de uma área, ou 2) tomar em uma área o complexo de fenômenos. Whittlesey define que, independente do critério utilizado, as regiões podem ser de dois tipos: regiões uniformes ou regiões nodais e terão um núcleo e uma periferia.

Zarur segue apresentando algumas determinações sobre escala e encerra o quarto capítulo com a apresentação de três situações práticas (A Bacia do Médio São Francisco, elaborada em 1944, uma carta geomorfológica de Conselheiro Lafayette, na escala 1:250.000, feita junto ao CNG, entre 1953-1954; e o trabalho que estava em andamento na época, em escala grande, da Universidade Rural, no distrito de Seropédica, município de Itaguaí) onde a análise regional é realizada

com o método apresentado no artigo *Análises Regionais* e com o auxílio da fotogeografia.

No quinto capítulo, intitulado *A Geografia Moderna e o Ensino*, Zarur destaca que o ensino da geografia ainda não atingiu o mesmo nível de progresso da ciência geográfica e enumera os seus principais problemas: 1) formação dos objetivos para os vários níveis; 2) correlação do ensino de Geografia nos currículos primário, médio e superior; 3) na distribuição devida da Geografia Sistemática e da Geografia Regional; 4) formação de professores familiarizados com os fundamentos da Geografia moderna e seus problemas com os métodos didáticos; 5) em situação material que permita o desenvolvimento do ensino objetivo e prático.

Em seguida, Zarur (1955, p.102.) apresenta que o ensino de Geografia, na época, servia a dois objetivos principais que variam de país para país:

- a) Equipar o estudante com os conhecimentos fundamentais sobre a terra, o homem e as regiões;
- b) O de inculcar nos estudantes certas atitudes e determinados comportamentos condizentes com ideais políticos ou de segurança.

Após apresentar uma breve caracterização das especificidades do ensino de Geografia em alguns países da Europa (França, Inglaterra, Suíça, Suécia, Holanda, Alemanha e Itália) e dos Estados Unidos, o autor inicia seus comentários sobre o ensino de Geografia no Brasil. Sua análise é dividida entre: ensino primário, ensino secundário, a formação do professor primário e a Geografia no ensino superior. Zarur faz uma análise da evolução do ensino da Geografia desde 1850. Passando pela reforma de João Luís Alves, em 1925 (com as interferências de Delgado de Carvalho, Raja Gabaglia e Honório Silvestre) e a criação, em 1929, do curso complementar de Geografia Social e Econômica, do Colégio Pedro II, Zarur destaca que, até a Reforma de Francisco Campo (que, em 1931, influenciado pelo movimento da “escola nova”, forçou a renovação da educação secundária), o ensino de Geografia pouco havia evoluído. Entretanto, a partir da reforma de Campo (1931) e Capanema (1942), o ensino de Geografia no Brasil passa a ser considerado como um dos mais adiantados. Segundo Zarur, *“isto se explica pelo interesse e pela necessidade que temos de conhecer nosso vasto território e o conseqüente desenvolvimento da ciência geográfica em nossa terra.”* (Zarur, 1955, p.111)

Zarur destaca que a *Formação do Professor Primário* não é considerada parte do ensino superior, sendo contudo livre das discussões das ambigüidades de objetivo presentes no nível superior, e com foco mais didático. Apesar das

deficiências, no ensino Normal, os objetivos estão claros e houve uma preparação, bem aplicada, para os professores do ensino primário. Já no ensino secundário, a deficiência é maior.

A Geografia no Ensino Superior é aquela que “*exerce influência no progresso da ciência geográfica, assim como pela formação do professor, que é quem deve aplicar os resultados obtidos na pesquisa.*” (ZARUR 1955, p.113.) No Brasil, a Geografia universitária ainda muito voltada para o magistério, não evolvida no “fazer” a ciência, produzir resultados. Zarur defende a separação entre o curso de Geografia e História para a melhoria de ambos. Destaca que, na formação dos geógrafos faltam matérias básicas como cartografia, geologia, economia e estatística, assim faltam outras para os historiadores. Na Faculdade de Filosofia, segundo Zarur, a duplicidade de objetivos: formação de pesquisador e professor secundário, ao mesmo tempo, com programa e currículo idênticos, não atenderá bem a nenhum dos objetivos. Além disso, defende que o currículo a Geografia deve:

ser organizado de acordo com a filosofia moderna que tem por base a unidade dos fenômenos da crosta terrestre e o fundamento que as leis da Geografia se encontram na natureza (...) levando em consideração o dualismo de conteúdo e método, juntamente com o ensino de disciplinas fundamentais e do uso de técnicas geográficas mais precisas como a fotogeografia. (ZARUR, 1955, p. 116).

No sexto capítulo, Zarur conclui defendendo a adoção do conceito de *região geográfica* como uma resultante de fatores combinados, físicos, bióticos e humanos, segundo critério previamente estabelecido pelo geógrafo a fim de atender a um objetivo determinado. Defende a aplicação da metodologia regional e a aceitação do dualismo de conteúdo e método, uma vez que já é reconhecida a importância tanto da Geografia Sistemática quando da Geografia Regional. Zarur defende ainda o ensino e a utilização da fotogeografia, como importante ferramenta na busca por maior precisão e aplicabilidade da Geografia. Zarur conclui da seguinte forma:

Os problemas da Geografia Moderna consistem na fixação de um método que lhe dê um grau de precisão aceitável, permitindo sua aplicação aos problemas fundamentais da vida nas várias regiões do Ecúmeno. Em suma, precisão e aplicabilidade são os grandes problemas atuais da Geografia, e não a integração dos dualismos de método e conteúdo. (ZARUR, 1955, p. 121.)

3 IMPORTÂNCIA DE JORGE ZARUR PARA A GEOGRAFIA BRASILEIRA

Neste capítulo, apresentaremos um panorama geral sobre a atuação de Zarur na vida pública. Para tanto, iniciaremos com o momento político e cultural da época. Apontaremos situações nas quais a presença de Zarur, em Winsconsin, facilitou o intercâmbio entre a relação institucional da Geografia brasileira com a Geografia norte-americana. Serão relatadas as atuações de Zarur nas áreas do ensino e nas administrativas no CNG/IBGE e no IPGH. Apresentaremos uma carta, enviado por Zarur a um jornal, com um mapa de vegetação do Brasil e uma campanha para conservação dos recursos naturais. Por fim daremos uma visão geral da influência dele para os rumos da Geografia brasileira.

A atuação do geógrafo Jorge Zarur (1916 – 1957) esteve concentrada na primeira metade do século XX, período histórico marcado pela 2ª Guerra Mundial e início da Guerra Fria. Trata-se de um período da história mundial que terá forte impacto nas relações internacionais e no desenvolvimento científico e tecnológico das nações. Em escala nacional, essa configuração internacional deve ser percebida em associação com as transformações provenientes do início da Era Vargas e seu projeto de modernização do Brasil. Com o do apoio do Brasil às forças Aliadas, o governo angariou enormes benefícios financeiros e materiais. Alguns desses ficaram expressos na construção de grandes empresas estatais⁶⁰ (muitas delas vendidas a preços baixos à iniciativa privada nas últimas décadas); outros expressos a partir da cooperação científica em projetos estratégicos, como o Primeiro Censo da Américas, de 1950.

Na modernização do Estado brasileiro⁶¹, promovida no primeiro Governo Vargas, são criadas comissões, conselhos, departamentos, institutos, companhias, fundações, planos de desenvolvimento econômico e cultural, promulgadas leis e

⁶⁰ Estatais como a Companhia Siderúrgica Nacional– CSN (1941), a Companhia Vale do Rio Doce - CVRD (1942) e a Companhia Hidrelétrica do São Francisco – CHESF (1945).

⁶¹ A criação do IBGE em 1938 refletiu, de forma significativa, o papel que os levantamentos estatísticos e a pesquisa geográfica poderiam desempenhar no tocante à administração do imenso território brasileiro, em via de integração socioespacial. Suas atribuições principais consistiam em realizar levantamentos e sistematizar informações do quadro territorial em todos os seus aspectos: físico, econômico, jurídico, político e populacional; realizar trabalhos cartográficos em variadas escalas; divulgar a cultura geográfica brasileira e promover a reorganização do quadro das unidades político-administrativas tal como a definição de limites, racionalizar a toponímia dos municípios e distritos e estabelecer uma nova divisão territorial. (PENHA, 1993 – p.19).

decretos, enfim, são geradas e postas em prática várias instituições e medidas de controle e desenvolvimento econômico e cultural de âmbito nacional.

Há uma grande reforma ministerial e várias instituições federais foram criadas e aglutinadas na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, fortalecendo ainda mais a histórica condição de capitalidade. O Rio de Janeiro passava cada vez mais a atrair intelectuais e diversos profissionais de todo o Brasil e de várias partes do mundo. As instituições federais aqui implantadas movimentavam recursos técnicos, humanos e financeiros que não existiam em outras cidades brasileiras naquelas décadas.

Dentro desse cenário, durante Guerra Fria, a influência da Europa sobre o continente estava profundamente abalada devido aos seus problemas internos. Por sua vez, os Estados Unidos (ganhadores da guerra e sem nenhuma bomba em seu território) voltam a crescer e aumentam sua influência e controle sobre a América Latina. O pan-americanismo dos Estados Unidos vai se consolidando e impedindo do avanço do socialismo através da política de contenção do comunismo. Naquele lugar e naquele momento a Geografia era frequentemente aplicada para o desenvolvimento das regiões e para a dominação de novos territórios.

É neste contexto da história que se insere a efêmera e fecunda vida profissional de Jorge Zarur, que está no meio dessa movimentação, uma vez que a Geografia era fundamental para o desenvolvimento de estratégias de dominação. O método americano com o qual Zarur vai ter contato logo na primeira ida à Winsconsin, fez com ele percebesse essa aplicabilidade da Geografia como algo totalmente possível e capaz de melhorar a qualidade de vida das populações. O método francês que havia imperado antes na Geografia brasileira começava a ser substituído por algo novo, e que vinha de matriz alemã e estadunidense; o método regionalista.

Como membro do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia desde a fundação, Zarur se mantinha presente e contribuía ativamente na consolidação e desenvolvimento da instituição. Entre 1941 e 1943, durante seu mestrado em Winsconsin, Zarur escreveu alguns comentários, na RBG, sobre importantes obras (como *Latin America*, de Preston James; *Geopolitics - The Struggle for space and power*, de Robert Strass e sobre a Classificação de Koppen. Articulou um acordo que permitia o intercambio entre as publicações da RBG e da *Geographical Review* e

participou da Comissão Organizadora do X CBG e ainda participou de diversos encontros e congressos.

Quando Zarur retorna de Wisconsin, em 1943, traz um convite do Governo americano para a ida de mais cinco geógrafos com bolsas de estudo. Em 1945 seguiram, então, para os Estados Unidos: Fábio de Macedo Soares Guimarães e Orlando Valverde, para a Universidade de Wisconsin-Madison, no estado de Wisconsin; Lúcio de Castro Soares e Lindalvo Bezerra dos Santos; para a Universidade de Chicago, no estado de Illinois, e José Veríssimo da Costa Pereira, para Universidade de Northwestern, em Evanston, estado de Illinois.⁶²

Zarur se tornou então um grande difusor das ideias que vinham da América do Norte, em especial sobre a metodologia de análise regional utilizada na Administração do Vale do Tennessee, que acabou sendo adaptada ao vale rio São Francisco, com sua pesquisa ao longo dos anos seguintes, que culminaram com a publicação do livro *A Bacia do Médio São-Francisco: uma análise regional*, que durante muito tempo serviu de referência para os trabalhos na região.

Zarur deixou mais sua marca na prática, através das instituições que participou, que no campo teórico. No caso do vale do São Francisco, a criação da Comissão do Vale do São Francisco⁶³ (CVSF), consolidada em 1948, mas já prevista na constituinte de 1946, foi fundamental para o planejamento da região (do qual a execução ficou muito aquém do que Zarur imaginava). O fato é que a indicação da necessidade de criação de um órgão com a finalidade de gerir a região, estava presente nas propostas de Zarur, lançadas no mesmo ano. É importante ressaltar que a história da fundação da atual Codevasf – Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba, tem sua origem na fundação CVSF. É interessante observar que *A Bacia do Médio São Francisco: uma análise regional*, era mais do que uma análise regional, era, portanto, a apresentação de uma metodologia de forma aplicada.

A partir de 1945 sua influência será significativa dentro do CNG e do IBGE. Neste ano, Zarur é nomeado Secretário assistente do CNG e Sub-Diretor do serviço de geografia e cartografia do IBGE, até 1951. Foi ainda diretor da Divisão de

⁶² AMEIDA, Roberto S., 2000, p.485.

⁶³ Os constituintes de 1946, reconhecendo a importância do rio para o desenvolvimento integrado, inseriram no Ato das Disposições Transitórias o artigo 29, que determinou a execução de um plano de aproveitamento das possibilidades econômicas da bacia hidrográfica, num prazo de 20 anos destinando-se quantia anual não inferior a 1% da renda tributária da União. Fonte: site da codevasf <http://www2.codevasf.gov.br/empresa/DefaultPage>

Geografia do CNG e do Boletim Geográfico (onde realizou publicou editoriais e já havia sido da comissão orientadora por vários anos seguidos). Tanto na articulação, quanto em congressos, reuniões, ou mesmo nos altos cargos de chefia, Zarur buscava então difundir/criar uma metodologia de se fazer geografia que fosse capaz de prover informações precisas para o planejamento do território. Enquanto Diretor da Divisão de Geografia do CNG (1952 e 1953), Zarur esteve empenhado na criação de uma estrutura “mobilizando os meios materiais e energias humanas” que fosse capaz de “oferecer ao país a publicação de uma ‘Geografia do Brasil’ que correspondesse às exigências da literatura didática e ao estado atual dos nossos conhecimentos geográficos” (BOLETIM GEGRÁFICO, 1953, v11, n112, p. 4).

No âmbito pedagógico, Zarur dedicou-se à renovação da Geografia no ensino escolar e universitário. Mantinha uma constante preocupação com a qualidade e adequação do ensino de Geografia em cada fase escolar, da formação de professores e universitária. Defendia a separação das faculdades de Geografia e História e a adoção de matérias mais técnicas para a formação do geógrafo. A obra, *Precisão e Aplicabilidade da Geografia*, foi elaborada para concorrer à cátedra de Geografia Geral e do Brasil, do Colégio Pedro II. Com a referida obra, Zarur conquistou a vaga e sistematizou o seu pensamento acerca de diversos temas como a importância da precisão para aplicação da geografia e da utilização da fotografia aérea como recurso fundamental para precisão da cartografia. As técnicas que já haviam sido difundidas na América do Norte, chegavam então ao Brasil, e um dos primeiros articuladores foi Jorge Zarur.

Zarur foi um homem do seu tempo. Soube aproveitar bem as oportunidades e as novas frentes de trabalho que se abriam, associadas à ideia de América, do Novo Mundo, e ao pan-americanismo estadunidense que surgia com intensidade no pós Segunda Guerra. Zarur atuou como um articulador importante na aproximação da Geografia brasileira com a Geografia norte-americana. Foi um excelente técnico do planejamento regional, sendo o responsável pela sua introdução no País, defendendo claramente uma Geografia aplicada e útil para o planejamento público territorial, evidentes em seus estudos, textos e palestras. Sua capacidade de gestão também merece menção, evidente no projeto do Censo das Américas, 1950.

Além da Geografia estadunidense, sua atuação na preparação do Censo de 1950 (e seus desdobramentos) foi fundamental para a integração da Geografia brasileira com a Geografia das demais nações latino-americanas, tendo sido, ele, um

dos responsáveis pela reativação da participação do Brasil no Instituto Panamericano de Geografia e História, que ocorreu em 1944. Durante a preparação para a realização do Censo das Américas, Zarur contribuiu para a difusão dos modernos métodos da Geografia em todas as nações visitadas, bem como para a aproximação do Brasil com as nações amigas. Levou tão a sério a ideia do panamericanismo, que ganhou a primeira Medalha Panamericana de Geografia, em 1955, na IV Assembleia Geral do IPGH, na Cidade do México.

Zarur defendeu a introdução de uma Geografia científica, mais dedutiva e menos limitada às descrições empíricas. Apresentou ao Brasil um novo conceito de região e de regionalização, estabelecidos pelo cruzamento da Geografia norte-americana e alemã, apoiados não nas características naturais, mas sim associadas às atividades econômicas, à ocupação e à estrutura agrária e fundiária. A regionalização começava a ser estabelecida não mais pelas características fisiográficas da região, mas por suas características socioeconômicas e suas articulações com outras regiões. Defendeu também a modernização das técnicas de mapeamento, de trabalho de campo e a utilização das fotografias aéreas como recurso fundamental para ampliar a precisão das observações de campo e dos mapeamentos.

Em uma das matérias de jornal encontradas no acervo da família, notamos ainda um vanguardismo de Zarur em falar sobre a preservação do ambiental. Como profundo estudioso sobre os recursos naturais, Zarur sabia o planejamento que envolvesse a o uso dos recursos, deveria prever também sua conservação. A matéria do Diário de Notícias, revela que Zarur acompanhava o engajamento do jornal sobre a luta contra o desmatamento e por esse motivo, enviou uma carta e um mapa de vegetação do Brasil, como contribuição do CNG. Na matéria ele fala sobre a importância do planejamento e defende o emprego de parte do imposto de renda para a conservação florestal. Em suas palavras “a liberdade econômica e política de um país se mede pelos recursos naturais que possui, explora e conserva. ” (19 de julho de 1953, Diário de Notícias). A matéria completa pode ser encontrada na figura 19.

Figura 19 – Matéria enviada ao Diário da Manhã.

Diário de Notícias

SEXTA SEÇÃO

A B
OS M

Domingo, 19 de Julho de 1955

REFLORESTAMENTO, UMA NECESSIDADE INADIÁVEL

Ensino obrigatório dos meios de conservação dos nossos recursos naturais

Sugere também o emprêgo de parte do impôsto de renda na conservação das florestas, o sr. Jorge Zarur, professor universitário de Geografia

Em carta a este jornal afirma que acarretaria prejuizos graves a devastação que ora se profere chamada Zona da Mata, em Minas Gerais

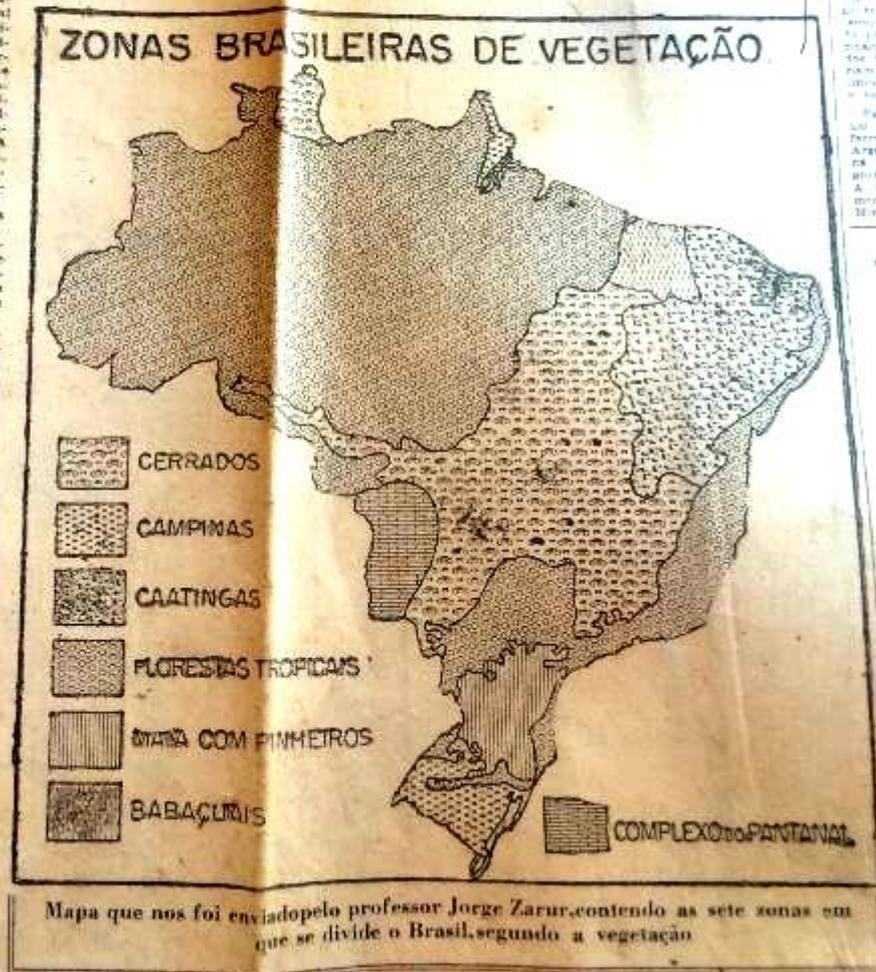
Desaparecida a mata

Do professor Jorge Zarur, diretor da Divisão de Geografia, do Conselho Nacional de Geografia, professor das Universidades Católica e do Instituto Federal, recebemos uma carta acompanhada de mapa que publicamos anexa. Pelo grande interesse e oportunidade, divulgamos na íntegra a continuação do professor Jorge Zarur, aglor da escola regional «A Bahia do Médio São Francisco», à campanha pelo reflorestamento, que este jornal vem realizando.

É o seguinte o conteúdo da carta:

«Tenho acompanhado com vivo interesse a campanha que o «Diário de Notícias» vem fazendo em prol da conservação dos nossos recursos florestais tão intensamente devastados. Como brasileiro e geógrafo, quero congratular-me com mais êxito a campanha patriótica de seu jornal. Para apoiá-la ofereço todos os elementos de que disponho, quer na cátedra, quer junto à Comissão de Geografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História. Tão relevante é o problema em apreço que aquela Comissão incluiu entre seus trabalhos, planos de levantamento e conservação dos recursos naturais dos países do continente americano.

A liberdade econômica e política de um país mede-se pelos recursos naturais que possui, explora e conserva. Assim os que utilizam seus recursos naturais sem nenhum plano de conservá-los e renová-los, estão fadados a morrer lentamente. A História o tem demonstrado. Os alemães chamam expressivamente a essa atividade sem providência: «Economia de Rapina» («Raubwirtschaft»). Os norte-americanos, conscientes da importância dos recursos naturais na vida econômica e militar do país, há muito promovem o completo conhecimento e conservação dessas riquezas básicas, através da educação da população rural e de campanhas intensas de conservação. Essa inteligência política teve início com o reflorestamento das áreas devastadas pelo colapso e pelos incêndios. Paralelamente



Legenda: Matéria de jornal em que Zarur defende a conservação dos recursos naturais.
Fonte: Acervo da família.

Zarur também participou dos trabalhos de escolha da localização da nova capital do Brasil e da elaboração do Plano de Metas, do governo de JK, do qual

também assumiu o cargo de assessor técnico da subchefia da Casa Civil da Presidência da República.

A Geografia defendida por Zarur nas décadas de 1940 e 1950 foi precursora da Geografia Tópica e da nova Geografia Regional de matriz norte-americana, que se desenvolveram no Brasil, na década de 1960, resultando nos estudos sobre região polarizada e homogênea. Resultaram também na difusão das práticas neopositivistas introduzidas, inicialmente, no Rio de Janeiro, centro político do País naquele momento, pelo IBGE. Zarur faleceu em 1957, em meio às disputas que dividiam o Brasil e o IBGE no que se referem às decisões e articulações da política nacional e do planejamento territorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jorge Zarur exerceu papel pioneiro na aproximação da Geografia brasileira com a norte-americana, principalmente entre 1940 e 1950, um período em que a Geografia francesa lablachiana ainda se constituía no Brasil como modelo científico. Embora essa aproximação tenha introduzido uma nova metodologia científica na execução dos estudos e pesquisas geográficas, então mais adequada às demandas da administração pública na gestão do território e na utilização dos recursos naturais, ela sofreu uma grande resistência por parte de grupos que atuavam no IBGE. As brigas e disputas entre grupos ideológicos e políticos diferentes no IBGE ficaram famosas e acabaram contribuindo com o esquecimento de Jorge Zarur e de suas ideias dentro do IBGE e da Geografia brasileira.

Com o objetivo de entender melhor o significado da sua contribuição e o motivo dessas resistências à metodologia trazida por Zarur, realizamos uma investigação sobre sua vida e a obra. Percebemos, então, que sua trajetória espacial e, conseqüentemente, sua produção intelectual, estiveram diretamente influenciadas pela geopolítica da primeira metade do século XX.

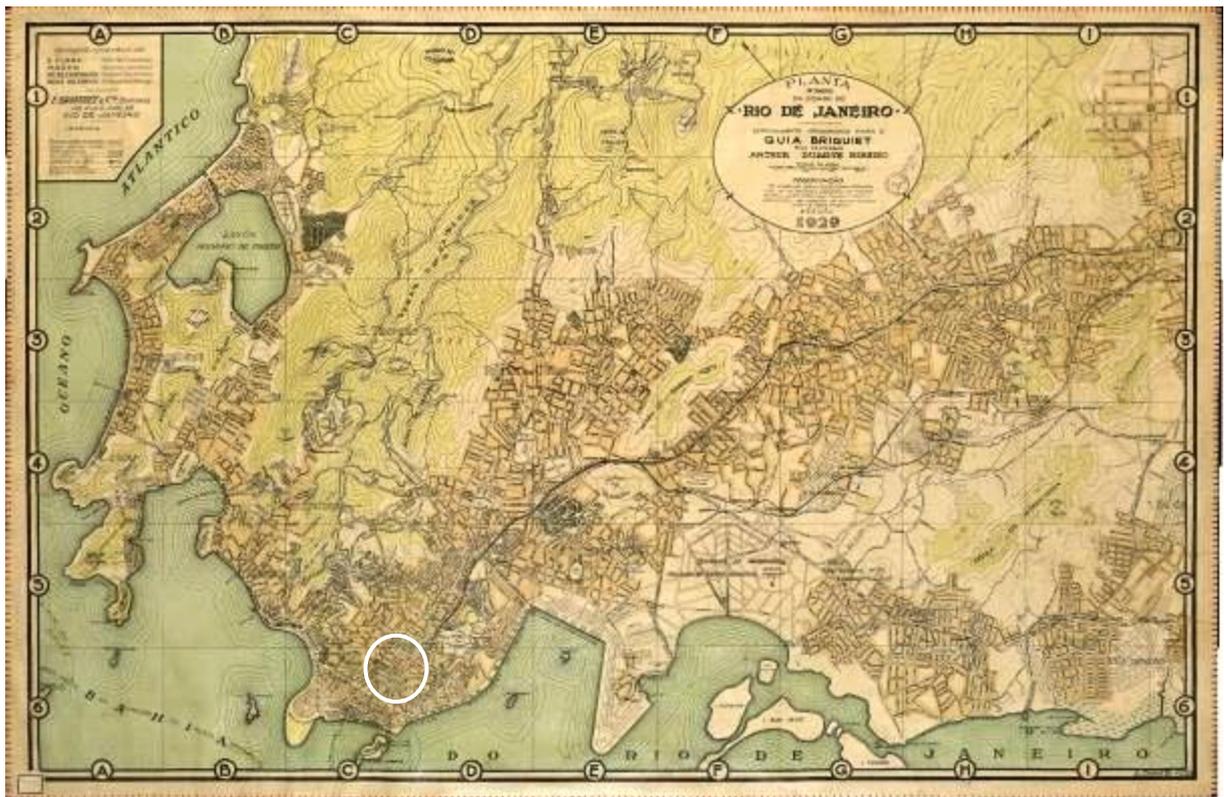
Zarur se graduou, pós-graduou e atuou profissionalmente durante um dos períodos de maior tensão no campo internacional: o *período entre-guerras* (no qual os Estados Unidos começam a se consolidar como potência mundial); durante a *Segunda Guerra Mundial* (período em que a influência da Europa sobre o continente americano enfraquece) e início da *Guerra Fria* (período em que aumenta a influência e controle dos Estados Unidos sobre a América Latina e seus recursos naturais).

Essa contextualização é importante para compreender que a passagem de Zarur pela academia estadunidense, que possuía interesse geopolítico no Brasil, vai influenciar diretamente na sua opção metodológica e atuação profissional. Entretanto, é preciso perceber que a Geografia Regional defendida por Zarur, naquele momento, não era extremamente oposta da lablachiana (com sua percepção sobre os gêneros de vida e a introdução das ideias do possibilismo em oposição ao determinismo geográfico de Ratzel). Existia uma diferença na questão metodológica, no desenvolvimento da economia regional e na utilização das *análises regionais* pela administração pública. Entretanto, é possível perceber que a Geografia defendida por Zarur não representava uma cisão metodológica com a

Geografia francesa. Ao analisar sua obra, percebemos que Zarur defendia um “híbrido” entre a matriz estadunidense (utilitarista, quantitativa e associada ao controle do território e à administração pública) e a lablachiana (mais acadêmica, descritiva, voltada para a compressão dos gêneros de vida e adepta do possibilismo).

Como vimos, Zarur passou sua infância e adolescência no centro da capital do Brasil, tendo contato com as melhores escolas e professores da época. Filho de imigrantes, Zarur conquistou seu espaço no meio acadêmico e acabou sendo selecionado para a receber a primeira bolsa de estudos conferida a um geógrafo brasileiro para realizar mestrado na Universidade de Winsconsin, nos Estados Unidos.

Figura 20 – Mapa do Rio de Janeiro e a centralidade de Jorge Zarur.



Legenda: O mapa acima retrata a cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil, em 1929. O círculo em branco representa a local de moradia e estudo de Zarur.

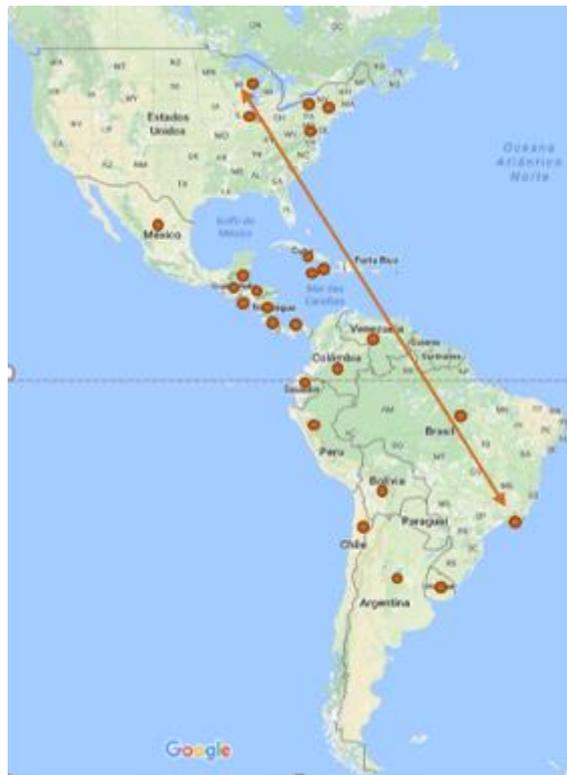
Fonte: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>

Planta informativa da cidade do Rio de Janeiro especialmente organizada para o Guia Briguiet. Rio de Janeiro, RJ : F. Briguiet, 1929.

Ao viajar para os Estados Unidos, Zarur teve contato com uma Geografia racionalizada e quantitativa que via na precisão, conquistada através de uma metodologia positivista, a possibilidade de ser aplicada através do planejamento territorial. Esse planejamento, por sua vez, deveria ser realizado de forma regional, porém integrado ao interesse nacional, orientando a utilização dos recursos naturais de forma a melhorar a economia e a qualidade de vida das populações. Esses eram os objetivos da metodologia que Zarur defendia e introduzia no Brasil. Entretanto, o distanciamento histórico nos permite avaliar que as informações produzidas eram úteis à Geopolítica estadunidense.

Depois de seu mestrado, o intercâmbio cultural entre a Geografia brasileira e a Geografia americana só cresceu. Além de ter voltado para uma segunda bolsa de estudos (que deu origem ao seu livro sobre o vale do São Francisco), outros cinco geógrafos brasileiros também ganharam bolsas e foram estudar nos Estados Unidos. A partir de então, Zarur nunca mais parou de viajar, tanto para os Estados Unidos, quanto para as demais nações da América Latina. Tais viagens, sempre possuíam a integração da Geografia pan-americana como pano de fundo e deixam clara a expansão estadunidense sobre os geógrafos brasileiros e latino-americanos.

Figura 21 – Circulação de Jorge Zarur pelo continente americano entre 1940 e 1957.



Fonte: A autora, 2016.

Os projetos do Censo da Américas de 1950 e do Censo Agropecuário do mesmo ano, encomendado pela FAO, serão marcantes nesse sentido. Tanto no que tange ao emprego das modernas metodologias, mais precisas e aplicáveis, quanto no que tange à produção de informações e base cartográfica sobre a América Latina. De fato, a difusão da Geografia moderna pelo continente, os treinamentos e financiamentos fornecidos pelos Estados Unidos foram de grande valia para o desenvolvimento da Geografia moderna no Brasil.

Como vimos, Zarur era um bom articulador, sabia integrar interesses e soube aproveitar as oportunidades que se abriam naquele período. Notamos que, como desdobramento do Censo da Américas de 1950, Zarur participa da criação do Centro de Treinamento Pan-Americano para Avaliação dos Recursos Naturais, em uma parceria entre a OEA e o Ministério da Agricultura e com sede no Rio de Janeiro, na Universidade Rural. Tal projeto vai acabar produzindo uma série de informações sobre os recursos naturais dos países da América Latina.

No campo do ensino, além de professor e pesquisador, Zarur escrevia sobre os problemas e potencialidades do ensino de Geografia para os diversos níveis de aprendizagem. Organizou e ministrou cursos de formação continuada para professores e apresentou propostas para a renovação do ensino no curso Normal e nas universidades.

Tanto no projeto do Censo da Américas de 1950, quanto nas atividades do Centro de Treinamento Pan-Americano para Avaliação dos Recursos Naturais, a dimensão do ensino sempre estiveram presentes. No primeiro a partir das conferências e dos treinamentos oferecidos aos técnicos dos países participantes e, no segundo, através das turmas de profissionais que recebiam bolsas de estudos para aperfeiçoamento técnico.

Em seus projetos Zarur sempre colocava em articulação as suas três principais áreas de atuação: o ensino, as articulações institucionais e o planejamento regional.

A atuação profissional de Zarur marcou a história da Geografia brasileira e, no entanto, pouco se sabe e se fala sobre ele. Sua trajetória ocorreu em um dos principais períodos democráticos do Brasil e conturbados da história mundial. Sua morte prematura o poupou de ver os desdobramentos da Guerra Fria e o apoio dos Estados Unidos à implementação de Ditaduras Militares em toda a América Latina.

A investigação sobre a vida e obra de Jorge Zarur ainda possui muitos capítulos que não foram completamente explorados nessa pesquisa. Algumas possibilidades de investigação como a relação entre Zarur e Josué de Castro; os desdobramentos do Centro de Treinamento Pan-Americano para Avaliação dos Recursos Naturais; as disputas internas ocorridas no IBGE durante sua atuação e análise detalhada das publicações do Boletim Geográfico (no período que ele era diretor do periódico e da Divisão de Geografia do CNG) podem e devem ser melhor pesquisadas com a finalidade de reconstruir, com mais detalhes, a história desse importante Geógrafo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Roberto Schmidt. A estruturação da tecnoburocracia do planejamento territorial no Brasil. TERRA BRASILIS [En línea], 4 - 5 | 2003, Publicado em 2012. <http://terrabrasilis.revues.org/356> Acessado em: 16/01/ 2015.

_____. A Geografia e os Geógrafos do IBGE no Período 1938-1998. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, 2000.

EVANGELISTA, Hélio A. A Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. Revista geo-paisagem, on line, Ano 1, nº 1, Janeiro/Junho de 2002. Acessado em: 08/01/2015 - http://www.feth.ggf.br/socgeorio.htm#_ftn1

_____. Congressos Brasileiros de Geografia. Revista geo-paisagem, on line, Ano 2, nº 3, Janeiro/Junho de 2003. Acessado em: 08/01/2015 - <http://www.feth.ggf.br/congresso.htm>

_____. Onde está a geografia na Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística? Revista geo-paisagem, on line, Ano 4, nº 7, Janeiro/Junho de 2005. Acessado em 08/01/2015- <http://www.feth.ggf.br/fibge.htm>

CARTA DE LÉO WAIBEL para Zarur, Janeiro de 1943. Wisconsin. Acervo Marcela Zarur. Acervo da família.

CARTA DE RECOMENDAÇÃO DE FINCH para Jorge Zarur, janeiro de 1943 e Carta de recomendação de Glenn T. Trewartha para Zorge Zarur, janeiro de 1943. Acervo da família.

CARTA DE CARLOS DELGADO de Carvalho à Jorge Zarur, após sua morte, março de 1957. Acervo da família.

A Cartografia Avança pelo Planalto Central a partir do Século XIX – Nova Capital da República – Brasília”, de Eliane Alves da Silva (ano não encontrado) - <http://www.amiranet.com.br/artigo/a-cartografia-avanca-pelo-planalto-central-a-partir-do-seculo-xix-nova-capital-da-republica-brasilia-70>

Discurso de 13 de dezembro de 1958, feito por JK enquanto paraninfo da turma de 1958 do *Centro Pan-Americano De Treinamento Para Avaliação De Recursos Naturais, Na Universidade Rural*

<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/jk/discursos/1958/85.pdf>

DIPLOMA DE BACHAREL EM CIÊNCIAS JURÍDICAS DE SOCIAIS, Universidade do Brasil. Acervo da família.

DIPLOMA DE LICENCIADO EM GEOGRAFIA E HISTÓRIA, Universidade do Brasil. Acervo da família.

DIPLOMA MASTER OS ARTS, Universidade de Wisconsin. Acervo da família.

George Zarur

<http://www.georgezarur.com.br/opiniao/118/saudades-do-brasil-perdido-1-jk>

GONÇALVES, Jayce de Mattos Madeira. IBGE: um retrato histórico. Rio de Janeiro: IBGE. <http://www.ibge.gov.br/home/>
IBGE, Centro de Documentação e Disseminação. Memória Institucional – 5. 1995. 61p.

HISTÓRICO ESCOLAR DO MESTRADO, Universidade de Winsconsin. Acervo da família.

IBGE - CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA SERVIÇO NACIONAL DE RECENSEAMENTO. Resoluções do Comitê do Censo das Américas de 1950. Documentos Censitários, série D, n.4, Rio de Janeiro, 1953.

IBGE – MEMÓRIA. Disponível em: <http://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/censosdemograficos.html>. Acesso 13 de novembro de 2014.

Instituto Interamericano de Estadística

<http://www.contraloria.gob.pa/inec/IASI/presentacion.html>

Instituto Internacional de Estadística (ISI)

<https://www.isi-web.org/>

MACHADO, Mônica Sampaio. A Construção da Geografia Universitária no Brasil. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

MACHADO, Mônica e ZARUR, Marcela. Primeira aproximação da Geografia institucional brasileira com a norte-americana: uma análise a partir da obra de Jorge Zarur. *Revista GeoUerj*, n.27, 2015.

MAGNAGO, Angélica Alves. A Divisão Regional do Brasil – uma revisão bibliográfica. *Revista Brasileira de Geografia*, 1995, v57, n4, p.65 – 92.

MALAVOTA, Leandro Miranda (org). Cristóvão Leite de Castro e a Geografia no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação. Memória Institucional - 18, 2013

Ministério do planejamento, desenvolvimento e gestão.

<http://www.planejamento.gov.br/assuntos/empresas-estatais/coordenacao/historico>

PENHA, Eli Alves. A Criação do IBGE no contexto da centralização política do estado novo. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação. Memória Institucional - 4, 1993. 123 p.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, IBGE, Comentários IX Congresso Brasileiro de Geografia, pela Secretaria Geral do CNG. RBG 1940, v.2, n.4, p. 622-638.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, IBGE, Noticiário. Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (SBAE), RBG, 1941, v3, n3. p.711.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, IBGE, Noticiário. 1943, v5, n1. p.140.

ZARUR, Jorge. A Geografia no Curso Secundário. *Revista Brasileira de Geografia*, v.3, n.2, abr./jun. 1941, p. 227-269

_____. Noticiário: O Canal de São Simão. *Revista Brasileira de Geografia*, 1941, v3 n3. p.621-625.

_____. Latin America. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, volume 4, n.3, p. 587-600, jul. set. 1942 (Resenha do livro JAMES, Preston E. Latin America. New York: Odissey Press, 1942)

_____. Geografia: Ciência Moderna ao Serviço do Homem. *Revista Brasileira de Geografia*, v.6, n.3, jul./set. 1944c, p. 313-326.

_____. Land economics. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, volume 6, n.4, p. 106-110, out. dez. 1944 (Comentários sobre o livro de autoria de Richard T. Ely e George S. Wehrwein, New York, MacMillan, 1940).

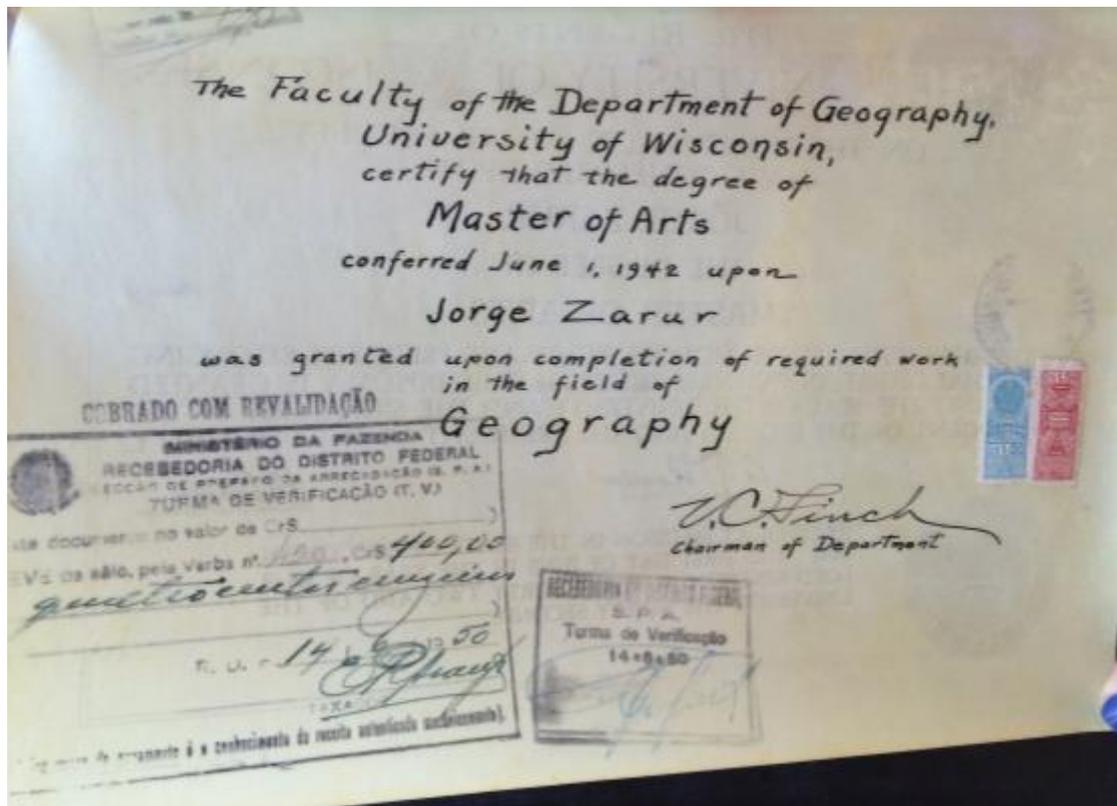
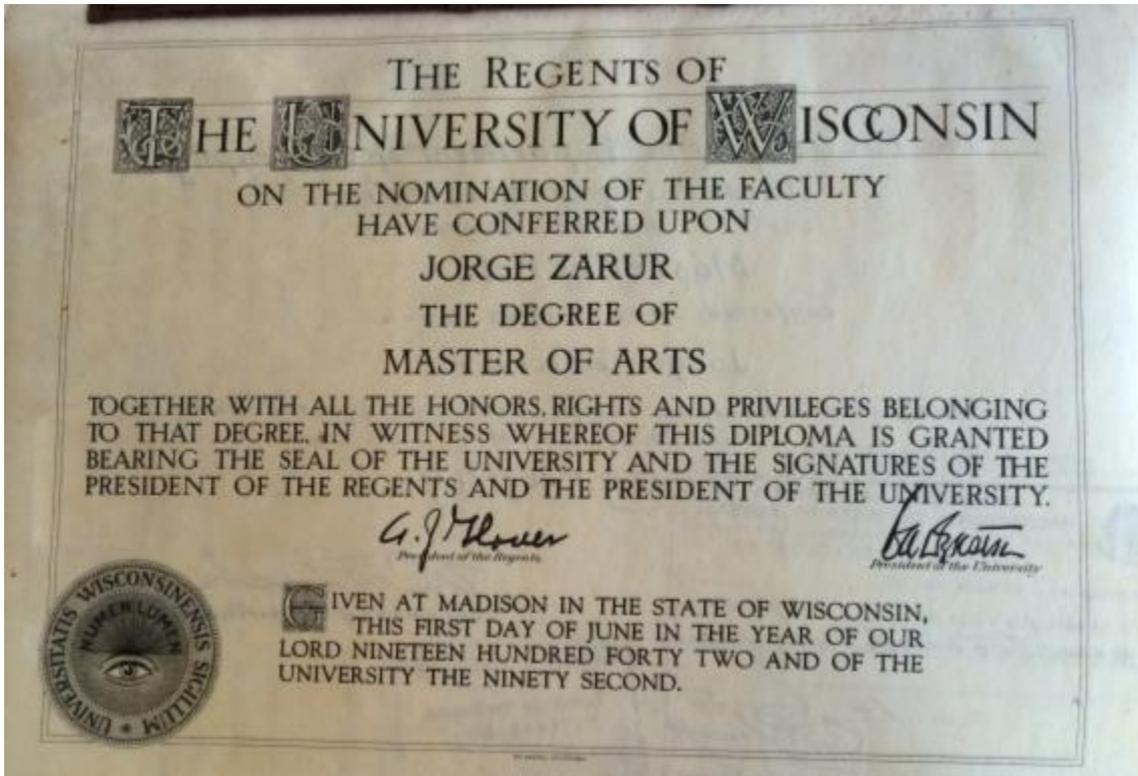
_____. A bacia do médio São Francisco: uma análise regional. Serviço Gráfico do IBGE, 1946.

_____. Análises regionais. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, volume 8, n.2, p. 3-11, abril junho 1946.

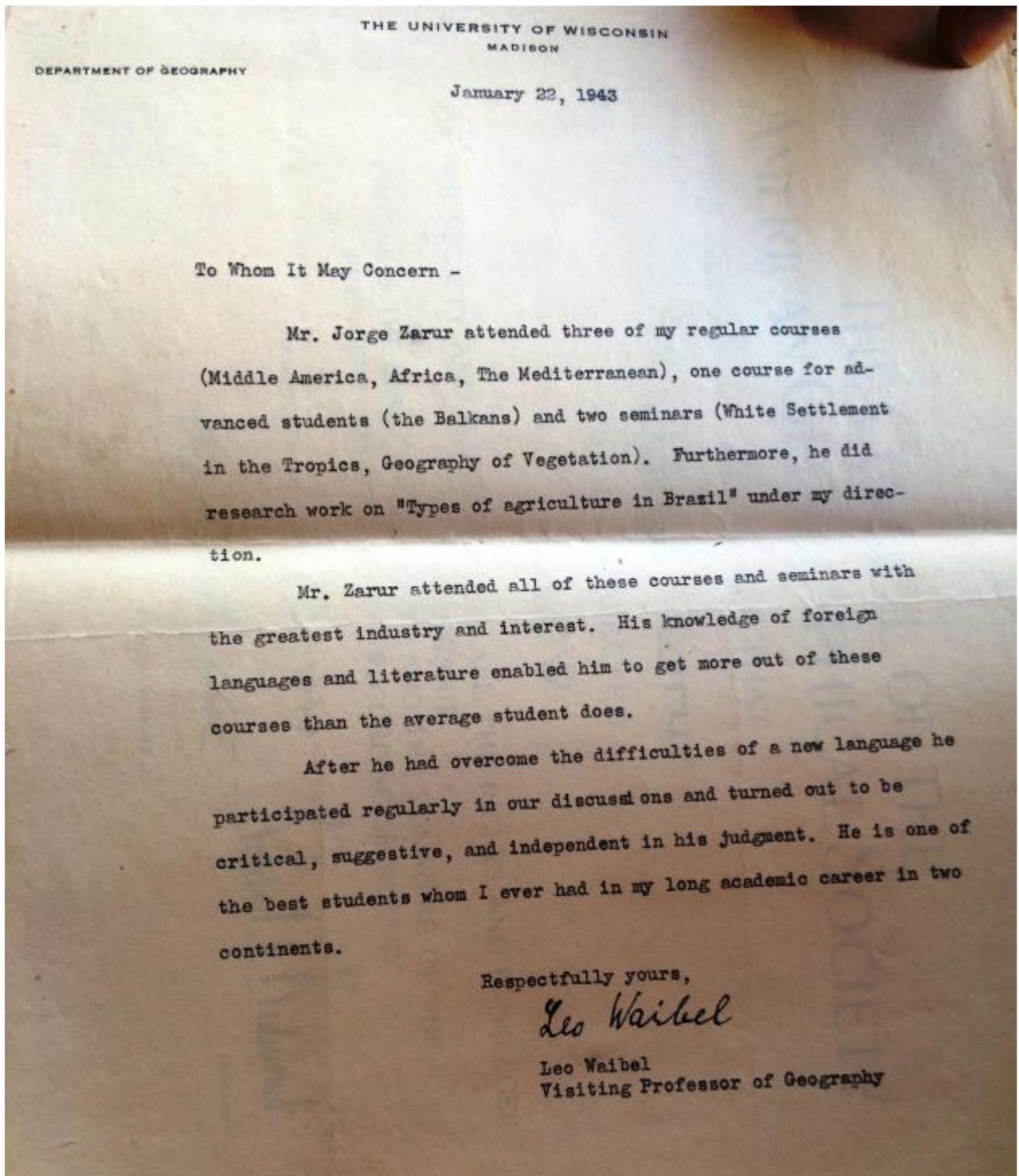
_____. Precisão e Aplicabilidade na geografia. Tese apresentada em concurso par a cátedra de Geografia Geral e do Brasil, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 1955, 153p.

.

ANEXO A – Planilha vida e obra ANEXO B – Diploma do mestrado em Winsconsin



ANEXO C – Cartas de Recomendação dos professores Léo Waibel, Finch e Glenn.



DEPARTMENT OF GEOGRAPHY

THE UNIVERSITY OF WISCONSIN
MADISON

January 23, 1943

To Whom It May Concern --

This is to certify that Mr. Jorge Zarur has been a postgraduate student and a candidate for higher degrees in geography at the University of Wisconsin between the dates of September 15, 1941 and January 25, 1943. During his residence here Mr. Zarur has pursued studies in various aspects of geography, both physical and cultural, and in certain related fields, particularly land economics. His geographical studies have included especially geomorphology, physical and regional climatology, regional economic geography and geographical techniques, such as field survey methods and cartography. During this time he has been granted the degree of Master of Arts in geography, and he has accumulated, in addition, certain credits and residence which will apply toward the Ph. D. degree.

As a student Mr. Zarur has applied himself with intelligence and enthusiasm, and he has made an exemplary record both as a student and as a representative of Brazil. We greatly regret that his duties require his present return to his native land but express the hope that under more favorable world conditions he may return to this university for further study.

With expressions of highest esteem, I am

Respectfully yours,

V. C. Finch
V. C. Finch
Chairman of Department

State of Wisconsin
County of Dane

Subscribed and sworn to before me
this 23rd day of January, 1943.

William M. Veckman Notary Public,
My commission expires April 14, 1946

54

THE UNIVERSITY OF WISCONSIN
MADISON

DEPARTMENT OF GEOGRAPHY

January 22, 1943



81

To Whom It May Concern -

Jorge Zarur of Rio de Janeiro, Brazil, was selected from among a number of applicants as the first foreign recipient of the R. H. Whitbeck graduate fellowship in geography at the University of Wisconsin. As a holder of this fellowship Zarur has spent three semesters and a summer in graduate study at this university working chiefly in the field of geography but also in land economics.

I am happy to testify that Zarur has made an extremely favorable impression upon our faculty and upon the graduate student group. He has given evidence of being an able student and an eager research worker. We feel that he not only is well grounded in geographic fundamentals but also is accomplished in the techniques of geographical investigation as they have been developed in this country.

We look upon Jorge Zarur as an able representative of American geographical training. He will always be a strong bond linking together Anglo-American and Latin-American geographers.

Respectfully yours,

Glenn T. Trewartha
Professor of Geography

State of Wisconsin
County of Dane

Subscribed and sworn to before me
this 23rd day of January, 1943.

Notary Public

My commission expires April 14, 1946.



ANEXO D – Histórico Acadêmico em Winsconsin

THE UNIVERSITY OF WISCONSIN
OFFICIAL TRANSCRIPT

Jorge Zarur
1115 Van Buren Street, Madison, Wisconsin
Course Graduate School
Admission September, 1941 on B. S. degree
Colégio Pedro (Brazil)
(Attendance Three semesters & one summer session
undergraduate)

Dismissed to an honorable dismissal
June 1, 1942 Degree M. A.

Entrance Units	
Gen. Science Physics Physiography Zoology	Group B Agriculture Domestic Sci. Commercial Manual Arts Optional Total
Greek Latin German French Spanish	



Equivalent	Points
(93-100)	3
(83-92)	2
(77-84)	1
(70-76)	0
	0
	0

Curtis Maximilian
Registrar

The charge for an additional transcript is one dollar
Registrar's Form No. 67

Zarur, Jorge
Rio de Janeiro, Brazil

		Reading Knowledge Tests	
		French	German
B.S. Colégio Pedro		1936	
M.A. University of Wisconsin 6-1-42		Preliminary Examinations	
		Major Field	
		Minor Field	
Ph. D.			
Graduate work in other institutions Univ. of Chicago - Field Geography			

Subject	Crs	Gr.	Instructor	Grd.	Title of Course	Instructor	Grd.
1st Sem. 1941-42 (Finch)							
Geography	111	2	Waibel	A	Geog of Middle America		
"	140	3	Trewartha	B	Climatography		
"	107	3	Waibel	A	Danubian-Balkan lands		
"	154	2	Trewartha	B	Seminary: Geog		
Geology	102	3	Menzies	A	Geomorphology (adv physiog)		
Soc. & anth.	106	-	Waibel	Aud	Field prob & methods		
2nd Sem. 1941-42 (Finch)							
Geography	110	-	Trewartha	Aud	Geog of Far East		
"	114	2	Waibel	A	Geog of Africa		
"	126	3	Finch	B	Cartography-graphics		
"	135	2	Trewartha	B	Geog fld mapping-fld techniques		
"	141	2	"	B	Climatog of continents		
"	232	2	Waibel	B	Seminary: Geog		
Pol. Science	258	-	Gaus	Aud	Sem in public adm		
SS 1942 (6 wks)							
Geography	200	6	Waibel	A	Read & res in geog		
1st sem. 1942-43 (Finch)							
Geography	103	3	Finch	B	Geog of North America		
"	107	3	Waibel	A	Geog of Mediterranean region		
"	232	2	Waibel	A	Seminary: Geog		
Agric. Econ.	117	-	Wehrwein	Aud	Outlines of Land econ		
"	226	2	Wehrwein	A	Seminary: Land prob		

ANEXO E – Entrevista com George Zarur.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome do Entrevistado: George Cerqueira Zarur

Data da Entrevista:

Grau de parentesco com Jorge Zarur: Filho mais velho

INFORMAÇÕES PESSOAIS

1) Onde Jorge Nasceu?

Nasceu no Rio, em Botafogo, Rua Conde de Irajá, e morava com os pais. Por um período ele morou com a madrinha e depois voltou pra casa (com cerca de 10 anos). Porque ele brigou com o pai pq ele queria estudar e o pai não queria que ele estudasse e sim que trabalhasse. Os irmãos roubavam comida para ele, apoiavam que ele estudasse. Nove irmãos: Elias, Fernando, Tio Dahas, Floriano, Amado, Georgina, Linda e Dagmar. Os mais velhos, Elias e Fernando trabalhavam para que os outros pudessem estudar.

2) Como foi a sua infância?

3) Como você descreveria a personalidade dele?

Era uma pessoa com uma personalidade extremamente carismática, extremamente comunicativa fascinava as pessoas ao redor dele.

4) E o estilo de vida?

Tinha pouco contato com os filhos. Trabalhava demais, chegava tarde em casa, tinha mais contato com ele nos feriados e férias. Era professor do Colégio Pedro II, do Instituto de Educação, da PUC, ainda trabalhava no IBGE e acumulou a função de Diretor do Centro Latino Americano de Recursos Naturais, ligado ao IPGH. Trabalhava feito louco. Ele tinha muito aquele negócio de infância pobre que queria subir na vida.

5) Quando se casou?

Casou em 1945.

6) Como ele conheceu a Tia Cecília?

Conheceu num navio. Ele estava indo para os EUA e ela tb e a Dina Venâncio, uma amiga dela, apresentou a ele antes deles embarcarem no navio. Eles embarcaram. Ele era noivo de uma mulher, quebrou o noivado e ficou com a Cecília. No navio SS Brasil, um navio de luxo.

7) Qual era a formação dela?

Advogada, se formou em Direito na Faculdade Nacional de Direito, no Catete. Ela nasceu em Curitiba por acaso. A família dela era paulista. O pai era pastor presbiteriano então ele ia para diferentes lugares, mas a família era muito paulista. Então ela foi pro Rio pq a família foi e ela foi junto, mas não ficou morando na casa, ficou morando no Colégio Benete

8) Sei que ela era uma mulher muito interessante a frente do seu tempo, gostaria que você explicasse porque ela é vista dessa forma?

No tempo dela, as mulheres profissionais não eram muitas. E ela não só foi uma profissional, uma advogada como ela ainda foi, se não me engano a segunda, talvez a primeira procuradora da república. Então que isso tudo causou um impacto. Se casaram no civil e não na igreja.

9) Quais foram os anos de nascimento dos seus filhos?

Geo – 1946
Carlos - 1948

10) Jorge levou a família para os Estados Unidos quando foi estudar lá?

Não

11) Ele morou fora da sua cidade natal antes disso? Quando e onde?

Não

INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS

12) Como você vê a trajetória profissional do Jorge?

Muito, muito rápida. Naquele tempo o Brasil tinha muitos espaços a serem ocupados e ele ocupou um deles. Ele enfrentou uma resistência brutal no IBGE, pq ele era uma pessoa de origem humilde, filho de imigrantes. E dentro do IBGE a Geografia estava na mão de nomes ilustres. Era um país extremamente fechado. E ele, de certa forma, invadiu o esquema da geografia.

13) Como ele entrou na Geografia? Qual foi a motivação?

Foram os professores dele no Pedro II. Pq ele foi aluno do Pedro II. Ele era muito, muito pobre, né... e ele tinha aquela capacidade, aquela inteligência, aquele carisma pessoal e os professores ficaram fascinados com eles. Fala-se aí, eu me lembraria do Carlos Delgado de Carvalho, do Raja Gabaglia, alguns professores.... Então por influência desses caras.... ele fez Direito também, na antiga Universidade do Distrito Federal. Acho que ele fez os dois concomitantemente. Ele nunca exerceu Direito. Foi presidente de Diretório Acadêmico.

14) Como foi a sua relação com a Geografia?

15) Que cursos ele fez depois da graduação. Tem documentos.

Mestrado nos EUA, que na época ninguém fazia. Doutorado nem pensar. Assim como Gilberto Freire e outros tiraram mestrado nos EUA. Gilberto Freire 10, 15 anos antes dele. Mas ele foi uns dos pioneiros em ir para o exterior.

16) Algum fato mais marcante?

Chama a atenção na trajetória dele a luta dentro do IBGE. A guerra de foice que foi aquilo. Uma luta absolutamente terrível. Se eles pudessem eles o teriam matado. Foi o negócio de uma violência inacreditável.... Os antigos Geógrafos do IBGE Lysia Bernardes, Leite de Castro, Fábio Macedo Soares não queriam abrir.... então ele entrou em choque com eles... Eu me lembro quando ele morreu um cara lá escreveu num jornal que ele era muito inteligente, brilhante ... mas que pena que a inteligência dele fosse tão desperdiçada... Minha mãe escreveu um artigo pro Jornal do Brasil xingando o cara.... chamando ele de covarde... aproveitando q ele tinha morrido... Enfim...

Quando chegou no IBGE, homenagem e tal... eu tinha 10 anos e me botaram para fazer um discurso... E eu me lembro que um cara desses veio me cumprimentar depois e eu virei as costas de tanta raiva, tanto ódio... Eu não entendia, mas me contaram... eu li o discurso que minha mãe escreveu.

Essa briga era por poder e linha dentro da geografia. Por Política partidária... meu pai era mais do PSD, tio Faissol tb... os outros caras eram mais da UDN...

Dentro da Geografia o meu pai foi mais para a geografia americana, o Tio Faissol depois foi para a Geo quantitativa. E os caras eram mais ... eles não eram mais.... eles não eram quantitativos, eles eram qualitativos mas não eram marxistas. Eles eram muito conservadores.

Porque depois do Milton Santos, a geografia qualitativa ficou identificada com o marxismo e eles não eram... eles eram absolutamente reacionários.

Eles eram ligados a uma geo um pouco francesa... e muita coisa local tb.... e era um negócio violentíssimo. E briga política. Quem é que ia ocupar os cargos de direção do IBGE... PSD ou UDN.

17) Você lembra-se de alguma figura nacional marcante entre os amigos mais próximos do Jorge? Quem? Qual era o tipo de relação?

Josué de Castro, Ieda Linhares. Viviam um na casa do outro... Viviam se visitando.

18) A partir do que você já leu dele, você acha possível identificar algum eixo político-ideológico em sua produção?

Não ideológico... mas político sim. Eu diria que ele era mais voltado pro PSD, né.... do Juscelino, quando eles fizeram campanha pro Juscelino... Ele participou do Plano de Metas. Ele e tio Faissol. Na época a Geo era muito mais importante do que é hj. A Geo era assim que nem a economia é hj sabe em planejamento... então eles participaram disso e mais de uma porção de coisas... Os outros não, os outros eram da UDN, da direto... Eles conversavam com os comunistas.... Tinham vários amigos da esquerda. Eles eram amicíssimos do Josué de Castro, Ieda Linhares.

Ele achava que o mundo caminhava para o socialismo. Ele era muito católico, profundamente católico. Então ele acreditava que o mundo caminhava para o socialismo mas ele procurava vertentes mais discretas e suaves, dentro do cristianismo... do catolicismo. Minha ma~e não era nem um pouco. Ela era protestante.

19) Como você vê o envolvimento dele na construção do IBGE enquanto projeto institucional?

20) Fale um pouco sobre a atuação dele no IBGE

21) E a relação dele com Fábio Macedo Soares e família... como José Macedo Soares.

22) É possível identificar no pensamento dele alguma referência a sua trajetória espacial:

Era uma geografia mais moderna. A brasileira era muito fossilizada.... ainda no esquema do século XIX.

23) Ele tinha alguma relação afetiva com o Rio São Francisco?

Não tenho ideia.

24) Como ele morreu?

Derrame cerebral. Tinha 40 anos... tava subindo a serra de Petrópolis e teve um derrame fulminante e já chegou morto. Ameaça cardíaca, que foi o que o levou e tb tinha leucemia.

25) Você acha que a carreira dele influenciou a sua? De que forma?

Sim. Pq eu sou antropólogo... antropólogo e Geógrafo.... tem uma relação... é claro que eu tive outras influências... como os Irmãos Vilas Bôas...

26) Como eram as relações políticas dele?

Ele ia ser chefe de gabinete, chefe da Casa Civil do Juscelino... uma posição ministerial... morreu antes... Ele estava se encaminhando para fazer carreira junto ao Juscelino mas morreu antes... Ele chegou a trabalhar no Catete quando Juscelino estava lá. Ele era muito ligado ao Juscelino por causa do meu Tio Nélio, irmão da minha mãe. Ele era Coronel e foi comandante da PM de Minas. E a PM de Minas, na época, as polícias eram exércitos regionais, né... e jogam com o poder né, viviam ameaçando insurreição, revolução, Minas,

São Paulo.... Então, meu tio, foi ele bancou a posse de Juscelino, e foi meu tio que estabeleceu a relação do meu pai com Juscelino. Juscelino era muito amigo do meu tio. Ele bancou militarmente.... Eu me lembro na nossa casa inclusive... que virou sede do partido do PSB. Faziam reunião... vivia cheia de milico lá... conspiração direto. Inclusive contrabando de armas.... Eles chegaram a armar a polícia mineira pra encarar né... Eu escrevi um artiguinho sobre isso... se vc entrar no meu site... se chama JK, saudades do Brasil... e eu conto isso.

27)Havia grande influência da comunidade árabe em sua trajetória pessoal e profissional?

Não. Como a comunidade Árabe ia ajuda-lo? Não tinha como. Era uma comunidade voltada para fazer dinheiro... para o comércio.... Não para a geografia, não para a ciência. Apenas de que em São Paulo o maior geógrafo daquela época era o Aziz Ab'Saber. Mas fica nisso.

ANEXO F - Entrevista com Linda e Geraldo, irmã e sobrinho de Zarur.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data da Entrevista: 3 de abril de 2015

Nome do Entrevistado e Grau de parentesco com Jorge Zarur: Linda - Irmã de Jorge Zarur

Data de nascimento: 28 de março de 1928.

1) Fale um pouco do Jorge e da infância de vocês.

Nós nascemos todos na Rua Senhor dos Passos e Rua da Alfandêga. Meu pai tinha Quitanda na Rua da Alfandega, no Centro da Cidade. Todo mundo trabalhava na Quitanda do meu pai, até os primos. Quando as frutas estavam muito maduras, o Fernando, seu avô, fazia uma caixa lá que ele tinha e vendia melância e abacaxi em pedaços. Vendia de tudo na Quitanda. Galinha, ovo cozido...

A gente frequentava uma igreja árabe, na Gomes Freire, em que as mulheres sentam de um lado e os homens do outro. Igreja Ortodoxa, que usava véu na cabeça e tudo. Meu pai e minha mãe levavam a gente.

Na páscoa o pessoal cozinha o ovo com casca de cebola e faz uma brincadeira.

2) Com quantos anos você foi morar com ele? Ou em que ano?

Eram 9 nove filhos (Irmãos). Quando a mãe morreu os irmãos mais novos foram para casa dos irmãos mais velhos. A minha mãe morreu dormindo. Ela se chamava Helena e por causa dele hoje tem Helenas na família.

3) Como era a sua convivência com Jorge e Celília?

Era ótima. Cecília era mulher muito inteligente e muito boa. Ela realizava diversos jantares para alunos de Jorge e colegas deles. Eles viajam muito e Jorge trabalhava muito também.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data da Entrevista: 3 de abril de 2015

Nome do Entrevistado e Grau de parentesco com Jorge Zarur: Geraldo - Sobrinho

Fala livre sobre os avós

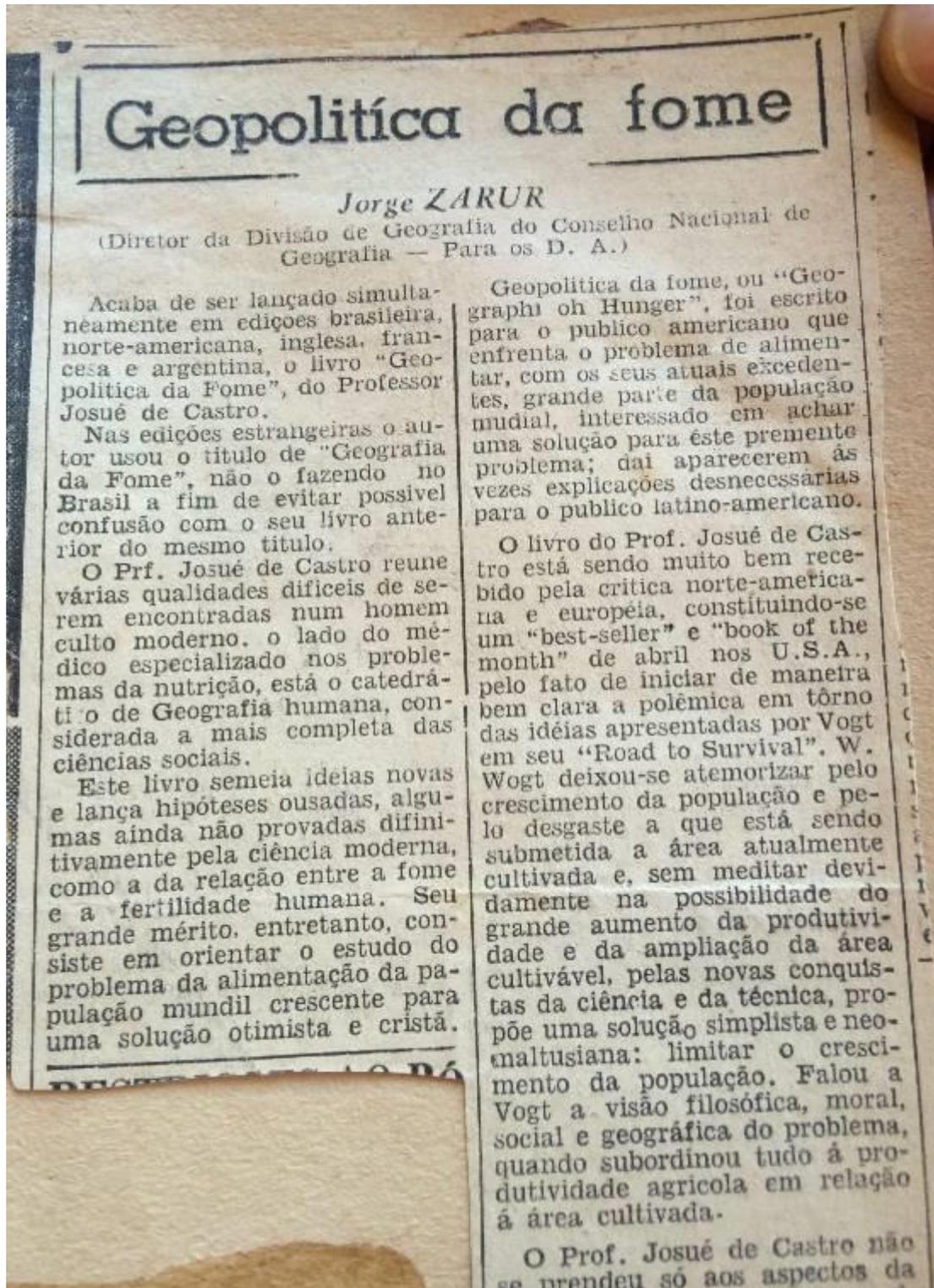
Eu ouvi essa história, que a família Zarur lá... Por que na realidade Zarur era o nome do local, da tribo. Não sei até onde isso é verdade... Por exemplo, os nossos avós eram fulano el Zarur, ou seja, fulano da tribo Zarur. Quer dizer o nosso avô, o Charrud Velho, era El Zarur, tinha o El, e o El queria dizer que era daquela tribo lá, e que essa tribo Zarur lá no Líbano era uma tribo rica, tinha terrenos, tinha petróleo, terreno com petróleo inclusive, e que os bisavós, que dizer os pais, não sei se da minha avó ou do meu avô, foi degolado numa dessas brigas tribais. Pq lá eles têm mania de cortar o pescoço mesmo.

Me disseram que lá tinha muita terra e muito petróleo nessa terra. Eu sei que alguém da família já andou fazendo uma pesquisa pra ver sobre essas terras, mas não conseguiu muita coisa não.

Eu sei que uma vez chegou no Rio uma carta de alguém de lá pedindo uma procuração.

A história da cultura Tribal. A família Zarur ainda tem esse instinto tribal, que o nosso avô tinha, em que os mais velhos reuniam os mais novos para contar histórias e passar experiência.

ANEXO H – Apresentação do livro Geopolítica da Fome, de Josué de Castro.



ANEXO I – Carta de Delgado de Carvalho.

MEU FILHO JORGE

Era um menino vivo e inquieto, este meu Jorge Zarur, quando o encontrei numa turma do Colégio Pedro II. Bom aluno e estudioso, era e franquesa em pessoa; simpatizava com os professores quando os sentia dedicados e amistosos. Para seus colegas, além de bom companheiro, era defensor alerta de seus direitos e auxiliar indispensável em todas as ocasiões. Por isso, seu espírito de iniciativa era amplamente explorado por seus amigos, que confiavam na sua generosidade e no seu profundo senso de responsabilidade. Os seus colegas de Pedro II nunca esquecerão os serviços que lhes prestou, o exemplo que lhes deu, com suas qualidades de liderança.

No Fernando Raja Cabaglia e em mim cedo percebeu Jorge a simpatia que lhe votávamos. Tornou-se mais do que nosso discípulo, fez-se nosso amigo e de nós nunca se esqueceu nos trabalhos de geografia que veio a escrever. Ainda no Colégio Pedro II, constantemente procurava amenizar os contatos profissionais que tínhamos com os seus colegas, tal a confiança que nêle depositávamos para a direção do colégio. Antes de Jorge, foi-se o Fernando, que hoje, estava comigo a deplorar a perda do jovem amigo, do discípulo querido.

Quando, voltando de minha visita às Universidades dos Estados Unidos, em 1940, recebi da Universidade de Wisconsin uma bolsa de estudos de geografia para um aluno meu, sem a menor hesitação, escolhi o nome de meu filho espiritual, Jorge Zarur, apesar de não ser o seu professor da matéria. Foi bem aceita a minha recomendação e, imediatamente procurou êle recordar as noções de inglês que havia colhido no nosso Colégio. Em pouco tempo, já com bom vocabulário, embarcava êle para os Estados Unidos, onde, em Madison, teve os melhores mestres da geografia americana. De lá, recebia eu as suas cartas cheias de entusiasmo e de promessas. Lá também soube colher a simpatia dos que dêle se ocuparam.

Jorge Zarur conheceu então a vida estrangeira, fez-se aos hábitos e costumes, despertou, com a sua inteligência brilhante e seu aproveitamento, o interesse de mestres eminentes que obtiveram a prolongação de sua estadia.

Por isso, quando de volta ao Brasil, foi acertadamente enviado de novo aos Estados Unidos, em missão técnica, por Cristóvão Leite de Castro. E lá, para o maior proveito seu e do Conselho Nacional de Geografia, tirou partido Jorge das boas amizades feitas quando estudante. Muito obteve êle da simpatia dos mestres americanos, ficando, de então em diante, a sua vida ligada às relações profissionais que o nosso país mantém com os Estados Unidos. Jorge foi o êle mais poderoso desta cooperação que nos é tão útil. Com a sua esclarecida generosidade, fez questão, no Conselho de Geografia, que companheiros seus também tivessem a oportunidade de ir estudar onde êle havia se formado. Enviou jovens geógrafos aos Estados Unidos e obteve que mestres americanos viessem nos visitar. *E assim, durante alguns anos, zaimador* ativo e bom conselheiro, foi o braço direito de Cristóvão Leite de Castro na administração do Conselho de Geografia que, no dia 24 dêste mês, perfaz os seus vinte anos de existência.

Depois? - Depois, a vida de Jorge Zarur pertence à história da geografia brasileira que todos conhecem. Há dias ainda, o distinto geógrafo Ney Strauch, por ocasião da colocação do retrato de Jorge na Sala do Diretório do Conselho Nacional de Geografia, traçava, em poucas linhas, a fisionomia moral e as feições intelectuais do companheiro desaparecido. Poucas vêzes ouvi tão merecidas palavras ditas com tanta sinceridade! Colocou-o entre os mestres da geografia brasileira, entre os mais operosos de seu tempo, pelos escritos e pela infatigável atuação.

Não vem ao caso repetir aqui o que Jorge Zarur conseguiu nos Estados Unidos para os serviços de geografia a executar no Brasil. Sua iniciativa e sua ação foram de grande proveito. Em 1952, em Washington eu ficava surpreendido do prestígio de que gozava êle entre as altas autoridades do Instituto Panamericano de Geografia e

historia. Chamavam-no de "Zarur of Brazil" e sempre eram bem recebidas as suas idéias e seus planos. Ao nosso então embaixador, cheguei a dizer: "A, B e C mandam na geografia panamericana, mas quem manda neles é o Zarur". E subitamente, desaparece esta fonte de inspiração!

Quanto a mim, que mais poderia ter feito para o meu filho Jorge? Nada. Ele já me tinha ultrapassado nos estudos de geografia: discutíamos geopolítica... Dêle eu só podia esperar simpatia, cordialidade, gratidão. Ah! Esta nunca me faltou. Como podia imaginar que tão diminutos serviços prestados a um jovem pudessem despertar, durante três décadas, tão sincero e desinteressado reconhecimento? Meu filho Jorge era profundamente bom; embora em posição de destaque era simples com os colegas e, comigo, sempre atencioso, seguia meus conselhos, mesmo quando exigentes e severos. Generoso com todos, comigo foi generoso ao extremo: nunca hesitou em me proporcionar o que julgava me pudesse ser útil ou satisfazer.

Foi-se o amigo, o momento de sua vida em que, em plena atividade, tinha planos novos a executar, convites para lecionar nos Estados Unidos, conferências a fazer, livros e artigos a escrever. Três dias antes da tragédia, discutíamos ainda uma aula inaugural que não foi dada. Seus numerosos afazeres lhe comprometeram a saúde; o seu otimismo não o deixava ver o mal que a si próprio estava fazendo, deixando de atender aos reiterados conselhos de sua meiga companheira e de seus amigos.

Quanto ainda lhe restava a fazer! Quanto esperava dêle o nosso Brasil! O seu trabalho sobre o São Francisco, um rasgo de patriotismo, a sua tese de concurso para o Pedro II, uma estaca de eficiência profissional, seus artigos, seus pareceres, tudo prometia ainda muitos anos de produção. Entretanto, de um momento para outro, cruelmente, em poucas horas, tudo cessou para sempre e a nossa terra perdeu um dos seus filhos mais distintos, Jorge, um filho espiritual, em quem, na minha velhice, eu colocava ainda tantas esperanças!

Delgado de Carvalho

Petrópolis, março de 1957.

ANEXO J – Vídeo de 10 minutos sobre Jorge Zarur.

<http://www.grupogeobrasil.com.br/videos.php?id=155214184>